OBRAS COMPLETAS
DE
ALMEIDA GARRETT
VOLUMES DE QUE SE COMPOEM AS
OBRAS COMPLETAS DE ALMEIDA GARRETT

1 - Retrato de Venus — História da Pintura —
Fragmentos de poemas inéditos.
II — Elycia — Vol. 1.ª «Lyric de João Manezio» — «Febri-
ías e Contos» — «Sociedades» — «Ode astronômica».
III — Elycia — Vol. 2.ª «Flores sem frutos» — «Poucas ca-
bidas».
IV — Camões, poema em dez cantos.
V — D. Branca, poema em dez cantos.
VI — Alegiadas — RomanCele Reerociadota.
VII — RomanCele — Vol. 1.ª «RomanCe de tradición oral».
VIII — RomanCele — Vol. 2.ª «RomanCe de tradición oral».
IX — Teatro — Vol. 1.ª «Latina».
X — Teatro — Vol. 2.ª «Morgo» — «Impeachment de Cin-
elas» — «Carreira por amor».
XI — Teatro — Vol. 3.ª «Auto de Gil Viúzente» — «Fil-
hotes de Vilarivas».
XII — Teatro — Vol. 4.ª «Alferene de Santarem» — «To
Simpatia».
XIII — Teatro — Vol. 5.ª «Falso verdade a mentir» — «As
Procesadas de Sindicdo» — «Um potério no D'afamado» —
«O Lamento de Rocio».
XIV — Teatro — Vol. 6.ª «Prefet Luiz de Seis» — «A So-
breda de Mareqine».
XV — Arco de Sant'Anna — Chronica portuguesa — Ma-
nuscripto colhido no convento dos Grilos, no Porto, por
um solo do do corpo acedónico — Vol. 1.ª
XVI — Arco de Sant'Anna — Vol. 2.ª
XVII — Helena (Fragmento de um romancesce.
XVIII — Viagens na minha terra — Vol. 1.ª
XIX — Viagens na minha terra — Vol. 2.ª
XX — na educação — Cartas dirigidas a uma senhora il-
lustre, encarregada da instituição de uma joven princi-
pe.
XXI — Bosqueclo da Historia da Poesia e Lingua
portuguesa — Outras escritas — Empres-
soes e viagens.
XXII — Memorias biográficas.
XXIII — Portugal na balança da Europa — «Do que
tem a ver e do que o que não convem ser na nova ordem
de coisas do mundo civilizado».
XXIV — Política — «Reflexos e oppusos» — «Corresponden-
cia diplomática» — Vol. 1.ª
XXV — Política — «Reflexos e oppusos» — «Corresponden-
cia diplomática» — Vol. 2.ª
XXVI — Discussões parlamentares.
XXVII — Cortes íntimas.
XXVIII — Garret e a sua obra, por Teodoro Braga.
LYRICA

VOLUME II

FLORES SEM FRUCTOS — FOLHAS CAÍDAS

EDIÇÃO ILLUSTRADA

LISBOA
EMPREGA DA HISTÓRIA DE PORTUGAL
Societade editors
Livraria Moderna — Typographia
RUA AUGUSTA, 55-63, RUA IVERNA, 41
1904
LYRICA

III

ADVERTENCIA

Das poesias lyricas do auctor de Camões e de Dona Branca, o publico pouco mas possue do que a collecção impressa anony-

mamente em Londres em 1829 com o titulo de Lyrica de João Minho. Ou não a con-

hecia, ou não lhe conhecia o auctor, a Re-

vista Estrangeira de Londres quando, em

1832, lamentava não ter visto os ensaios

poéticos do nosso insigne escriptor, a quem

principalmente avaliou como a critic e his-

toriador litterario. 5

Achando-se extincta, ha muito, aquella

edição, tratámos de a reproduzir conforme

o prometido no programa destas obras;

tendo recorrido ao auctor, que a reviu e

augmentou, e coordenou mais regularmente

pela ordem das tempos, houvemos de elle

tantamente a presente collecção, que é o

5 The Foreign Quarterly Review, october 1831, pag. 407.—Ahi é censurado o collector Fonseca por

não ter inserto no Paraiso Lusitano algumas das

primeiras composições do Sr. Garrett, cujo Resumo

da Historia litteraria de Portugal vem à frente da-

quella collecção, Paris 1836. 5

LYRICA III
complemento e continuação d’aquell’outra; pois que a *Lyrica de João Minímo* é a escolha das composições lyricas do Sr. Garrett desde seus mais tenros annos, começa em 1815, termina em 1823, isto é, dos doze aos vinte, vinte e um annos do nosso auctor; e o presente livrinho comprehende tudo o que elle julgou dever deixar publicar do que tem escrito no mesmo genero d’aquelle anno em diante.

Feita esta preciosa acquisição, pareceu-nos que os desejos do publico seriam melhor satisfeitos começando por ella a imprimir desde logo, e deixando a collecção antiga, já mais conhecida, para o depois.

Resta-nos dizer que, pela nova e melhor ordem que agora levam as collecções, duas ou tres peças que andavam, por incorreção de datas, na *Lyrica de João Minímo*, tiveram de passar para a presente collecção, assim como n’aquell’outra se foram colocar muitas que lá faltavam.

*Lisboa, 10 de Junho* 1844
FLORES SEM FRUCTO

Em quanto fui poeta affrontei-me que m’o chamasssem; hoje tenho pena e saudade de o não poder já ser. Era uma viciosa vergonhia a que eu tinha, porque não ha melhores nem mais nobres almas que as dos poetas: agora o conheço bem, desde que o não sou, e que sinto as picadas das má paixões e dos acres sentimentos da baixeza humana avisarem-me que está commigo a edade da prosa; — como ao que teve folgazan e solta mocidade o avisam os primeiros latejos da gota de que lhe está a velhice a entrar em casa.

Dieta, regularidade e moderação prolongam a juventude do corpo; mas quando a alma chegou a enrugar-se, não ha hygiene que a desfranze. A minha está velha; e a todos os achaques da velhice, junta essa fatal e mortadora saudade do passado. Quanto dera eu por ver e sentir como viva e sentia quando pensava pouco e sentia muito! Quem me dera ser o louco, o doido, o poeta que eu tinha vergonha de ser! E de que me serve a reflexão, a experiencia, a razão como lhe chamam, senão é para ver de outro modo as illusões da vida, para as ver do lado feio, torpe, baixo e vulgar, quando eu as via d’antes esmaltadas de todas as côres do Iris, bellas de toda a poesia que estava na minha alma, grandes de todas as virtudes que eram no meu coração!
Ora pois! não sou já poeta; podem-me fazer «almotacê do meu bairro», quando quiserem. Forte semsaborão ganhou a patria! E custou; que levaram muito tempo e muito trabalho para me despoetizarem; foram precisos anos de rudes luctas, centos de desenganos, milhares de desapontamentos para me fazerem conhecer o mundo tal como elle é, os homens, como elles são. Cheguei enfim a isso, e deixei portanto de ser poeta. O meu horto de flores tem queridas e mimosas, que não davam fructo, mas alimentavam a vida com seus aromas de benefica e nutritente exhalacao, que eram como aquellas otras flores de que disso Camões:

Contam certos auctores
Que, junto da clara fonte
Do Nilo os moradores
Vivem do cheiro das flores
Que nascem n’aquelle monte:

o meu horto vou plantal-o de luzerna e bejarabas. E arranquemos estas flores, sem fructo, não as veja algum utilitarior que me condemne de relapsos, a ir, de caroche e sambenito poetico, arder n’algun auto-da-fé que por ahí celebrem em honra de Adam-Smith ou de João Baptista Say, ou dos outros grandes homens cuja sciencia é como a do Horatio de Shakespeare que não vê «mais coisa nenhuma entre o céu e a terra do que as que sonha a sua philosophia.»

Não as colhi pois, arranquei-as, estas pobres flores que aqui enfeixo n’uma triste e ultima capella para deixar depêndurada na minha cruz; e ahí murche e segue ao suão
ardente do deserto em que fica, até que me venham enterrar ao pé d'ella, aqui onde eu quero jazer junto das ultimas recordações poéticas da minha vida, dos ultimos sonhos que sonhei acordado, e que valem mais do que todas as realidades que depois tenho visto.

E não cuides, amigo leitor, que eu quero dizer n'isto que não fiz senão versos atégora, que não farei senão prosas d'aqui em diante. Por meus peccados, fiz mais prosas que versos, e ajudei a gastar com ellas a mocidade da minha alma e a frescura do meu coração; baixeis de sobej o mundo das realidades, quando tinha azas para me remontar ao ideal, e pairar-me pelas regiões onde viciam as eternas flores do genio. Fiz, quando não devia, fiz prosa em annos de versos. Quem sabe se a stulta vaidade que m'ofez fazer então, me não levará tambem para o diante a fazer versos em annos de prosa?

Não é minha tentação, mas não o juro; que isto de ser poeta é como ser embarcado; um dia aperta a vontade, comem os desejos por tal modo que se vae um homem por esses mares fora, e só no meio do temporal se lembra de que já não é para simillhantes folias.

Isto porém que nasce espontaneo d'alma, que vem, como ejaculação involuntaria de dentro, quando trasborda o coração de jubilo ou de pena ou de admiração; isto que é o falar do homem para Deus naquellas frases incoherentes, inanalysaveis pelas grammaticas humanas, porque são reminiscencias da lingua dos anjos que elle soube
antes de nascer; isto que se entoa e se canta no coração, antes e muito mais bello do que o repita a lingua, d'essas versos não tornarei eu a fazer, porque não posso, porque era mister que Deus fizesse o milagre de me remoçar a alma: e não o fará.

São pois estas quasi absolutamente as úl-

timas coisas lyricas que, por vontade e au-

torização minha, se publicarão d'entre tan-

tissimas que fiz e que, pela maior parte, te-

nho destruído. Não faltará quem diga talvez

que melhor fôra que o fizesse a todas. Mas

não é essa a opinião nem a vontade das

maiorias que consultei. E já se vê que, se-

guado a moda dos tempos, eu consultei as

minhas maiorias, e não fiz caso das outras:

as quais todavia — e não a moda do tempo

— deixo o direito salvo para rallhar livre-

mente e como quiserem.

Já se vê bem assim o porque ponho este

título de Flores sem razão a pequena col-

lecção de poesias que aqui vae. Nem todas

são de primavera estas flores; ha de várias

estações: fruto é que nenhuma deu. Deixa-

riam de ser flores poeticas se o dessem.

O nosso Miguel Leitão chamou á sua Mis-

celanea, Ensalada de várias hervas — e esse

príncipe allemão que é tanto moda, e que

escreve com tam desgarrada elegancia, pôs

a uma das suas collecções de rhapsodias crí-

ticas o título italiano de Tutti frutti. que si-

gnifica o mesmo quasi. E não cuidem que

este prinipe que cito com ser prinipe prus-

siano também, é o aventureiro que aqui an-

dou há dois annos a rabiscar sensaborias a

respeito da nossa terra, metendo para o
acco toda quantá calumnia e mentira lhe deram os estrangeiros e estrangeirados que nos devoram e detestam, para as espalhar depois pela Europa, afin de que o mundo diga: "Muito favor lhe fazem os oppressores d'aquella bruta e estúpido Portugal em o go-
vernarem a pontapés e lhe tirarem o último cruzado novó de que elle não sabe usar!" 

Remítica seja a nobre e generosa princesa que tratou o bandoleiro como elle merecia, e que não tolerou deante de si o calumniador de sua família e da nação que a adop-
tará! Assim fizessem os outros!

Não senhor; Semé-l assass, auctor de Tutti-
frutti, é outra casta de principes; talvez o tratasse mal aqui se elle cá viesse. E não me peja de seguir o seu exemplo de longe, escollendo o titulo que escolhi para esta miscelânea de reminiscencias poéticas.

Mas nem sómente são de várias estações, são também de várias e mui desvairadas es-
pecies estas flores. Aopé do acantho da lyra antiga, vae o trevo e o goivo que enramavam o alahude romantico; o nardo, a mangerona e a mesma rosa da Palestina ousaram cres-
cer entre o loto e os myrtos da Attica; e não em jardim symetrico, riscado a regua e compasso como os do seculo passado, mas de paizagem livre em que se aproveitaram os descuidos e accidentes da natureza e do terreno.

Algumas poucas peças politicas leva esta collecção; e d'ellas ha que nem eu já enten-
do bem; tanto mudaram em tam poucos annos, circunstancias e pessoas que a inspira-
ram. Mas não as podia tirar de um livro em
que vai consignada a maior ou melhor parte das minhas sensações poéticas em toda uma época, é essa a mais aventureira, a mais cheia e mais importante da minha vida.

Novembro 3—1845.
Flores sem fructo

Livro Primeiro

I

Hymno à poesia

Praediam et dulce decus anum.

Rom.

Oh meu amparo, oh doce glória minha,
Tu com quem me achei sempre,
Na desgraça, na mágoa e nos pezares
Para me consolar;
Que me dá voz, suspiros, desafogo
Quando a ventura é tanta
Que pêsa n'alma—e o coração é cheio
A estalar se não fala!
Como te invocarei, que santo nome,
Filha do céu divina;
Te hêde eu dar, ó Poesia, encanto, afixa
Da minha juventude?
Nunca te chamo, que benigna, amável
Não desças do céu puro
A miol-chêias trazendo as magas flores
Que te viçam eternas
Nesses jardins de glória e formasura
Vens—mas tam vâria sempre!
E ora te vejo, no extasi sublime,
Nymphia ligeira e bella,
Como as despidas graças, nua, ingenua,
De arnes, rugados olhos
Que ou já scintillam, vivos do desejo
As ardentas faíscas,
Ou serenos co'a posse, em gosto languido
Meigos, tranquilos brilham...
Ora, cahidas pelos hombros niveos
As longas, longas tranças
Te vão flutuando soltas... Nas chordas
Que em dança alegre travas
Com os alados hymnos que te cercam,
E ao som da arguta lyra,
Formas, em arte, desarraigados passos,
Ou já rasteiros, lentos,
Ou tan altos que zephyro te espalha
As raras, leves roupas.
Já, accordando em modo alto e nobre
A cythara canora,
Dos deuses, dos heróes ergues louvores
Aos sublimeados astros;
Já maviosa, em canto mais singello,
Os dons da natureza,
Os tranquilos prazeres da virtude,
Os mimos da innocencia
E os serenos gozos da amizade
Suavemente entâas.
Já, no extasi d'amor, no rapto ardido
De amante entusiasmo,
Sopras a chamma que a belleza atêa,
E avivas as delicias
Que o deus dos corações infundi na alma
De um par que elle juntara...
Como tímida então pedes, suplicas
E com linguado accento
 Tennis favor imploras suspirando!
Mas logo ousada... roubas
D'entre o virgíneo, recatado seio
Acre belo que ha pouco
Malinda ousava suplicar modesta
Para o colher dos labios!
Toda és jubilo então... Mas quantas vezes
Os olhos enturvados,
Pallida a frente, desgrenhada, em pranto,
Açando de amargura,
Ais de angústia e de morte soluçando,
Gemes co'a lyra e chorais!
Negras surpastes, ardidos címeus,
Desleaes inconstancias
Te andam d'embórno esvaçando em uivos.
E não és menos bela,
Menos gentil erião! Das faces pallidas
As lágrimas, a fé,
A fiu desfazendo, cedem, batem
A espaços compassados
Na cava lyra—e uns aí sumidos, mortos.
De harmonia divina,
Vêm traspasar o coração de mágoa...
Mágoa!... prazer dos céus.

II

A JULIA

Sei de quem se Deixe.

Oh, que suave foi este momento
Que dormir tão feliz, tão descuidado!
Andou me o pensamento
Voando nas delícias do passado,
Requintando o mais puro
Dos gozos que me deste,
Para formar-espíranças de um futuro
Mais divino e celeste.

II

E tu, Julia querida, não dormiste?
Insensível crist
Nessa tristeza de doceuras cheia,
Que as almas como a tua
Tam brandamente enleia
Em acordados sonhos de ventura.

III

Ambos fomos dítosos,
E só dado aos amantes venturosos
Dormir sonhos tão doce;
Vêm depois os prazeres despertais;
Co'a alegre travessura
Amor vem acordal-los.
Elle te chama, suspirada amante,
Pela voz da ternura,
Daixa a melancolia:
São tranquilhos demais seus tenues gosos.
No seio da alegria,
Nos braços da ventura,
Vem connosco folgar por estes bosques.
Por entre esta espessura.

IV
Dêmos de mão a sérios pensamentos,
Em quanto o sol dar-leja
Para longe de nós raios de fogo,
Aqui, onde veceja,
As escondidas d’'elle, a primavera
Com tam frescos verdores,
Gozemos nossos plácidos amores.

V
As cryades sensíveis,
Que dentro d’essos troncos nos escutam,
Oíçam nossas conversas aprazíveis,
As expressões amantes
De dois peitos constantes
Em suas verdes cortiças escrevendo.
Como elas vão crescendo,
Cresçam nossos amoros.
E quando, pelas cópias remoçadas,
Brotarem novas flores
Nas árvores lembradas
De tam doces momentos,
Serão mais lindas as suas lindas córres,
Serão mais engraçadas.

VI
Talvez que a mão de algumas amante as colha
Para adormar o seio,
Do seu querido enleio;
E esse amante dirá:—Julia a formosa,
Julia, tan adorada,
Aqui fói venturosa;
Seja feliz como ella a minha amada!—
Obras Completas de Almeida Garrett

VII

Assim dirás e as crvades lembradas
Rúfio do voto efilado:
Que ellas bem sabem como o deus tyranno
Jurando prometteira
Que tanto, tanto amor como ao meu dera
Não o poria mais em peito humano.

III

O MAR

He asked his harp which he at times could string...
While saw the vessel on her snowy wing.

CHILD HAROLD.

I

Doce esperança, numen bemfazejo,
Vem emxugar-me as lagrimas saudosas
Que em flo de estes olhos me deixas:
Co a porta do alvo mantto a meiga face
Que o acre ardor do pranto me ha crestdo,
Vem consolar-me, vem, alenta o peito
C um sgueriro sorrir d esses teus labios,
Manda-me um rasso teu de luz serena
Que o resfrado coracao me aqueça.
Oh! dos amigos, do meu bem não quero
Que me apagues suavissima lembrança:
Dize-me só que tornarei a vê-los,
Que dos prxios que em tomo me circundam
Hãe índia a salvo descansar com elles,
E já sem medo receberas fadigas
De procelas, de calmzas acintosas,
Duras rajadas, furacões tremendo
E quantos hora me rodeam males
Que olhos fitos em ti, vou suportando.

II

Vem, ó deusa, da vista censevada
Sopra-me a cerração d'utra saudade:
Deixa-me olharr pela extensão dos mares
E ver no immenso das ceruleas ondas
Afigurar-se a imagem do infinito.
Oh! como é grande a mão da natureza!
Que vastos plântios d’ante mim se estendem,
E vão em de redor nos horizontes
Tômar co’as bases da celeste abóbada!

III
Vas-se acclamando agora o firmamento,
E azulado-se o mar co’a luz nascente
Do primeiro, temíssimo crepúsculo.
Elia que assoma, despontando apenas
Coos roseus dedos, a formosa aurora
Vem brandamente a desparar no polo
As roxas, lindas flores, rocadas
Do matutino, bem-fazejo orvalho,
Talvez por mãos dos zephyros colhidas
Nos jardins úlyseros, nas brandas veijas
Ao remanso do placido Mondego...
Talvez hontem ainda a minha amada
Lhe respirasse o lisonjeiro aroma...
Oh! recolhei-as, amorosas filhas
Do placido Nêren, lde nos collos
Dos Tríboes Namorados, lde ao Tejo
E ao manso rio que engrossaram prantos
Da malnada Ignez, lde, lueve-lhé-as
Aos de meu coração, o amigo, a amante;
Dizei-lhes que eu, eu sou que vos envio,
Que depóz vos o coração me foge,
E que só vivo nas memórias d’elles.
Ide ligeiras, sim, correi, ó nymphas...
Mas oh! do patrio meu Douro sombrio
Ah! não, não vades demandar as praías...
Amargosa e cruel me veda a sorte
Recordal-o sem dôr... Ferreas angústias
Lá minho sofrê... lde n’este peito
Verteu perversa mão do deus dos maus
Quanto fez espremeu do peito às furias,
Quanto veneno lhe escumou dos lábios
A ingrata... Ah! nunca mais me lembre o Douro;
Suas riquezas para si que as guardes,
Suas águas turvas impetuosas as role
Por entre as calvas penedias brutás
Que a lóbrega torrente lhe comprimesse:
Vá, que a mim saudades não más deixa:
Só tormentos me deu não posso amal-o...
IV
Vaqueçamos memórias que a fadigam,
E o spectaculo augusto contemplémos
Desse nascente dia. Com que pompá
Se ergue das ondas o astro luminoso,
Como os raios se aviventa o lunéz.
Vae crescendo o fulgor da luz nascente,
Douram-se em redor os horizontes,
O mar se espelha e reverbera o brilho...

V
Salve, imagem do Eterno Alho do mundo
Que a doce vida no universo esparzes!
Ao teu assombro as delicadas flores
Vão na hóstia humilde endireitando as frentes.
Já pela cópa das árvores trufosas
Os fechados botões se desbrocham,
Pulsa na terra germinando e cresce
A encerrenda senteza, espirança e fito.
Do lavrador ceñadó, Ó terra, e quanto
Quantos encobre a vida misterios.
Que nos teus penetraes obram seus raios!
E mais - por muito tempo a nós vedal os
Não o imagines, não vês essa deusa,
Pulido o rosto, os olhos encovados,
Cóes ferros curvos que em seu seio embocbe
Raiga, franquiciag - E a sardia cubica
Que por suas emaranhias faceradas,
As ricas velas dos metaes sangrando,
E vão cavar os crimes e flogicios
Que há de infestar a triste humanidade...

VI
Oh! sal! quanto é sublime n'essa esphera
A magestada tua! como que imperio
Dardelas fogo nos aquosos planos!
Tua vista so no coração cortado.
Do triste viajante alenta a espirança.
E ou, pela espalda de vioso outeiro
Não te vejo surpir, nem brandamente
Ir-se cõe raios teus dourando as mesmas.
Prateando o arroio, os campos esmatando...
Não oixo pelos floridos raminhos,
Modular phénomena as doces queixas,
Nem pastora gentil vejo ao prado
Ir conduzindo os alvos cordeirinhos.
Nada, nada descerbes a meus olhos...
Só tu e o vasto mar... e a saudade.
Mas há na estes solidão também prazeres:
Para quem?... para o sabio?—O sabio preza
O facto apparatus das ciências;
Não vem soar-lhe aqui da fiam os brados,
Nem tanger-lhe os clarins que os évos ganham.
O ambitioso? o avaro?—A todos esses
Eteril é de goso a soledade.
Quem te ama pois, ó soldado dos mares?
O coração singelo, e nunca hevado
Do veneno do crime, nem punhido
Do assazalado espírito dos remorros.
Por essas inmensidão de céus e de águas
Eua alma si dilata e desafoga;
Doce dos olhos lhe devolve o pranto
Coa lebrança dos candidos amigos,
Prazeres que gosou recorda, e folga,
Novos medita, e em meditá-os gosa:
No seio se relinha à natureza,
E deixa as vagas disputar-se o espaço.

VII

Insodavel mysterio! eu curvo a frente
Humilhao ante o Sér que te governa,
O mar, alto pregão da voz do Eterno.
Teus rugiadores soam na tempestade
Acclamam seu poder, e o teu silencio
Na mudez mageosta testuninha.
Sua grandeza immensa. O homem se perde
No arcano de tuas leis e os seclos passam,
Correm os annos, dias se apressaram,
Fugem as horas, os instantes, vôam,
E em de redor do circulo dos tempos
Suam, no curto espaço da existencia,
Um depôs outro, humanos sabedores
Sem o menor colhêr de teu segredos.
VIII
Qual te imagina o pae d'este universo
Que, aglomerando multiformes massas,
Lhe deras sér primeiros; qual... — Mas onde,
Fraca, na de homens, não levaste o homem
Quando, luptando a mesquinhez do engenho
Co'a immensidade dos séres, o desvairaf
E's él da cadeia da existência,
Pensador animal! a alta frouce
Sobre o pô do teu nada abate e humilha;
Vive essa vida, sabora o favo
Que na vida te deu a natureza:
No instinto do teu bem segue a virtude,
Dentro do coração há tens um livro;
N'esse cumpre estudar, esse aprendelo... 

IX
Que munho vae co'a vesellas infunadas
Do amigo sóiro do galerno vento,
O lenheiro batel, varrendo as ondas
Não cobre o manto azul do céu sereno
Nem o pardo menor de nuem fusca;
E mal encrepa a superficie ás aguas
Do amena viração doce bafejo.
Folgam de smôrno os mados nadadores,
Em quanto sequioso o marinheiro
Out patridor anzol lhe esconde a morte,
Out no fargão certeiro lha dardeja
E elle que mal vos fez? a natureza
Não lhe deu como a vós também a vida!
Oçio que me responde o despeitoso
Brado fatal do râspido britânio: *
—E teu estado, a natureza, a guerra... —
Cumpre a destruição as lhes da vida;
E na longa cadeia da existência
Convêm... Que intentas desvairada musa?
Ois que a divina mão selou mysterios
Queres sondal-os? Aponcado e breve
Se este ende além de nós o vasto mundo;
E mais perto os limites escaceam
Dos humanos curtissimos sentidos...

* Hobbes.
X
Como está leite o mar! Não, mais serenas
As namoradas vagas não folgavam.
Quando a meiga, bellísima Érycina
Do esqueno germem resurgia formosa.
Mar, do teu seio a deusa dos amores
Veu adoçar os fados do universo,
Dar à vida ao prazer, prazer à vida,
E o dulcíssimo favo do deleite
Expressar, derramal-o na existência.

XI
Que, mal a frente airosa ergueu das ondas
E as descuidadas tranças mal enxutas
Pelos hombros de nêvo debracadas
Arredos co alva mão dos olhos negros,
Do seio lindo voluptuosas chammas
Subito os mares rápidas lavouram:
Corre o fogo divino e delicioso,
E o reino íntimo de Neptuno abraça.
As bonançosas, acolaimadas ondas,
Beijando as curvas praias, vem na terra
O incentivo depois de escorelos gosos.
Voa a flama subtílo ao céu e aos astros;
Não sabido prazer no Olympe os numes
Sentem ao coração banhar lhe em gosto.

XII
Nasceu Venus gentil, folgare: com ella
Vêm os amores e as despida graças,
As rosas do deleite desapareind
Na alvorada sphaera. Em banda alegre
Ipcos, riscos brincões d'entorno a cercam,
Avidos bojcos, lúbricos revam ti,
Correm alados sorregos desejós;
E as verdus roupas desprestando ao vento,
Pálva amendoa coruza a frente,
Ante elles toda a Esperança os guia.
Feram o grumo das douradas settas
Que aligor frecheiros vão tirando.
Novem de corações corre a entregu-se,
E nos laços gentis prender contente
A mui pesada, inutil liberdade.
XIII

Oh! que banhar de gosto delicioso!
Que afogar de prazer homens e nuances!
Como derrete o gelo da indiferença.
Ante a divina abraçadora chamada!
Como se espalha pela vida o gosto!
Como a existência os vínculos se estreitam!
Como nos eis da cadeia eterna
O sôr se alonga, reproduz e aviva!
Mar l que venturas se vão devem o mundo...

XIV

Filha das ondas, Cythera bella,
Maga deusa de amor, oh! não consintas,
Oh! não consintas que o teu vate anseie,
Sofrè em teu reino desprezados Euros.
Torcer-lhe o rumo, desviar-lhe a proa,
E cravar-lhe d'entorno as grossas vagas.
E teu imperio o măvido osceano.
E no mundo que ha que teu não seja?
Tu c'um sorriso as farfas lhe atroquegas,
Cum só fagaeiro olhar as Iraç crocas
Lhe quebras docemente e ilhas abrandas:
Que esse que outora pelo vírgem pêgo
Quou primeiro confiar-se aos ventos
Teu amparo o salvou, teu mégo auxilio
Lhe abonanço as córulas campinas...

---

IV

BELLEZA E BONDADE

(DE SAPHO)

Quando ávida contemplo a formosura,
Tam breve é meu prazer que foge có'elles;
Mas bondade e lisura,
Mas a inocência, oh! essa é sempre bella.
V.

O SACRIFÍCIO

(DE SAPPHO)

VEM, Athis, coroar de infantes rosas;
Essa frente engraçada, — e as tranças móveis
De teus aurores cabellos, deixa-as sólulas
Peio collo de nave.
Oh! que amável pudor te anima e córa!
Vem, colhe com teus dedos melindrosos
Frescas boêmias, doces violetas
De susurrioso aroma;
Que a vítima de flores coroada
Sempre é mais grata aos deuses. Vem: teremos
Estas selvas suspidas por alturas,
Onde a minha ventura
Me hede elevar aos numes soberanos.
Enlaça em torno a mim essas grinaldas,
Reclina-te em meio seio, os olhos bellos
Para os meus olhos volve....
Que linda coras! que formosos labios!
Essa pulida tex não cede às flores:
Não, que a viveza de sua cór brillante
O esplendor não te ofusca.

VI

A LYRA

(DE ANACREONTE)

De gosto cantará Atridas,
E a Cadmo ergüera louvor;
Porém as cordas da lyra
Só sabem dizer amor.
Ha pouco, mudando-a toda,
Novas cordas lhe assentava,
E de Alcides os trabalhos
A cantar principiava;
Mas, contra as minhas tenções,
Em vez de marciaes fúor os,
De temosa e como a acinte,
Sempre vae soando amores.

Adeus, herói! adeus, glória!
Adeus guerreiro fúor!
As cordas da minha lyra,
Só sabem dizer amor.

VII

GOÇO DA VIDA

(DE ANACREONHE)

Do luto e de marbas
Num leito virente,
Rebendo contente,
Me vou recostar:

E os cópos alegres
Me venha Cupido,
De gala vestido,
Aqui ministrar.

Qual roda de coche
No giro apressada
A cidade acordada
Nós vão a fugir.

Desfeitos os ossos
Em van cinzas leve,
Eremos em breve
Na campa jazer.

Porque hás de os sepulcros
Em vão ser ungidos,
E esses dous perdidos
A terra sorver?

Dá-me antes em vida
As c'rajas de rosas,
E essencias cheirosas
Para eu me tocuar.

Ou traz-me uma bella
Que com seus amores,
—Em quanto aos horrores
Do vôo não vou—

Me venha estes gostos
Dobrar melhorados,
E os negros cuidados
Todos dissipar.

VIII

A FORÇA DA MULHER

(DE ANACREONTE)

Ao touro deu corneas pontas
A prúcia natureza,
Deu a lebre a ligereza,
E a dura pata ao corcel.

A voar ensina é arco;
A nadar ao peixe mudo,
E deu ao leão sanguíne
O dente destruidor.

Aos homens deu a prudência;
A mulher não pode dar-l-a;
Acaso quer desherdar-l-a,
Ou então com que a deteta?

Por armas e por defesa
Deu-lhe as fórmas engraçadas
Que o ferro, o fogo, as espadas,
Que tudo podem vencer.
IX

A ROSA

(DE ANACREONTE)

A rosa a amor consagrada
A Lyeu associamos;
Co'as folhas da lind'rosa
Nossas frentes coroamos,
Entre os copos a brincar.

A rosa é a honra das flores,
E o amor da primavera,
E' dos nusos o deleite;
E o menino de Cythera,
Quando aos coros vae das Graças,
Leva sempre as tranças bellas
Com delicadas capellas
De lindas rosas tocadas.

Eia poé! tu me corón
Se me queres, ó Lyeu,
Cantando ao templo teu
Doces hymnos a entoar;
Ore, de rosas coroado,
Com gentil donzella ao lado;
Esa mesma às tuas coréas
Co sacro thyro guiar.

1823.

X

A POMBINHA

(DE ANACREONTE)

De onde vieste,
Amarvel pombinha,
Gentil avezinha,
Aonde és que vês?

De d'onde trouxeaste
Aroma tão brando
Que esparzes, vosando,
Por todo esse ár?
— Foi Anacreonte
  Que ao seu bem amado
  Com meigo recado,
Aqui me mandou:

Seu bem, que reparte
  Dos lumes divinos
Ao mundo os destinos
N’un languido olhar.

Da maga Cythera
  O cego menino,
A tróco de um hymno.
Ao vate me deu:

Sou de Anacreonte
  Agora o paqueto,
E’ elle o bilhete
Que vou entregar.

Prometeu-me cedo
  De dar-me alfórdia,
Que eu antes queria
Sempre sêcrava ser...

Que gozo é no mato
  Andar pelas fragas,
Viver só de bagas,
Nos ramos dormir?

Da mão de meu dono
  Como alvo pãosinho,
E só hebo vinho
Do que elle me dá.

Às vezes alegre
  Saltando, esvoaçô,
E sombra lhe faço
Co’as azas a dar;

Ou quando me sinto
  De sono pesada,
Na lyra dobrada
Me deixo a dormir.
Adeus! que me fazas:
Ser mais palradeira
Que a graiha grasneira
Com o teu perguntar.

1831

O GENIO DE PINARO

(De Horacio)

Quem atrevido quer luctar com Pindaro,
Flia-se em asas que pegou com cá
A arte dedilhe—e háde ir dar seu nome
Ao vitreo pego.
Comem esse rio que engrossou co'a cheia'
E vem do monte, as ribas alagando,
Tal serve e corre da profunda boca
Pindaro imenso.
Sempre dos louros appollineos digno:
Quem hiperambe cante em novos termos,
E livre entro numerosos versos
E regra soltas;
Quem cante os names, ou reis sangue d'elles
Que justa morte deram a Centauros,
E horridas charrmas apagar poderam
De uther Chrymero,
Os que, vencendo na corrida ou lucta,
Ricos das palmas d'Elide que ciham
Aos céus se elevam;
Os sobre a esposa abandonada chore
A quem roubaram o marido jovem,
A areos custumes e a virtude exalte,
Pragueje o inferno,
E forte a aura que, em subindo às nuvens
O dirceu cysne, lhe propelle os vôos.
Eu, meu Antonio, como a abelha humilde
Que afadiga;
Por bosque e prados, às ribeiras humidas
Colhe do Tibur os tomilhos gratos,
Assim a custo meus lidos versos
Componho timidamente.
XII

GLYCERA
(De Horácio)

Manda a mãe dos amores,
Da tebana Semele ordena o filho,
E a lasciva licença,
Que a já fíndos amores volva o ânimo.
De Glycera que brilha
Mais pura do que o mármore de Paros
A nitidez me inflama;
Grato me inflamia o garbo desenvolvido,
E aquele gesto lindo,
Tão tentador, tão lucido de vêr-se.
Chupre desamparando,
Vem toda Venus sobre mit de golpe:
Nem já cantar de Scytus
Nem do Partho esforçado e cavaleiro,
Que no corcel voltado,
Fugindo e plejando, se retira... Nada que seu não seja,
Nada já me consente.—Aqui, mancebos,
Trazei-me aqui vertentes,
E ponde-me em altar de toisas vivas
i aças de vinho, incensos;
Que a vítima será depois mais branda.

1831

XIII

O HINVERNO
(De Alleu)

Jupiter chove, pelo céu se enturva
Fremeente o ar;
Turgidas crescem as torrentes grossas
De água a jorrar.
Frigido inverno s'ombrer nas fogueiras
Do roxo lar;
Corra-nos vinho, franco, de mão larga,
Vamos, virar!
Obras Completas de Almeida Garrett 27

Beba-se, e já: porque a luz havemos
Ainda esperar?
Rapido é o dia, lentos são pezares,
Maus de acabar:
Deu-nos-o, o vinho, de Semele o filho
Para os matar.
Vídios copos, um a um, cá dentro
Se vão juntar;
E aprista luta travam na cabeça,
Que hão de quebrar.
Agua?... mostrar-lhe: duas vezes vinho
A tredobar!

1825

XIV

A ESPADA DO POETA

(D de ALCEU)

E u coroarei de myrto a minha espada,
Como a de Harmódio, honrada,
E como a de Aristogiton, o forte,
Quando ao sevo tyranno deram morte,
E Athenas libertada.
Foi a igualdade antiga restaurada.
Tu não morresse, Harmódio, oh nê! tu gosás
Nessas ilhas ditosas
Séria vida c'os heróes que ali moram,
E onde, c'emo's, dormiram
Diomedes, o valente,
E Achille, o veloz, eternamente.

De myrto a minha espada
Trarei como Aristogiton c'roda,
E como Harmódio o forte
Que à vingança a reserva,
Quando, nos sacrificios de Minerva,
Ao tyranno Hypparcho deram morte.

Em prezada memoria
Viverá para sempre eternamente,
Harmódio, a tua glória,
E a tua, Aristogiton valente,
Que o tyranno matastes,
E a liberta cidade
O usurpado direito restaurastes
Da primeira igualdade.

XV

OSCAR

(IMITAÇÃO DE OSSIAN)

I

Ardea em torno a mim a natureza,
So descavadas penedas bronceas,
So crespo, alvo regio me descobre:
Dorme a vegetação nos troncos secos,
Morre no feito congelado o rio...
Toda repouso em lugubre silêncio
A vida do universo, em frio espasmo
Da existência pareo cansada a máquina.
Desabrida estação! quanto a minha alma
Se amabe na madez de seus horrores?
Todo o vigor se me acolheu, do corpo,
Ao coração ao peito; a alma comprimida
Resalta e pula às regiões etereas

II

Velos imaginás, mas asas tuas;
Eis-me livrado! pelos âres vago.
E espaços vingo de alongados máres,
Desço na terra e poio... Oh! qual me cerca
Encerejada cerração confusas.
O mundo isto que vejo, é terra ainda.
Esta que piso?... Não descobre olhos
Mais que nuvens e horror, trevas e cabos...
Lá se adeliga um pouco Já nêvoa grossa:
Vejo urigar-se ponteagudas penhas
Hirtas de abrélios a alhejar c'oa neve...
Lá cae de chóre em catafupa, e soa...
Horrendamente, com frugar tremendo
Torrente immensa na solidão do valle;
Ela sombria se desvolve e espera
Pela extensão de um lago...

III

... D’além vejo
Vai pelos tópicos dos fronteiras montes
Gravá e pausado silencioso velho
Em vagaroso passo caminhando.
Longa dos homens ao talar lhe desce
Alva, comprida tunira; na dextre
Traz uma bástea de lança farpeada,
E pendente da esquerda uma harpa antiga
Onde o vento ressoa em oucos ecos.

IV

Gomea de os escutar o ancião dos tempos,
E de profunda mágoa lhe soluça
O peito descarnado. El-o que a torna
Nas mãos trementes, e lhe apalpa as cordas
Estremeadas do vento, e desmontadas
Do longo correr de annos. Já se afina,
Já tros altivos sons em modo lugubre
Mas desusado e novo. Oh, que de Thura
É este o vate, Ossian este é por certo.

V

Não me enganeis; era de Ossian a sombra,
E assim cantou:
Oscar, Dermid são mortos.
No florecer de esperançosos annos,
Caiu amor cruel em caras vidas.
Caruth é pai de Oscar, Caruth os chora,
E a morte dos mancebos infelizes.
Conta ao filho de Alpin. — Porque, diz elle,
Porque abrir-me de novo a face ao pranto,
Porque outra vez o peito me laceras?
Filho de Alpin, porque a pedir-me volves
A triste narração d’aquelle morte?
Oscar, Oscar, meu filho!... Ai, d’estes olhos
Iá se afogou a luz no mar de lagrimas:
Só a memória das desgraças minhas
Dentro no coração inda não morre!
Como hei de outra vez voltar minha alma
Aquella historia funebre... a esta morte
Do maior dos heróes?—Chefe dos bravos,
Nunca mais te verei, Oscar, meu filho?

VI
Ah, desapareceu de sôbre a terra,
Qual no meio de horrenda tempestade
O astro da noite, como o edê brillante
Quando pesada cercação de nuvens,
Que das aguas se elevam, se condensas,
E as crespas, fuscas rochas d’Ardenider
Co’o negro manto pallida rebecca.
E eu triste, eu só no solitário alvergue
Definho, a pouco e pouco, em mágoa e sécco,
Qual orme antigo da escabrosa Móven
Que arido vento despejou dos ramos,
E que, ao mais leve susurra do norte,
Nuasi vacilla e cae.—Chefe dos bravos.
Nunca mais te verei, Oscar meu, filho?

VII
Não cae, filho d’Alpin no campo o bravo
Como a herva do campo; a sua espada
Puma primeiro, do inimigo sangue;
Antes de succumbir, tremendo rompe
Co’a morte ao lado, os batalhões cerrados
Das hostes orgulhosas. Mas, o filho,
Mas tu, meu caro Oscar, mas tu morrestes
Sem que inimigo algum fose, a teus golpes,
Na região da morte anunciar-te
Tinta no sangue a tua lança, oh triste!
Do teu amigo foi...

Um só nos peitos
Oscar, Dormid um coração só tinham:
Juntos iam ceifar da guerra aos campos.
E sua estreita amizade era mais forte
Que o aço da armadura que os vestia.
Entre ambos sempre unidos nas batalhas,
Marchava a morte sempre; justos ambos
Cahiam de rondão sobre o inimigo,
Quais dois rochedos que dos topses d'Arven
Se despegam e cãem na terra e jazem.
Suas espadas fumegavam sempre
Do sangue dos mais fortes gotejando,
E só de ouvir seus nomes, enchiam
De palído terror bravos guerreiros.
E quem, senhor Dermid, a Oscar semelha,
E quem, senhor Oscar, Dermid eguala?

VIII

Dargo, o valente Dargo, a quem na guerra,
Ninguém nunca já mais não viu as costas,
Dargo a seus golpes secundam tremendo.
Como o dia a nascer, mais bela ainda,
Era do morte heroe a bella filha,
Docor como o brilhar da branca lua.
Tinham seus olhos o luiz de estrelas
Que através de chuvas nunca fulgem;
Na primavera o suspirar da brisa.
Mais suave não é que o seu bailejo;
Recem-gesa da manhãs a neve,
Quê se onot alvejando nas esteras,
De seu candido seio é froxa imagem.
Viram-nos os dois heroeis; ambos a amaram;
Adorava-a cada um como a sua gloria,
Possuia-a ou morrer ambos queriam.
Porem da bella o coração rendido
A Oscar ficou, a Oscar toda se entrega;
Ja cega beija a mão que o pae matara
E não ve nessa mão de Dargo o sangue.

IX

E Dermid disse a Oscar: — Ouve-me; eu amo,
O filho de Caruth, amo esse bella.
Sei que o seu coração por ti só bate,
Mas a minha paixão nem isso a apaga:
Oscar, rasga esse peito, ó meu amigo,
Seja a tua espada que me livre d'ella.
Quê! tingir no teu sangue a minha espada!
E quem se Oscar não for há-de atrever-se,
E quem é digno de tirar-me a vida?
Morrendo por tua mão, morro com glória,
E eu quero a morte, amigo, mas honrada.
Porã bem, cruel Dermid, empunha o ferro,
E às mãos de seu amigo Oscar expire.

De Branno junto às margens combateram,
Tingia lhe o sangue as ondas fugitivas,
E sangue a relva que lhes borda entorno.
Dermid caiu… n'um último sorriso
De morte o doce amigo saudando.
Filho de Diaran — Oscar brandava:
Fui eu que te matei, Dermid, e, impio!
Tu que no mais ferido das pelejas
Não succumbiste nunca, agora, amigo,
Heide-te eu vêr assim morrer sem glória!

Disse, e a mágica quebrou-lhe a voz no peito;
Vagaroso se afasta, e ao triste objecto
Vae do seu triste amor; ella no rosto
Lhe leu a intensa dor que o aflormenta,
E disse: — Oscar, que nuem tão pesada
Escrece a tua alma?

A minha fama
Perdi-a hoje, apagou-se a minha glória.
Sabes, filha de Dargo, a nomeada
Que eu tinha entre os archeiros: ouve agora
De erguido tronco suspendido o escudo
Estante de Gondar, Gondar o bravó
Que n'um combate minha mão prostrara.
Testei de o traspasso com minhas frechas.
E em vãos esforços se me foi o dia
— Pois bem! tentai o hei eu! lhe volveu ella.
Sabem essas minhas mãos também vibrá-l o
Esse arco destruidor da tua glória.
Que doce é ser mãe

1 - Naac - Vol. 2

Pág. 104
Muitas vezes meu pae folgou de ver-me
Sempre cortas cravas frescas no alvo.

XII

Partem. Traz do broquel Oscar se oculta.
Rapida a seta sibilando voa
Das mãos da bella para o seu amante.
—Arco diboso! moribundo exclama
Jo todo em sangue o campeão dos montes:
—Oh adorada mão! eu te agradeço.
Quem fôra digno de enviar-me de sombras,
Ao filho de Caruth quem se arrevera
Senho a filha do valente Dargo?
Ah! sej ez integro este favor, querida!
Leva-me ao pé do meu amigo e deixe me,
Que morrerem em paz. —Oscar, responde.
A donzella: e eu não sou filha de Dargo?
Eu sei também morrer como tu. —Disse,
E o bello seio atravessou n’um ferro.
Corre o sangue... ella treme e está morta.

XIII

Juntos descansam do ribeiro á margem:
Cobre-lhe a campo a movediça couça
De um aleno frondoso. Ao meio da
Desce o gamo fugaz do alto monte
E aqui vem passar á sombra, em quanto as chammas
Ardem no firmamento, e todo entro.
Nas alvas, longas roupas o Silencio
Em derredor dos proximos oesteiros
Reina em toda a madrug da natureza.

XIV

Assim cantava o caledonio vate:
E de seu canto as derradeiras notas
Ainda em meu ouvido ressoavam
Quando um raio do sol de luz creadora
No aposento me entrou e a meva toda
De Escota dissipou, libertou-me ama

LETRA II
De não sei que apressão, e me devolve
Aos doces climas da pálida Elysia.


XVI

A DOMINGOS SEQUEIRA

SAHINDO DE PORTUGAL

Fuge fílasses et arvens
Vinc.

Filhas da natureza, Artes divinas,
Que douras a existência,
Que o mimo sois da vida, e doce adago
Que abranda nossas penas.
Nem vos, candidas vírguas, nem vos mesmas
Dos grilhões escapastes
Com que amarraste, aos argolões do averno,
A tyrannia, a terra.
O sépro crastado do Despotismo
Vos marcbas graça e flores;
Da escravidão o bafo pestilente
Da face para a engeme.
Vos destingue a cendidêz e o pejo;
A cáfora limê, Coa torpe mão, no rosto macerado
Vos pós linda máscara.
Trasmudas assim vos vivi o mundo
Exguer com servil dextra
Padrões inglorios ao coronoado vício,
Monumentos de infamia.
Tal o cínzelo que lavra insigne estátua
A Catôs e a Titos,
Corta o busto de Nero e de Calígula;
Taes as divinas tintas
Que as augustas feições eternizaram
De Socrates, de Pítion,
No adulador pincel perdendo a glória,
De torpes Heliodábalos
Rosto envergonhador da humanidade
Criminosas conservam...
Bem vindo sejas, ó Sequeira ilustre,
D'essa terra maldita
Onde crucificou a Liberdade
Povo de ingratos servos.
Tu que os louros de Vasco e de Campello
Reverdecer fazias.
Por aquelle marinho preguiçoso
Que foi terra de Lysia,
Filho de Raphael, bem vindo sejas
A este asilo santo.
Com o nobre pincel, não poluído
No louvor dos tyrannos,
Aqui celebrarás antigas glórias
Da que foi nossa patria,
Ou gravarás em lamina prophetica
O supplicio treuzando
Que a seus cruéis algeses tem guardado
O Deus da Liberdade.
XVII

A CÁVENA DE VIRIATHO

I

Sobre os eternos gelos
Que os picos annuvados
Do alto Hermínio córdam,
Penteava a Aurora os fulgidos cabellos,
E dos annéis opalados
As auras matutinas
Sopravam brandamente
Vilhas e bonitas,
Que para lhe tecer a rédea frente
Colhêra a Neute nos jardins do Oriente.

II

Da precursora estrela
Alva amortece a luz languidamente,
Qual nos olhos exíra
Da rândida donzella,
Quando em braços do amante amor lh'os cerrá,
O espírito da serra,
Cujo é o aceptor das horrídas montanhas,
D'esta luz indignado
Que seu trono de ouvuns lhe dispersa,
O véo desprezado
Co'as asas fúscas bate.

III

Sobre as aguas pairou do morto pégo
Onde vivente folgo não demora,
E c'um sorriso negro,
Similhante ao que ri na fatal hora
O anjo do mal á cabeceira do impio,
Contempla na voragem
As antenas quebradas, rotas quilhas,
Tributo de homenagem
Que o genio lhe enviou da tempestade,
Por vias não sabidas de olho humano,
Dos sotopostos reinos do Oceano.
L'ANTRE DE VIRIATHE

TRADUCTION DE M. DE FLAUGERGUES

Sur les éternelles glaces qui couronnent les cîmes meigeuses du haut Hermione, l'aurore avait déroulé ses cheveux éclatants, et dans ces ondoyants anneaux les brises matinales se jouaient, carressant de leur souffle amoureux les violette et les amarylles que, pour orner ce front vermeil, la nuit avait cueillies dans les célestes jardins de l'Orient.

II

De l'étoile son avant-courrière, l'aube amortissait la lueur qui s'éteignait languissamment. Ainsi s'éteint le jour aux yeux de la jeune beauté attendrie dont l'amour ferme la mourante paupière dans les bras tremblants d'un époux. Le génie de la Serra, le génie à qui fut donné le sceptre de ces monts agrestes, furieux de voir cette lumière qui déchire et disperse le trône de vapeurs où menaçant il ségait, le génie de la Serra déploie son vol, et, de ses noires ailes, bat les airs dans son courroux.

III

Il plane sur les eaux du mort Ocean, d'où jamais souffle vivant ne s'exhale. Il contemple l'horrible abîme et rit d'un rire sentencieux à celui qui, à l'heure fatale, agite les lèvres de l'ange du mal au chevet de l'impie. Le génie du mort contemple l'abîme avec joie; il voit flotter brisées et confondus les nefs, les quilles, les mâts, les vergues. C'est un tribut que le génie des tempêtes lui offre et lui envoie des empire sous-marins par des routes aux humains inconnues.

2 Chaîne de montagnes. Le mot espagnol est Sierra.
IV
Qual a seta desferida do arco d'ebano
Do arcanjo da morte,
Desce do golpe o espírito da serra,
E mergulhou nas águas. Treme a terra,
Os subjacentes mares
De abóbada em abóbada gemendo,
Do boqueirão tremendo
Mandam horrido som que estraga os árvores.

V
Mas já c'oa doce luz do sol infante
As nuvens accessorias
A frente da alta serra destoçavam.
Sobre a relva, no calice das flores,
Qual índico diamante,
Gottas acrósoladas
Do puro orvalho brilham multicolores;
E as plantas acordadas levantavam
Para caudar a luz a híbrida pendente
Do esfriado relento.
A toda a natureza
Vem do astro cêrino amigo alento,
Que renova, que alegra e expende a vida.

VI
Gloria aos altos montes,
Magnífico Hermínio, a quem saúde
A portuguesa loquela
Com o gentil nome da formosa Estrela
Com que tua frente a topear se asteve;
Nunca manhan mais bella
Por teus broncos penedos,
Tuas humidas grutas,
Teus altivos, gigânticos rochedos,
Catedalas sonoras,
Torrentes gemedoras,
Vírgos, ameno prado
Jamais ralou no Oriente apavonado.

VII
Salve, berço do nome lusitano!
N'esta manhã solemne,
Que, em volver de anno e anno,
IV
Rapide comme le trait lancé par l'arc d'ébène de l'archange de la morte, le génie des montagnes descend et se précipite dans les flots. La terre frémit. Les mers inférieures gémissent, et du fond du gouffre embrasé envoient de violette en violette des sons horribles qui troublent les airs.

V
Mais déjà à la douce lumière du soleil naissant, les nuées se dispersent et découvrent le front de l'altière Serra. Sur la verdure, dans le calice des fleurs, les gouttes limpides de la rosée brillent et multiplient leurs lumières reflétées comme le diamant indien. Les plantes éveillées redressent, pour saluer le jour, leurs tiges penchées sous les vapeurs humides de la nuit.

VI
Gloire des monts altiers! superbe Hermínio! toi que le langage portugais salut du nom de brillante Etoile que ton front caucasien, superbe Hermínio, jamais tes cimes brisées, tes humides cavernes, tes sourcilleux et gigantesques rochers, tes cascades sombres, tes mugissants torrents, tes charmantes prairies, ne virent une matinée plus belle colorer le radieux orient.

VII
Salut, berceau du nom lusitaia, salut! J'aime à te

\* Abóbada
Jamais acabará que a apague o tempo
Da saudosa memórias,
Nesta mansão de glória
A ti venho, a ti venho, asfó de santo
Da lastima antigia liberdade.
Teus lobregas cavernas
Me serão templo augusto e sacrosanto,
Aonde da Razão e da Verdade
Celebrarei a festa.
Óuça-me o val, outeiro,
Escute-me a floresta
Aonde do seguro arribujeiro
Seus cajados cortavam
Os pastores de Luso,
Que a defender a patria e a liberdade
Nestes tempos bastavam
De honra e lealdade.

VIII
Hoje!...—Meu santo rito
Aquí celebrarei nesta caverna.
Teu santuário é toda a natureza,
Poderade suprema,
Deus do homem de bem, Deus de verdade,
Inmémia majestade
Que do nada tiraste a redondeza.

IX
Ouve-me, ó Deus, recebe
Meu puro sacrifício.
No torpe malefício
Da tração não manchei
Minhas mãos inocentes,
Nem sacrílego ousei,
Teu altar profanar-lhe,
Queimar o incenso vil da hypocrisia
Com a dexta parricida gotejando
Sangue da patria, lágrimas fraternas,
Suor da viuva e do orfão.
Escuta, ó Deus, nas regiões eternas
Minhas acções de graças n'este dia,
Dia que a regozijar-nos
Do captivo do adiós
Estendeste o teu braço poderoso;
E a razão, liberdade,
saluez en ce jour solennel, dont jamais la suite des années n'effacera la mémoire regrettable.
Dans ce jour mémorable, je viens, je viens vers toi, asile saint de l'antique liberté portugaise! Tes cavernes profondes seront le temple auguste et sacré où je célébrerai la fête de la raison et de la vérité. Que les monts et les vallées m'entendent! Qu'ils écoutent ma voix, les bois où jadis les pasteurs de la Lusitanie occupaient leurs rustiques boulots, en ces temps où, pour défendre la liberté et la patrie, il suffisait de l'honneur et du courage!

VIII

Aujourd'hui!... Eh! bien! je célébrerai mes rites sacrés en cette caverne. Ton sanctuaire n'est-il pas toute la nature, ô puissance suprême! Ô Dieu des hommes vertueux! Dieu de vérité, majesté éternelle qui tiras du néant l'universalité des choses!

IX

Entends-moi, Dieu très-haut, et reçois mon pur sacrifice! La ville et infâme trahison me vendra jamais mes mains innocentes. On ne m'a point vu, sacrilège et impie, profaner tes autels en y brûlant l'odieux encens de l'hypocrisie. Ce n'est point moi qu'on a vu lever vers toi des mains dégouttantes du sang de la patrie, des larmes de la veuve et de l'orphelin, de la sueur d'agonie de mes frères... Oh! ce n'est pas moi!

Écoute-moi donc, ô Dieu des régions éternelles, écoute et reçois mes actions de grâces! Qu'elles montent vers toi en ce jour ou, pour nous livrer d'une servitude odieuse, tu étendis ton bras puissant en ce jour où tu daignas rendre à l'humanité si long-temps opprimée la liberté et la raison, ces dons sacrés que tu fis à l'homme et que l'homme avait perdu!
Donus teus, do homem perdido,
Restituiste à opressa humanidade.

X
Mas qua sintis! — Desvairam-me os sentidos?  
Estas cavernas tremem...  
Entornos os âres fremem...  
D'ecos em eco medonhos estampidos  
Reflectem pavorosos!  
Do extreto fundo lá d'esse antro surde  
(Vistinguished é esta)  
Espectro, sombra...  
— Manes gloriosos  
Sois vós dos algum heroí? — A lança, o escudo  
Embrançam, empunhais ao pé Águias romanas  
Prostrada... ohl Virínia  
Ex tu, sombra magnanimus...  

XI
Tua caverna é esta:  
De tua glória e teu nome é cheio ainda...  
O val, monte e floresta,  
Liberador da antiga Lusitânia,  
Das regiões da morte  
Viste-se ver brilhar a doce aurora  
Da nova liberdade  
Sobre teus patrios montes!  
Esconde, esconde a face, o varão forte,  
Volva ao turmo: a raça traidora  
Não acabou no vil que a prego indigno  
Te vendeu aos tyranni do universo:  
O sangue d'esse monstro  
Em quantos corações bate hoje a larga!  
São mil por um perverso;  
Covardes todos. — Ferros que empunhaste!...  
Os Lusos teus para salvar à pásra,  
A alas de sicarios se tornaram  
Em milhos de Portugueses...  

XII
Patris!... não temos patria...  
Oh! não ha para nós tal doce nome.  
Grilhões, escravos, carceres e algemas...  
De quanto ordi'ora fomos,  
Isto só nos restou, só isto somos.
Mais qu'entends-je !... Mes sens se troublent.

Ces antres sombres magissent... L'air autour de moi. L'air frémit. D'écho en écho se répètent des sons mystérieux. Du fond de la caverne obscure, quelle vision se lève ? quelle ombre ?... Mânes glorieux, êtes-vous ceux d'un de nos héros ? Mais la lance est dans sa main terrible, son bras soutient un bouclier, ses pieds triomphants foulent les aigles redoutables de Rome... C'est toi, ô Viriathos ô guerrier magnanime ! c'est toi !...

Cette caverne est la tiède, ton sauvage palais.
Le mont, la plaine, les vallons, sont encore remplis de ton nom et de ta gloire. Libérateur de l'antique Éthiopie, des régions de la mort tu reviens pour voir beller sur tes monts paternels la douce aurore de la liberté nouvelle... Détourne, détourne ton front auguste, ô noble guerrier ! Reçoche-toi dans ton sépulcre ! Elle n'est point ancienne la race perdue de ceux qui, pour un honteux salaire, te livrèrent, te vendirent aux tyrans de l'univers. Le sang de ces monstres, ce sang insensible, hélas ! dans combien de lâches coeurs ne circule-t-il pas aujourd'hui ? Pour un pervers, en en compte mille. Lâches, ils le sont tout. Ô torturais ! les glaives que vous saisissez pour sauver la patrie, se sont changés dans vos mains en poignards tels qu'en aiguisent de lâches échevres de la tyrannie.

La patrie ! ah ! nous n'avons plus de patrie;
pour nous n'existe plus un nom si doux. Des lacs, des esclaves, des coquilles, des gédilles, de tout ce que nous fûmes jadis, voilà ce que nous sommes.
XII
A SOMBRÃ DE VRIATHO

"Não sois mais que isso, O dão da justiça
Do Eterno chegarás, Sua hora tarda,
Mas infalível, soarás n'altura;
E os ecos da planície hão-de anunciar-a.
Os impíos buscarão onde escender-se,
E a terra negará couto a seus crimes.
Mares de sangue cobrirão a terra,
E a morte folgará sobre as ruínas.

XIV

"Mas quem, quem desprendeu as cataractas
Do sangue, do castigo?
O impío que blasfemou
E de dizer ousou
No tredo coração:
— Não ha fuit; abatemos
Afeito os de seu nome
Para aveiar os povos; escudemos
Cõ esse phantasma vão nossos embustes.—

XV

"Cegos estáe no pelago dos males,
Luctae com a ancia da morte: não ha tábua
Para vos, não, de salvação, de esperança.
— Uma arca só por esses mares vega,
Arca de aliança nova,
Senta, e sagrada é esta!...
Pacto de Deus cõ'os povos. Liberdade
Só restará do universal dilúvio:
Da raça dos tyranos,
Da fratricida guerra
Que atedra a oppressão entre os humanos.
Nem a memória ficará na terra."

1814.
L'OMBRE DE VURIATHO

«Non ! vous êtes, vous serez quelque chose de moins indigne, Portugais ! Il arrivera le jour de la justice de l'Éternel. L'heure tardive mais infaillible va sonner sur les hauteurs lorraines. Les échos de la plaine proclament l'heure terrible. Alors les simples voudront cacher leur visage et leurs œuvres, mais la terre refusera de les soustraire aux regards et de couvrir leurs crimes. Une mer de sang couvrira au loin le sol tremblant. La mort planera sur des montagnes de ruines.»

«Qui attire ces torrentes de vengeance, dites, qui fait mugir ces cataclastes de sang? Le tyran impie qui blasphème, le monstre qui osa dire dans son cœur pervert: «Il n'y a point de Dieu; c'est un vain nom dont nous nous servons pour asservir les nations. C'est un fantôme que nous offrons aux peuples abusés pour leur dérober les pièges que nous dressons sous leurs pas.»

«Aveugles vous-mêmes! niez Dieu maintenant! souffrez, si vous pouvez, sur cet océan de maux que vos crimes ont enlevé! Luttez contre la mort!... vous luttez en vain. Pour vous, désormais, point de planche de salut, point de secours, point d'espérance! Une nef solitaire vogue sur les grandes eaux; c'est une arche sainte et sacrée, l'arche d'une alliance nouvelle.

«C'est le gage du pacte immortel de Dieu avec les peuples. Liberté, céleste Liberté, seule tu survivras à ce naufrage universel. Et de la guerre fratricide que le despotisme alluma, et de la race des tyrans, aucun souvenir bientôt ne restera plus sur la terre.»
XVIII
O ANNO VELHO

Vae-te, anno velho, vae-te, a nunca voltas
Dos séculos no giro;
Sumido sejas tu nas profundezas
Da imensidão da nada,
Anno parvo e poitro; chôco e sem prestígio,
Inutil como um conselho.
Quem teu caso de ti? Nem praguejado,
Nem hereditário morreste,
Sem deixares legado ou testamento
A desherdada história.
Foram teus dias, dias de rotina,
Como as horas subidas
Da encehada, suja caderneta
De um lente de Coimbra;
Tuas horas, as horas marianas
Da velha abbadessa
Que ha quarenta annos tem no mesmo sitio
O babado registo
Do santo favorito.—Vae-te, vae-te,
Carunchoso anno velho;
Trague-te o olvido inteiro; mais memoria
De ti não fica a terra
Do que deixa um abade de Bernardos,
Da Academia um socio.

XIX
A TEMPESTADE

Sobre um rochedo
Que o mar batia,
Triste gemia
Um desgraçado,
Terno amador,
Já nem lhe cáem
Dos olhos lagrimas;
Suspiros fervidos
Apenas contam
Seu triste amor.

II
Cordes, clamava o misero,
Ondas que assim bramam,
Ouvi meus tristes ali
Horribil tempestade,
Medonho furacão,
Não é mais agitado
Do que o meu coração,
O vóssor despregado,
Horrívole braços,
Anxia que atropele
Meu lânguido peito,
E mais violenta
Que o tempo desfeito,
Que a onda encapella,
Que agita a tormenta
No seio do mar.

III
Mas, ah! se o negrume
O sol dissipará
Calmára,
Seu nu ave
O horror do refluxo,
Assim à minha alma
A calma
Daria
De Annia
Um sorriso:
Um raio de esperança
Do paraíso
Traía
A bondança
Ao meu coração.

1828,
XX
TRONCO DESPIDO
Sine nomine: corpus Vitæ.

Qual tronco despido
De folha e de flores,
Dos ventos batido
No inverno gelado,
De ardentes queimadores
No estio abrazado,
De nada sentido,
Que nada elle sente...
Assim ao prazer,
A dor indiferente,
Vão-me horas da vida
Comprida
Correndo,
Vivendo,
Se e vida
Tam triste viver.

XXI
SOLIDÃO
Abossegai-me fingindo e viva
na sociedade.
ASSÉE—DE PAILL.

1.

Solidão, eu te saudo! silêncio dos bosques, salve!
A ti venho, ó natureza; abre-me o teu seio.
Venho depor n'elle o peso abatrécido da existência; venho despir as fadigas da vida.
Quero pensar só comigo; quero falar a sós com o meu coração.
Os homens não me deixam; amparas-me vós, solidões amenas, abriga-me, ó solidões deletíolas.
Franqueia-me, ó soledade, o tesouro das tuas alegrias; abre-me o santuário das tuas grutas.
Olvidar em Almendá Garres

Eu perguntarei aos troncos pelas edades que viram correr; e os troncos me responderão, mencionando as suas ramas: — Elas passaram. —

Eu contarei aos prados os meus amores; e as hortaliças abriam o céu para me dizer: — Também nós amávamos.

Interrogarei os penhacados pelos ecos das vozes dos homens; e os penhacados ruidos não ousarão repetir-me os seus falsos dizes-vos.

Eu direi às ruínas: — Que é das mãos que vos construíram, que é das raças que vos habitaram? —

E às ruínas se calam; mas a pedra de um sepulcro falará por elas.

A pedra do sepulcro dirá: — A morte passou, e as suas pegadas ficaram impressas no caminho dos séculos.

Sêd filho, eu te saudo! silêncio dos bosques, salve.

III

Que deus não é fugir dos homens para viver com as plantas?

Que prazer não é deixar essas habitações alinhadas pelo prumo de sua pequenez; e vir no deserto dos campos folgar em liberdade com a natureza?

Nascimentos que rompeis do seio das rochas! vos não sois comprimidas nos estritos canais que fabricon a arte;

Livres surgis das terra, livres jorras das penhas; e livres coroais dos montes a cobrejar nos prados por entre o malho das flores.

Arvores frondosas, vegetais sem medo; a folha do jardineiro não vos despojará da rama para o monótono prazer do luxo contrateito.

E vós, rochedos vastosos, repousais tranquilos nas elevações da terra; que não virá o cínzel do estatuario roubar-vos as formas da natureza;

Para transmitir ao meio degenerado as feições do seu amábioso.

Sêd filho, eu te saudo! silêncio dos bosques, salve.

III

Sêd filho, em venho a ti; já me não quero senão no teu seio.

LEITURA III.
Trago o coração opprimido; uma mão de ferro
m'opera.
O espírito da dor está cravado no meio d'elle; a
angústia o toma sem piedade.
O alívio lhe troux' das arterias; todo o pêso da
desgraç' está em cima d'elle.
O meu sangue já não tem vida; e circula de mão
grado pelas veias frias.
Arde-me não sei que fogo no intimo do peito;
qu'eria chorar e não tenho lagrimas.
Travam-me na boca os arredores do passado;
aridez do futuro secou os meus olhos.
O que foi e o que hase ser anda-me esvoaçando
pela phantasia; são pensamentos de azas negras
como o corvo agoureiro.
O momento que é desaparece no meio d'elles;
porque não é nada.
O homem não tem senão o passado e o futuro;
o passado para chorar, o futuro para temer.
O presente não é nada; e é só o que elle sabe.
Já se esqueceu do passado, e o futuro não há
disse Deus.
Eu vivo no futuro por uma esperança mais te-
neu que o fio da aranha; existo no passado porque
ainda se me não foi o irmaço dos tragos que bebi.
O presente está no meio, como o ponto no centro
do círculo; mas a sua existência é chymera.
Os raios que partem para a circunferência são
reais; tal é a minha vida.
D'aquelle ponto imaginário tiro linhas verdadeiras
para o que fui e para o que heide ser; todas vão pa-
rar na desgraça
na tere coroação; amei; ainda o tenho, e amo.
Mas o meu amor fadou-o a aventura; hafejou-o
o sopro do mal.
Fui planta que só lagrimas a regaram; o sol da felicidade não se via para elle.
Deu flores outonicas que não desabrocharam; o
granizo as creceu, e a geada lhes queimou os germes.
Não houve esperança de fruto; só o prazer, mas
tem louco! — de a colher sem elle.
Por isso está triste a minha alma; triste até à morte.
E os homens cuidam que eu sou feliz; e eu rego
e noite o meu leito com as lagrimas dos olhos.
Porque a noite fez-se para chorar, quem tem que chorar; de dia o avisado mente e ri.
Por isso eu não quero viver mais com os homens; porque quero chorar de noite e de dia.
A cidade é para mim o deserto; a solidão é a minha patria.
Solidão, eu te saudo! silencio dos bosques, salve!

ISA...
LIVRO SEGUNDO

I

A VICTÓRIA NA PRAIA

Hos dias en torno dues volúptuosas delícias;
Hos dias en torno dues memórias.

Do mar ruídos ao ausesModule estava
E em tais imprescções despulavam.

I

Pelas vagas azuis do largo oceano,
Co as pandas aras ao guámero vento,
Vae sobre armada; — desdobrando ufano
O verde pavilhão nas altas pópas
Treme ao sopro da brisa; e a cento o cento,
O eco repetido,
Reflecte pelas aguas o estampido
De cem canhões que troam.

En morre pouco e pouco o som nas vagas;
E a praia é só. A praia — onde andas eis.eis
A celeuma dos navios e o zumbido
Do multídio confuso — só, caída,
Erna ficou; e nas alpestres fragas
Apenas se ouve a bulha compassada
Da ressaca, gemendo e murmurando,
Com que a maré das praias se despede,
Poge e volta quietosa recolhendo;
Qual amante em custosa despedida,
Que adeus já disse e adeus — e retrocede,
Nem partir sabe, que é partir eis eis.

II

E a praia é só — Não só; nesse penedo
Que em torno tapeçou algia ramosa,
Um vulto vejo ainda; mudo, quêdo,
C'ós olhos longos na planicie aquosa;
Disseras que o feriu o mago dedo
De Érpcrates a sombra misteriosa,
Que numa estátua sua o transformava,
E só a vida nos olhos lhe deixará.

Como que lhe caía desfalecida
A esquerda sobre uma harpa desmontada,
E, com a dextre longa e estendida
Para o extremo horizontal, aponta à armada
Que a velas chelas singra, e -isferida
De amigo vento, corre espumada:
Debuxa o rosto mugudo peito,
De estranho menestral é o trajo e aspeito.

III

Mas lá se move, e em pé sobre a alta roca,
Como inspirando subito
Despirto fatídico,
Com a trémula mão nas cordas toca
Da harpa, que em suas ressona ainda mais trêmulo
Que, alto e alto crescente, agudos vibram,
E entre pena e saudade e glória e mágoas;
Assim cavam nas frementes águas:

«Alva pomba de esperança,
Voga na arca misteriosa;
Que no blo da bonança,
Quando a enchente processosa
À voz do Eterno parar;
Penseira da nova aliança,
Tu a nós de ois voltar.

Sobre a lodosas voragem
Que inda cobre meio mundo,
Deixa o corvo negro immundo
Sua sede de carnagem
Em cadáveres fartar.

Para a sombéia mimosa
Hade chegar o seu dia;
E quando a flor da alegria
Na oliveira despontar,
Co raminho de esperança
Pentor da nova aliança,
Tu a nós hasde voltar.

II

«Mas que alto ou baixel vai singando
Pelo seco da arnada leal,
Nem as Quinas do Luso arvorando,
Nem a Cruz do paiz do Cabral?
Que anunciá esse infuso pendão,
Estandarte de morte astaço?
Poe, fogo, ó Maria, ó traição;
São as cores da nova Cartago.
Não o vês de cruor salpicado
Tremolar co'essas nódoas fataes?
E o sangue ó traição derramado,
E o sangue dos teus mais leais;
—Não se lavam o Nilo na glória
Eas manchas de opprobrio e de horror;
E emenadce o clarim da victória
Da Terceira ao gemido clamor.

III

«Cartago dealeal, embalde atravám
Teus Hannons, teus Amlcares traidores
O incredulo fóro que povóam
Turba de vés, venaes declamadores;
E a tua plebe estrupida os pregam
Da republica os fortes defensores:
Essa nódoa jamais hasde laval-a,
E o universo em seu dia hasde vangal-a

«Seu dia hasde chegar, já desvendados
Se espantam do tam longo sofrimento
Os povos opprimidos e ultrajados;
Já seguem com o ancioso pensamento
Ao Scipião do oriente, alvorado
O invocam contra Hannibal fraudulento,
E folga o mundo ao contemplar presago
Nas ruinas de Byzanzio as de Cartago.»
Assim cantava o peregrino vate
Nos rochedos do exílio; e as ermas praias
Da inhospita Carthago ressoavam
Cós respeitosos sons que n’harpa trâa
Fermente indignação. Medonha em tanto
Em derredor a cerração crescia,
E as grossas gôtas raras que despedem
As tumeentes nuvens, os lampíeas
Que a mais e mais, de perto e perto ameçam,
Anunciavam tremenda tempestade
Que a instantes vai desabar no pégo.

Eis subito, onde as nuvens mais opacas,
Mais pejadas do fluido se mostram
Que se a Frinilhân subjugar foi dado,
Rompe e em golpes de luz no céu fulgura
Rain, que segue horríssimo estramidão
De trovão, slicks em soco reboando
Por céus e mares, longo e longo... Os seios
Das nuvens se rasgaram; e entre o vêvido,
Fluctuante clarão de mil relampagos,
Do atônito vate avulta aos olhos
Assombrosa vião. N’um corcel branco
Da cér de lactea-via lhe aparece
Uma cavalleiro ancião; lucidas armas
De espalhado brilharde ferro o restem;
Descem lhe as alvas, venerandas barbas
Tê ao peito, onde a cruz de ouro, pendente
Do equestre colar, sobre o aço fulget
Na esquerda o Real pendão de Ourique ostenta,
E ponderosas chaves traz na dextira,
Que aperta, e cuidadoso olha e segura.
Tal às margens do Tejo tría out’ora
A Tolesão em bríosa romaria
Da lusitana lealdade o sémio;
Tal Martin-de-Freitas nos figura
O vivo imaginá, aspecto e forma.

«Suspender as notas do despeito írosso,
Brada o celeste cavalleiro ao vate:
«Cêsta o funebre canto doloroso,
E n'harpa hústanas os sões antigos
Acorda da victória;
Hymnos então de triunho e glória
Inda hai sangue do meu por essas vênas
Da gente portuguesa; extinto ainda
Não foi o santo amor da liberdade
Que os hústanos pelitos incendia,
Nem o timbre da honra e lealdade
Que entre os povos da terra os distinguia.

«No meio d'esse pego e ceu bandeira
Aposto para o último occidente;
N'uma isolada rocha, que a fogeira
Das subterrâncias formas sempre ardente
De continuo rescalda a derradeira
Lend plátego intrépida e valente
Som sangue amigo e seu tinge o océano,
E a nodos lava ao nome hústano.

VII

«Olha, e verão teus olhos o alto feito,
A alta glória dos teus. — Disse, e brandindo
Na dexta a lança, para Oeste acenou:
No concauto do escudo as forças chaves
Deram tremendo som. O eco dos mães
O repetiu, e a negra tempestade
Emnudeceu ante elle; as naves fogem,
Os brados do trovão sumidos morrem,
E a derradeira lampiçar dos raios.
Como elles, desparece o cavaleiro,
Um sulco d'álva luz ou horizonte
Descrivendo nos céus: — e qual nas scenas
Subito corre a tela, e ostenta aos olhos,
Por feitiçãra maravilha de arte,
As terras longas e apartadas poros;
Que além marés, que além desertos jazem,
Tal aos olhos do vate deslumbrados
O magnífico aspecto se descobre
De uma línea vênejante e pampínoca,
Que ante elle, qual Delos, se oferece,
 Ou qual ao domador das aras cras
Do feéric Adamastor a dos Amores.
VIII

Alcantais bravos derredor a cercam;
E nos erguidos cimos pictorescos
De seus montes vegeta em morbosa cinta,
De mal extintas crateras entorno,
Todo o luxo de Flora e de Pomona,
Que ao lourejar de Ceres dá realce
E c'os thyrsos de Baco se mistura.
O tempestuoso Atlântico lhe quebra
Nas curvadas pontas dos rochedos
Que em onda a cinzam, onde em amplo solo
Mais à larga lhe é dado entrar na praia,
Sobre a pallida areia em rolos bate
E em alva franja se desfaiz de espuma.

IX

A espaços, e uns sobre outros torreando,
Ralo vrutes avultam, e alto ondela
A matutina brisa, na haste erguido
Das nobres Quinas o estandarte antigo
Para nebraia cobre em parte o resto:
E à sombra d'elle, emperezada tróta
Vae na enseada penetrando a furto...
— Quinas também arvora; mas infame
Quebra de bastardão a meio parte
O glorioso escudo; e o sangue fresco
Na altura da bandeira lhe resumbra...
— Que súdrio de mortes a disseiras
N'uma armada de sombra desfraldado
O azlago vento nos pégões da Styge.

X

Deu sinal a atalaia n'alga törge,
E as negras bocas dos canhós romperam
O crebro fuziar; os âres cortiam,
Cruzam-se as pélas que de morte silvam;
E os eccos das pacíficas montanhas
Pomam dos sons de guerra que repetem.
Nas mãos desaba o rapido granito
Do salitante pelouro; e o crebro estale
Da palpitante, trépida, granada
Ferve de terra e mar.
XI

Mas já baixando das erguidas pápulas
Das alterosas nínios, leves esquiños
Armadas lanças d'água vão poisando,
E à enseada povãam: lentas descem
As pranchas dos bravos, que mal sofrêrem
Ir ao feito traidor co'as mesmas armas
Que leves nos campos de Coruche e Prado
Tanta glória ganharam... Instam cabos,
Blasphemos centuridores, a infames brados
De ameaças, os pungem... Cede à força
O soldado fiel, mas n'alma lêva
A tenção fixa de lâvar a injúria
No sangue vil do chefe que o deshonra.
Movem-se os remos; e, entre o fogo e a morte
Andizes penetrando, à prua ahauem;
E braço a braço, peito a peito, encontram
O cidadão c'o escravo; — bravu a lucta
Da perfura traição — o'la lealdade,
E investe a escravidão co'a liberdade.

XII

E quem são esses nobres defensores,
Que, em poder tam pequeno, fixos, quedos
Aguardam seus terríveis agressores,
E immoveis sobre as pontás dos rochedos
Parecem desfazer seus vãos furores?
Re-lhe a victória já nos olhos leios,
Nifo bate o coração, tranquila é a alma;
E a sorte esperam que lhes trag a palma.
A desmedida força do inimigo
Não parecem contar; ou, se a contaram,
Supõe-se cada qual n'este pérgio
Que o ânil ou os braços lhe dobraram;
A injúrias taes e tântas dar castigo
Os iudios destinos lh'autozagar-ão
E só contam, só vêem co'a longa esp'rança
As delicias da próxima vingança.

XIII

Quaes injúrias, que ofrontas? Inda eccós
Do disperso senado nas abóbada;
Obras Completas de Almeida Garrett

Galuniasa voz que alta soa,
E de insultos cobria a escolha impavida
Da fusa mocidade,
Que armas em vio pediu, e às armas corre
Que lhe vedam traidores,
Combate, vence, onde nõo vence, morre,
E ensina a seus covardes detractores
Que é mui fol o cidadão que o escravo,
E que no peito do liberto bravo
A antiga lealdade
Remoçã a cresce mais coa liberdade

XIV

Tu o dizes, o magnanimo guerreiro,
Gloria da patria, em cuja nobre espada
Da afflicta Lyssa o amparo derradeiro,
A derradeira esprença está firmada,
Dize-o tu, Villafior, quando primeirou
Assomaste na altura alcantilada,
Que assombros de valor, de patriotismo,
Que miliagres não viste de heroismo!

XV

Qual, através de insolito perigo,
Vae de soccorro a ëna o Castro forte,
Tal, entre a densa esquadra do inimigo,
O ârido Villafior, sem medo á morte,
Villafior, dos rebeldes o castigo,
E a quem domada não resiste a sorte,
Nas praias de Angra impavido surgira,
E com elle a victoria que o seguiu.

E que pensavés, desleves traidores?
Encontrar só valor? —Têm chefe agora
Da patria liberdade os defensores:
Na tenda imbuíle por Brâeis não chora
O Achilles portuguez, e seus favores
Muito sangue leal insulito implora;
Não ha convosco Heitor que vos defenda,
E Páris toge da marcial contendia.
XVI

Eis-os, eis-os, que estôlos correndo,
Cegos se appressam a encontrar seu fado:
— Matei, não deis quartel! com gesto horrrendo
O chefe canibal brada ao soldado.

Perdoa, perdão, crime tremendo
E o d'elles (do herói tal era o brado)
Mas não siga o exemplo do tyrrano,
Poupe, poupe o sangue lusitano!

Trava a pelejas; quais leões feridos
Os renegados cheflês accommettem,
E blasphemando em horridos bramidos,
Instam c'os seus, despojos lhes promettem;
De afrontosos supplícios, que aos vencidos
O vencedor prepara, lhes repetem
Fábulas mil com que o soldado excitam,
E a combate, mas do grado seu, o incitam.

XVII

Mas não descança a espada que tempéra
Fogo que ardeu ao altar da liberdade;
Nos gumes lhe poisou a morte fora,
E nas mãos da brisa mocidade
E roio que fulmina e reverbera,
Reio de honra, valor, de hercília,
Que nos rebeldes campeões desfêIXa
E em negras cinzas sobre a praia os deixa.

XVIII

Um por um cãem na contenda ingloria,
Deshonrados cadaveres,
Trophéu sembil que desdenha a gloria,
Que à coroa do pétulbro
Roubou com pejo a espada da victoria.
Soprase do oceano tumado,
Soprase, ò ventos, derramae nos áres
Cinzas que a mão do algbr devia aos mares.

E vós, illusas vítimas:
Da tyrannia perfida,
Vinde, acolhê-vos ao amparo amigo
Da bandeira leal,
Soldados! já não há mais inimigo,
Brade: — Real, Real!
Por Maria, brasile, de Portugal!
"Viva Maria e viva a liberdade!"
Com lágrimas respondem e a brados clama
O soldado corrido e envolvido.
Na hermil da antiga lealdade
A voz se uniram do heroi que os chama,
E berdineando a mão que os ha salvado,
Lavar prometem a manchada fama
No sangue d'esse monstro de malda\nde
Que a patria c' o roubado sceptro opprime
E involuntarios os forção ao crime.

- XIX

Vencidos, vencidos, abraçados;
Todos triunfam na ganhada gloria;
Da mesma causa todos são soldados,
E unidos cantam a commum victoria:
Os seculos por-vir juêão passam
Prodígio tal na basitana historia...
O eco dos mares que repete o canço
Nas vagas se ouve murmurar de espanto.

- XX

Sonoros ruaam trêmulos tambores;
Os bravos batalhões, de Ourique entonam,
Em córo marcial, lêas clamóres;
E as alternadas coplas, que ressoam
Como em respostas, se unem aos clangores
Das trompas; — dos clarins que agudo soam;
Brandê-se a espada inde sanguenta e tua,
E a bandeira real no ar flactua.

CÓRO DOS SOLDADOS
Real real real!
Real por Maria de Portugal!

UMA VOZ

Repita a Terceira as vozes de Ourique,
Que ao throno elevaram o filho de Henrique,
E a filha de Pedro ao throno alçarão.
CÓRIO
Maria proteje a Constituição.

ALGUMAS VOZES
E viva Maria, viva a liberdade!
Miguel é tyranno,
Perox, deshumaño,
Que reinar não hade.

CÓRIO
Real! real! real!
Real por Maria de Portugal!

UMA VOZ
Victoria cantemos, victoria, victoria!
Maria triunpha;— seu nome é de gloria,
Seu nome, que adora a lusa nação...

CÓRIO
Defende, protege a Constituição.

ALGUMAS VOZES
E viva Maria, viva a liberdade!
Miguel é tyranno,
Perox, deshumaño,
Que reinar não hade.

CÓRIO
Real! real! real!
Real por Maria de Portugal!

UMA VOZ
Sua mão delicada bordou a bandeira
Que ativa tremula na heroica Terceira:
Cantemos, alcemos o invicto pendão.

CÓRIO
Maria protege a Constituição.

ALGUMAS VOZES
E viva Maria, viva a liberdade!
Miguel é tyranno,
Perox, deshumaño,
Que reinar não hade.
O JURAMENTO
CANTO PATRIOTICO

Deus, que ouviste o juramento
Do teu Povo lusitano,
Oh rei dos reis soberano,
Ouve-o, que a ti vem bradar!
Nós jurámos: santa jura
Que ninguém fará quebrar.

II
Nossas armas humilhadas
Que abandonou a vitória,
Estas penúdias já sem glória
Depômos no teu altar.
Mas juramento que démos
Ninguém nos fará quebrar.

III
Já tua mão omnipotente
Cobre nós luz co' a esperança,
Já vem o iris da bonança
No horizonte a riar.
Juramento que lhe démos
Ninguém nos fará quebrar.

IV
Do nosso libertador,
De dois mundos maravilha,
Era do grande Pedro a filha
Que sobre nós vem reinar.
Juramento que lhe démos.
Ninguém nos fará quebrar.

V
Nas terras, ungidas mãos,
A potente majestade
Pós a nossa liberdade
O próprio aperro a guardar.
Juramento que lhe démos
Ninguém nos fará quebrar.

VI
Nós, invocando o seu nome,
E o teu nome, o Deus de Ouroique,
Do filho do grande Henrique
O pendão vamos haver;
Juramos e o juramento
Ninguém nos fará quebrar.

VII
São também teus inimigos
Os seus inimigos seus,
Que renegaram de Deus.
Antes de a patria negar.
Nós, a jura que fazemos,
Ninguém nos fará quebrar.

VIII
Vamos, a esses traidores
Que a tua lei desprezaram,
Que a lei do povo calçaram,
Vamos, senhor, castigar.
Este santo juramento
Não nel-o deixes quebrar.

IX
Confunda-os, Senhor, tua ira,
Desarme-os teu braço eterno;
Manda a confusão do inferno
Suas hostes barulhar:
Que nós juramos—e a jura
Ninguém nos fará quebrar.

X

Juramos livrar a patria,
A patria libertaremos;
F, no trono que lhe erguemos,
A rainha haja reinar.
Juramos, sim; e esta jara
Ninguém nos fará quebrar.

III

NO ALBUM DE UM AMIGO

Nos valles do desterro são colhidas
Estas singelas, desmaíadas flores:
Que por milhas da saudade vão tecidas
Ces aceros espinhos de suas dores:
Mas doce esparrança as leva oferecidas
Ao casto altar dos conjuges amores;
E ah, morta a Saude na ventura,
Os espinhos caíram—Amor o jura.

IV

NÃO CREIO NESSE RIGOR

Não creio nesse rigor
Que nos olhos se desmente:
E' traidor
O deus d'amor,
Mas em teus olhos não mente.

Deixa pois tanto rigor,
E na verdade consente:
Que é traidor
O deus d'amor
E nos olhos te desmente.
A esta frente desbotada
De angústias e dissabores
Não cabe o louro da glória
Nem as rosas dos amores:
A triste fado votada,
Sem remendo, sem memória,
Nem terá piedosas flores
Sobre a campa abandonada.
Sei que do negro cypreste
Só me toca a palma obscura.
Mas nem essa rama escrava
Que por tuas mãos colhiste,
Nem essa quia a ventura
Que me viesse coroar...
Tam cruel é minha estrela.
Tam funesto é meu desvar.

A mão inocente e bella
Que o triste ramo colheu,
Por mui alto para meu,
Volta pois o dom fatal;
Mas fica, esse sim, o agoiro
Que prophetiza o meu mal.
—Oh! quando faminta espada,
Ou sibilante pelouro;
Houver em fita terminada
A amarga, penosa vida...
Ao menos — se assim pedida,
Mercê tal é de outorgar—
D'essas teus olhos divinos
Uma lagrima sentida
Venha piedosa os destinos
Do proscripto vete honrar.

S. Mig. 1822.
VI

FLOR SINGELA

NO ALBUM

De S. A. A. S. I. D. A. J. M.

Linda flor que nos jardins
Força de arte cultivou,
Tem dobrada a folha, o cheio
Mas de fructo se privou.
Passa abelha diligente,
E admirou tanto príncipe;
Mas para os favos o nectar,
Vae buscam-o a outra flor.

Singelinha de tres folhas
Co a musqueta deparou,
E em seu calix meio-aberto
Oh que tesouro encontrou!

Como a abelha diligente
Que busca a singela flor,
Um singelo coração
Também só procura amor.

Porto, 1833

VII

RAMO SECO

NO ALBUM DE UMA SENHORA BRASILEIRA

No país doce de Cabral nascida
Afieita àquella eterna primavera
Que perpetua a vida.
Na folhagem viver que não se altera,
Num conhece as fadigas e a pobreza
De nossa lenta e velha natureza,
Porque, filha mimosa
Da Atlântida formosa,
Porque tam tarde vens, nos tristes dias
De nosso feio inverno,
Visitam estas penas tão sombrias,
Estas de vezas horrídas e frias.
Só povoadas pelo gêlo eterno?

II

De ti quero brindar, que és boa e bela;
Mas confuso e corrido
Venho co'as mãos vazias,
Que por este vallado desabrido
Nem bonita singela,
Que ofertar-te, desponta...
A quemada vergonha
Da combatida esteva.
Açoita o furacão; o alvor que neva
Pende entre os ramos séculos do arvoredo
E escarnece com perdido arremendo
Os seus mortos amores.
Que tarde—ai, tarde!— volverão co'as flores.

III

E que culpa tenho eu que, esperdiçada
Em doce contigo e com teu doce clima,
Tam pouco me deixaste a natureza,
Tam pouco e minguado?
—Vês o pobre poeta estratego,
Velho no coração, velho na rima,
Não tem, na sua pobreza,
Com que te pôr aqui outra memória
De sua boa amizade,
Mais do que um séco ramo de saudade,
Sem flor, sem folhas... todo o vigo e gloria
Se lhe foi com o inverno e desta edade,
Velhice d'alma... Oh! tam desconsolada,
Tam peior que a do corpo!—descontento
Perenem, tam pesado e sem conforto,
E em que, por mor tormento,
Sente a alma ainda—e o coração é morto.

Bruxelas, 1856.
VIII  
NUNCA MAIS

E o meu contentamento
Que eu cuidava que era meu,
Deve-se depoia tal tormento
Quem nunca me deu.

I

Não, não creio nos teus olhos:
—Se eu já sei o que elhes mentem!
Se conheço é minha custa
Que o que dizem não sentem!
Oh! quem me deria ignorar-o
Para ser feliz ainda...
Era feliz com mentira;
Mas se a mentira é tão linda!

II

Uma vez — ha quanto tempo!
Seis lentos giros no céu
A lua inteiro volve,
E aquella instante divino
No memória de contos,
Inda me não esqueceu!
— Uma vez, teu braço têrnulo
No meu braço repousava,
De tua boca celeste,
Anjo do céu que então eras!
Aquella voz desprendeste,
Que sumida e vacillante
Aceitou meu voto amante...

— Mal o lábio a proferiu,
Mal o ouvido a sentiu;
Mas ouviu-o o coração...
— Não que a ventura não mata,
Por isso ali não morri;
Mas foi pior do que a morte,
Mais fatal... — endondeci
III

Lembra-te? Foi longa a noite...
Longa aos outros pareceu:
A mim vê-ou-me entre glórias,
Como os instantes do céu.
Lembra-te? — O resto da noite,
D'esses olhos eloquentes
Que expressões tão vehementes:
Sahiram de amor, de fé!

........................................
Vivi um século inteiro
Nessa noite de ventura,
Vivi na ilusão, no engano;
Mas firo tais lacôneiro
Oh, porque ainda não dura!

IV

Da cor da aurora que nasce,
Entre roxo e clar de rosa,
Vestida essa forma arosa
Inda a vejo, que balança
Nos vagos giros da dança
Que ante mim se confundia!
E eu desvairado, eu sem tino,
Eu que a ti — a ti só via...
Hoje ainda, ainda agora
Vejo em teu rosto divino
Aquelle brilhar de aurora
Que tanto me prometia...
Oh! mas a aurora mentiu;
Que veiu importuno dia
E de navens se cobriu.

........................................

V

Sei que as apariências culpadas
Estiveram contra mim...
Mas julgar, paír assim
E, sem ouvir...

........................................
Oh! como eu então vivi!
Como de ancia e de amargura
N'esses dias não morri!
Poram séculos pesados,
Lentos, lêntos, — e contados
Hora à hora de tortura.

VI
Via-te, e nem vêr-te ousava:
N'um tremor, n'um paroxismo,
De tua vista recuava
Como se fosse do abysmo.
Fugia de ti; — mesquinho!
Com te não vêr me matava...
Triste de mim e era morte
Mais cruel se te encontrava.
Teus olhos, aquelas olhos,
Onde bebi tanto amor,
Teus olhos, fugia d'elles.
Cobri-los medo e terror.

E se os traidores, um dia,
Por cruel divertimento,
Renovando o engano antigo,
Me dessem novo tormento?...
Co'a só ideia do p'riego
Todo eu estremecia,
E do horrível pensamento
Como um covarde tremia.
Jurei, protestei mil juras;
—Para insensato as quebrar!
Bastou-te querer um dia,
E eu proprio—fui-me entregar.

VII
Espessa treva fazia
N'aquella solemne estancia,
E em pausada contemplação
A voz da oração se ouvia.
Interno presentimento
—o coração me biasia...
Mas era o fatal momento,
—Fatal, funesto, fadado...
E ninguém foge ao seu fado.
Não fugi, fiquei,—perdi-me.
E sem combater—rendi-me....
Com um só de teus sorrisos
—D'aqueles que dás a mil !....
Em meu peito árido, morto
Mais esperanças nasceram.
Dos que flores tem abril:
Tristes flores, que vieram
Sem abrigo nem conforto,
E acolhidas dos granizos,
Dos ventos, morreram !

VIII

Que novos sonhos sonhei
De amor, de felicidade!
Com que fresca crueldade
Teus lindos olhos fíngiam,
Tais expressivos diziam,
Crueis!... o que não sentiam !

IX

Ah! quebrou-se em mim o encanto,
Já me não toma a illusão;
Foi sonho de que acordei
E que não volvi a dormir:
Que d'esta vez entrou n'alma
Sociedade destemendo,
E, um por um, co' dedo apertado
Os golpes do coração
Andou sondando sem dô:
Hade curar-se, elle diz,
Fica leso—e porque não ?
De que me serve elle agora ?
Para amar-te e tinha eu só,
Só para f'lo dar o quiz ....

X

Vêe... de quanto coração
em peito de homem baixa
O mais valente quebraste,
Pois com tanto amor podia,
Todo o amor que lhe inspiraste.
Vae... como este coração
Não fez outro a natureza,
Formou-o co'a mesma mão
Com que fez tua beleza:
Unidos ambos — já agora
Brilharás entre os mortais,
Reinarás, sereás senhora,
Sereás admirada. — Embora!
Mas amada... nunca mais.

IX

A MINHA ROSA

Quem, se uma vez pôz os olhos
Naquela face tam bela,
Não via nel-a — a sua estrela,
Rainha dos seus amores.
Em seus lábios um sorriso
E a luz do paraíso;
E o coraço da face linda
E desabrochar de rosa
Que a manhã, com a sua vinda,
Debruçou na hóstia mimoso
Para inveja das mais flores.
— Assim fora ella — sussurra
A minha rosa tam bella,
Nem mudasse assim amores
Com as outras folhas e ólores.

X

SU SPIRO D'ALMA

Suspiro que nasce d'alma,
Que á flor dos lábios morreu...
Coração que o não entende
Não n'o quero para meu;
Faliou te a voz da minha alma,
A tua não n'a entendia.
Coração não tens no peito,  
Ou é diferente do meu.

Queres que em língua da terra  
Se digam coisas do céu?  
Coração que tal deseja,  
Não n' o quero para meu.

183 ...

XI

O EMPRAZADO

They seem'd... unto the last  
So... forget the present in the past,  
To share between themselves some separate fate:  
Whose darkness none bend should penetrate.

Buenos, Lara.

I

No chão a haste da lança está cravada;  
E à lante armadura  
Em tropheu se encastella  
De emtôrno da haste a dura.  
I riha, na cintelada,  
Ponderosa rodella,  
O antigo emblema heraldico sabão,  
Que o nome conhecido  
Do senhor d'essas armas apregoa.  
O eisco embriamado, que brilhante c'roa  
O soberbo tropheu,  
Ao vento baloçando, esco rebda.  
Vae socsegada resvalando a'lua  
No puru arul do céu,  
b nas fulgentes lâminas  
Câem seus raios tremulos,  
Como o vago lampejo  
De luz que surde de encantado brejo,  
O pendão enrolado,  
Nas mysteriosas, variadas cores  
Tras segredo de amores  
A ninguém revelado;  
Oh, se alguém o entendeu, não n' o dissera,  
Que n'essa hora morrêra.
II

É a justa ámanhã, cavalleiros.
É a justa, acendi a brigar.
Quem ficar na tranqueira estendido,
É signal que era fraco no amar.

Pois venha já brigar, pois venha já morrer,
Quem diz que tem amor, quem n' o quer merecer

Trofeu que ali se ergue arrogante,
Um nobre senhor o arvorou:
Quer ser elle o mais fino amante;
Sua bella, a mais bella a jurou.

Quem se atreve a dizer-lhe que não?
Quem se atreve a tocar-lhe no escudo
Com a ponta da lança ou contio?
Quem se atreve? Ninguem. Ficou tudo
O tropel dos guerreiros então.

III

Arreda, arredar, fasta, afasta!
Que ali vem, brida sólta, correndo
Guerreiro de aspecto tremendo
Montado num negro corcel.

No escudo não tem mais quartel,
Tencão nem leituro que diga
A empresa de guerra que sigo,
A dama que sirva de amor.

Da guerra d'el-rei Almouçor
Virá co'essas armas sangrando,
Ou foi que na estrada algum bando,
O quiz, por má traça, matar!

Não sabe ninguém decifrar
Mystério de tanto segredo...
Chegou elle,—investe sem medo
O altivo trofeu do senhor:
Feriu-o no ponto d’honôr;  
Do conto da lança lhe dava,  
O escudo insolente voltava  
Ao nobre, soberbo campeão...

IV

Em sua tenda de damasco  
Bordado de oiro à porfia,  
Ali junto às suas armas,  
O nobre deno dormia.

Ouvin o golpe atrevido  
Que no escudo lhe batia;  
Chamou pagens, escudeiros,  
Muito à pressa se vestia.

No escudo das suas armas,  
O coração lhe dizia  
Que um homem só neste mundo  
A tocar se atreveria.

Não quer lance nem cavallo,  
Seus homens não requeria;  
Co’a espada nua na mão,  
Só, pela tenda sahia:

— «Aqui estou, diz, que me queres?»  
E a forta voz lhe tremia...  
— A tua vida, emprazado,  
Que já passou anno e dia.

V

Não houve mais falas; o nobre emprazado  
Montou na garupa do negro corcel.  
Partiram por monte e vallado,  
O estrondo fazendo d’um grande tropel...

D’ali a tres dias, tres noites contadas,  
Sahiu saliento com grande primor  
De além do castello de Penamacor:  
Duas nunas levava pregadas, fechadas...
Juntava-se o povo de todo o arredor
A ver saliento de tanto primor.
Mas cruz nem caldeira, ninguem; n’a levou:
Sem rezas nem frades, o enterro’ passou...  

VI
Naquelle castello dois irmãos viviam....
Nunca mais os viam.
E a bella condessa
De Penamscór
D’ali a um anno’ foi freira professa.
Em San Salvador.
1842.  

XII
A ESTRELLA

Ha uma estrella no céu
Que ninguem vê senão eu:
Inda bem! — que a não vê mais ninguem.

Como as outras não reluz;
Dá tam serena luz,
Que, inda bem! — não a vê mais ninguem.

No cantinho azul do céu
Onde elle está, não digo eu
A ninguem! — sei o eu só: inda bem;

1844...
XIII
L'ALCYON AU CAP
DE MALLE DE FLAUGERGUES

This is so be alone, this is solitude.

Chante et rase les flots d'une aile paresseuse!
Tel qu'un enfant riant sur sa couche bercé,
Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse,
Vogue mollement balancé!

Moi, je sens que je touche au terme du voyage,
Quelques douleurs encore: puis la paix du cercueil!
Ne me plains pas! long-temps sur moi gronda l'orage;
Mieux vaut dormir au port, que trembler sur l'écueil.

Mais, toi ! rase les flots d'une aile paresseuse !
Tel qu'un enfant riant sur sa couche bercé,
Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse,
Vogue mollement balancé !

Heureux ! tu n'as point fui ta famille chérie,
Tu n'es point triste et seul par la vague emportée,
Ton doux nid t'accompagne, et toute une patrie
Te suit et vogue à ton côté.

Loin, bien loin, de ma vue est le toit que j'emplore ;
Loin, bien loin de mon cœur tout ce qu'il a cheri.
Me sera-t-il donné de voir, d'entendre encore
Un regard, un accent ami ?
XIII
O ALCYON NO CABO

TRADUÇÃO

Isso sim que é estar só.

Canta, e co'a ponta d'aza priguiçosa
Varre a onda serena!
Como o inocente que no berço embalam
Com branda cantilena,
Canta, suave Alcyon, e mollemente
Voga ao som d'água amena!

Por mim, já da viagem chego ao termo.
Mais uma dôr talvez...
E o túmulo depois: ninguém me cuite!
Descançarei de vez.
Antes quero dormir no porto agora,
Que ir dar n'outro revés.

Tu canta, e varre co'a aza priguiçosa
Essa onda serena!
Como o inocente que no berço embalam
Com branda cantilena,
Canta, suave Alcyon, e mollemente
Voga ao som d'água amena.

Feliz és tu, que nem os teus deixaste,
Nem vaes triste e sozinho
Dos ondas tempestuosas arrojado
A ignorado caminho:
Comfigo a patria, aonde vaes, a levas
Bolando no seu ninho.

Longe, ai! tam longe, eu tenho o lar que chora;
Quanto á vida me liga
Tam longe me ficou... Oh! ser-me-ha dado
Que eu ainda consiga
O ver um doce olhar, o ouvir ainda
Um som de voz amiga?
Noble fille du ciel, amitié, pure flamme !
Partout où tu n'es point, est le froid du tombeau...
Eh ! quoi, vivre et mourir sans révéler mon âme !
De ma pensée ardente éteindre le flambeau !...

Quoi ! rien qu'un roc muet, rien, rien qu'un sable aride !
Une atmosphère lourde, un ciel tempêteux !
Puis triste que la nuit, rien que ce jour livide
Qui blesse mes débiles yeux !

S'il était seulement sur ce morné rivage,
Un écho solitaire à ma voix s'éveillant,
Une fleur sans éclat, un arbre sans feuillage,
Si je voyais au ciel un astre vacillant.

Oh ! j'aimerais l'écho plaintif, la fleur mourante,
L'étoile qui pâlit et l'arbre foudroyé !
Je leur dirais :— Rendez à mon âme souffrante
Sympathie et pitié !—

Oui, pitié, car je souffre et respire avec peine,
D'un fardeau meurtrissant mon cœur est opprressé,
Oui, pitié, car je meurs, et la mouvante ârène
Va, comme un blanc linceul, couvrir mon front glacé !

Je disais : tu passas sur l'onde frémissante,
De ton aile d'azur à peine fétichant,
Ton doux chant répondit à ma voix gémisante,
Comme les sons d'un luth entre mes doigts vibrant.
Nobre filha do céu, doce amizade,
Tua chamada não consente,
Tua chamada só, que ao gelo do sepulcro
A vida se arreleve...
E eu beijo assim viver, morrer; sumir-me
Com este facho ardente
A quem mar-a alma— e eu a apagar da força,
Não me revele a mente!

Que l só, n'este aerial deserto e mudo,
Só, essa penedea!
Ar que se não respira, um céu pesado,
E esta má luz de dia...
Uma luz alvanejante que me cega
Mais que a noite sombria!

Oh! se encontrasse ao menos n'essa praia
Um eco a minha voz!
Se uma flor murcha, uma árvore sem folhas
Eu vira ah! tam só!
E trémula no céu, vira uma estrela
Entre o neóptimo atroz...

A esse eco gromedor a flor morticia,
Oh, como lhe eu quisesse!
A estrela que desmaiou, ao tronco seco
Oh, como eu dissera:
«Piedade, sympathia para uma alma
Que a mágica dilacerou»

Piedade sim, porque eu padeço muito:
Um pejo que o matou,
Me opprimiu o coração; e já presinto
Na agonia em que estou,
Sudarão alvo de areias ir-me cobrindo
A frente que gelou.

Eu dizia, e tu vinhas raste d'água,
Ao som dos sés sentidos,
Roçando-a com as penas azuladas.
Aos tristes sons caídos,
Teu canto respondeu, como o alabado
Que vibra estes gemidos.

ÍNDICE R:1
Reviens, réponds encore au cri de ma souffrance!
Tu plais à ma douleur, oiseau mélodieux.
Ton chant d'amour me semble un hymne d'espérance,
Et ta couleur brillante est la couleur des dieux!

Chante et rase tes flots d'une aile paresseuse!
Tel qu'un enfant riant sur sa couche bercé,
Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse,
Vogue mollement balancé.
Volta, responde ainda aos meus lamentos,
Que em vêr-te a alma descansa;
O teu canto de amor nos meus ouvidos
É um hymno de esperança,
E a tua cér, brilhante a cér do céu
Quando ria na bonança.

Canta, e cola ponta d'azul-praça;
Varre a onde serem
Como o inocente que no berço embalam;
Com brinda cantilena;
Canta, suave Aleyon, e mollemente
Voga ao som d'água amena!

184...
XIV

O PHAROL E O BAIXEL.

Como está segura a torre
No meio d'água! não vês?
No cimo a luz da esperança,
O escólio da morte aos pés...
Assim luz amor na vida,
Que é pharol de salvação,
Assim tem aos pés traidores
O escólio da perdição.
E' bonança, e junto à torre
Dorme tranquillo o baixel!
Mas quem pós firmízca em ventos,
Quem teve o mar por fiel?

Na torre ardia o pharol,
A onda morta se espelhava
E o baixel já fatigado
Pela brisa suspirava.
O baixel é novo e lindo,
Velha a torre e desdentada;
Ouvirás o que ella diz
Com a voz cava e rachada:
—Baixelinho tam ligeiro,
Que essa calma impacienta,
Ail não chames tanto a brisa,
Que pôde vir a tormenta.

«Tu és um torre valha,
Ahí prêsa n'esque escólio:
Cega todo o dia, apenas
Te ascendem de noite um ólho.

Que sabes tu do que vae
No immenso campo do mar?
Eu tenho mais fé na vida,
Quero vêr, viver e andar.»

— Sólta pois no mar da vida,
Lindo baixel, sólta as vellas;
Ventura te assopre os ventos,
Guie-te amor das estrelas!
Mas se ao voltar (na viagem
Da vida, o p'rago é voltar)
Te vires perdido... Oh! vem,
Vem a mim, que me has-de achar.

XV
SENTENÇA D'AMOR
NO ALBUM DE UMA JOVEN SENHORA

Tirou das azas a pena
E lavrou aqui Amor,
N'este livro de primor,
Sentença que já condenara,
Por sacrilego e traidor,
A todo o que a mão impura
N'estas paginas puser,
Tomando, como falsa jura,
O seu santo nome em vão,
Para n'ellas escrever
O que impresso não tiver,
Bem fundo no coração.

XVI
GRINALDA

Andas pelo prado vagando, vagando
Em busca da flor
Que aqui heide pôr.
Grinalda t'ha bella, que se vae trançando
Com tanto primor.
Que flor lhe heide eu pôr?

Vou-me a borboleta, que m'esses vergeis
Anda a namorar,
Vou-lhe o perguntar...
Não: heide ir a abelha que mais sábias leis
Tem no seu gostar;
Ir-lhe o hei perguntar.
Mas a borboleta é doída, sozinha,
Não sabe das flores
São vício e córtes;
E a pobre da abelha sempre carregada,
Não vê no vergel
Sente o seu mel.

E eu nestas flores que a rosa a belleras,
Do lirio à candida,
Do nardo à doçura...
Diz-me o coração que nem natureza
Faz tal formosura,
Nem arte ou cultura.

Mas também me diz — eu creio— oh! que sim:
Que o jardim d'amor
Produz a tal flor.
Mancebos, correi, correi já por mim:
O que achar a flor.
Que a venha aqui pôr.

---

XVII

JÁ NÃO SOU POETA

Eu queria apanhar uma rosa
De um rosal que já tive no céu,
Quando eu era poeta—oh! mimosa
D'essas flores que a tantos já deu,
Minha mão paixão e rosas ao valor,
E prendia em grinaldas amor.

Eu queria apanhar uma rosa
Do rosal que já tive no céu
Rosa pura, singela e mimosa,
Para a dar a quem tanto a mereceu,
A quem junta ao precioso valor
D'alma bella, as mais graças d'amor.

Mas não sou já poeta; cahi me
Da cabeça a coroa, o poder:
A inocência do Edén fugiu-me,
Fruto amargo provei do saber...
Obras Completas de Almenda Garrett

Sei, perdi-me... e na triste memória
Nem saudades já tenho da glória.

Bem o vês, o alahude cahi-me
D'estas mãos que não têm já poder;
E o som derradeiro fugiu-me
Do hynno eterno que ergui ao nascer.
Ai por ti, por ti só, a memória
Vêm saudades do tempo da glória!

XVIII

LIVRO DA VIDA

Na álbüm do sr. J. M. do Amaral

V e o talento e a amizade
Nas folhas brancas plinando
D'este livro os seus prêmores.
Memórias de saude
Aqui ficam retratando
As várias, dispersas flores.

Que no caminho da vida
Se vão colhendo e esfolhando...
E esta é a historia sabida.
De toda a vida — e da flor
Que é, que foi, ou que far.

Eu deixo aqui só memoria
De uma sincera vontade,
De afecção, de lealdade;
Deve ter logar na historia
De que este livro é padrão,
Que é historia do coração.

XIX

AS MINHAS AZAS

Eu tinha umas asas brancas,
Azas que um sujo me deu,
Que, em me eu caindo da terra,
Batias-as, voava ao céu.

—Eram brancas, brancas, brancas,
Como as do anjo que mais deu:
Eun innocentef como elas,
Por isso voava ao céu.
Veia a cabeça da terra,
Vinhas para me tentar;
Por seus montes de tesouros
Minhas azas não quis dar.

—Veio a ambição, co'as grandezas,
Vinham para mais cortar,
Davam-me poder e glória;
Por nenhum preço as quis dar.

Porque as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Em me eu caindo da terra,
Batias-as, voava ao céu.

Mas uma noite sem lua
Que eu contemplava as estrelas,
E já suspensão da terra,
La voar para elas,

—Deixei descer os olhos
Do céu alto e das estrelas...
Vi entre a névoa da terra,
Outra luz mais bela que elas.

E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Para a terra me pesavam,
Ie não se erguiam ao céu.
Cegou-me essa luz funesta
De infeitiçados amores...
Fatal amor, negra hora
Foi aquella hora de dores!

—Tudo perdí n'essa hora
Que provei nos seus amores
O doce fel do deleite,
O acre prazer das dores.
E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Pena a pena me caíram...
Nunca mais você ao céu

XX
KYRIELEIÇÃO

A quem Cristo leiga
Elias Morey?

Este é o hynno derradeiro
Que, no fim do seu caminho,
Cantava o triste rumiário:

No cansaço e desalinho
Do longo peregrinar
Não sabia já cantar;
Nem as cordas do alhauede
As podiam afinar...

Teimos, e pôz-se a cantar
Este cantar tosco e rude:

«A' porta santa de Roma
Eu batí c' o meu hordão;
O padre santo me abria
 dizendo: Kyrieleia!

«Kyrieleia! — por minha alma,
Que morro sem confissão,
Se não digo àquelles olhos
Que me déem a absolição»

—Absolvição! — aqui tendes;
Tomemo-a com devocião:
E uma bulha cruzada
Que manda ter compaixão

«Compaixão! — minha senhora,
Tende-a de mim, que é razão
O que manda o santo padre,
Feitiço feit chríssto.
XXI

OLIOS NEGROS

Pois teus olhos negros, negros,
Trazo eu negro o coração,
De tanto pedir-lhe amor... E elas a dizer que não.

E mais não quero outos olhos,
Negros, negros como são;
Que os arves dão muita esperança,
Mas fiar-me eu n’elhes, não.

Só negros, negros os quero;
Que, em lhes chegando a paixão,
Se um dia disserem sim... Nunca mais dissem que não.

XXII

A UMA VIAJANTE

Que heide eu dizer à amavel estrangeira
Que lhe fique em memória
Desta terra onde viga a laranjeira
Co'a doce flor d'amor
Junto ao louro da glória?
E eu cantei como canta no veador
Do bosque o rouxinol,
Sem saber o que faz—ledo co’a aurora,
E triste ao pór do sol...
Deixei de ser poeta como o fôra,
Não sei porquê,—sei que o não sou já agora

XXIII

ELLA

Out, mon âme se plait à secouer ses chausses:
Dégouaie le fardeau des misères humaines,
Laissez errer mes sens dans ce monde des corps.
Au monde des esprits je monte sans effort.
De Lamartine, Med.

Eu caminhava só e sem destino
No deserto da vida,
A alma apagada a luz, e o desatino
Na vista esmorecida:
E allastava de mim, que me empeciam
No caminhar adiante.
Os prazer-s dos homens que sorriam,
E a turba delirante
De seus empenhos viões.— Aos que gemiam
Sorría eu de inveja...
Quem podêra gomeri... mas arredava
Essel também: não seja
Truão a sua dor? — Eu caminhava
Só, triste, só, sem luz e sem destino,
A vista esmorecida,
A alma gasta, apagada, e ao desatino
No deserto da vida.

Olhava para o céu, não via estrelia,
Nom eu buscava norte;
Que importava o guiar da luz mais bella,
Se das trevas da morte
Se enveoavam meus olhos, que a não via?...
Morte d’alma que morre
De enfado e dissabor... e séca e fria
Perando jaz no coração — ah! corre
O sangue com a vân
A vida que é de terra, a bruta, a grossa,
Que, da outra desprendida,
Cahi n'essa existência absurdas, insôssa,
Que é durar só, andar, cansar com ella...
E eu ia d'esta sorte,
Olhava para o céu, não via estrela,
Nem eu buscava norte.

III

A aurora para mim não tinha flores,
Nem o sol resplendor;
E a morte-luz da lua, que é tam bela,
— Lembra-me inda de vê-la! —
Branquejava-me só como um sudário
Que ondea ao vento vário,
Pendão de spectros que por noite fria
Vão a alguma aziaga romaria.
Os campos arreluvados,
Que de longe me riam, matizados
De viciosas bonitas;
Em chegando, eram áridas campinas,
Gandras salgadas e ermas,
De uma areia alvacenta e nua — enfêrmas
E feias de avistar
Como terras malditas... — Oh! nem flores
Não tinha que esboñar
A aurora para mim, nem resplendor
O sol que derramar.

IV

E sentei-me cansado num rochedo
Triste como eu e só,
No meio d'este valle de degrêdo,
De lagrimas e dó.
Caiu-me a frente sobre as mãos pesada,
E meditei commigo:
«Não é melhor pôr fim a esta jornada
E poisar no jazigo?
Vagar, peregrinar sem fim, sem termo,
Sem causa, sem esp'rança,
Só nas cidades, abafando no êrmo,  
Faminto na abastança;
Morte na vida, e 60, 60, 60!... — Quem dera,  
Quem me dera uma dor
Das que eu sentia d’antes quando era,  
Quando impio e sem terno
Bradava ao céu: «Fatal presente d’alma  
Que tanto, tanto sente!»
Puniu-me Deus: conひとつ-se em podre calma  
O oceano fervente
Das paixões tempestuosas de meu peito;  
As velas lasmas batem,
Baleia o baixo torpe e desconfeito,  
E, nas cordas que latem
De impaciente prúpulsa, balança.
A vida que me anseia,
Oh! quem já naufragára n’um rochedo  
Ermo como eu, e so
No meio d’estes mares de degrau  
De lágrimas e dó!

Que é do anjo que, ao gérar da minha vida,  
Receu a palavra proférida;
Da bóca do Senhor,  
O verbo cressor
Que me deu alma e sêr? o guarda, o guia
Que, desde esse momento,
Um hei companhia
Habitar veio o coração que cenhão,
De minha mãe banhal-o de contento,
De amor e de ternura?
O que depois, na tinada candura
De minha tân ingenua puberdade,
Quando os olhos sequiosos de ventura
Se ergueram a pedir felicidade
A primeira mulher que viram bella,
Mês guiou com piedade
Para os olhos d’aquella
Que amei quasi co’á simplice inocencia
Com que amei minha mãe!... Poões amores!
Sem fogo, sem vehemencia,
Mas suaves e brandos como as flores...
Como elles, desbotaram á luz viva,
Com que, na quadra estiva,
Dardeja o sol—e a terra ha sede, sede
Que orvalhos não apagam;
Quer torrentes onde a agua se não mode,
E que, a afogar, saciam quando ilagem...

Aí! esse anjo onde está que a minha vida
Da bocca do Senhor
Recebeu na palavra proferida,
No verbo creador?

VI

Com um longo suspiro derradeiro,
Um longo, último olhar de piedade
Eleh me abandonou,
Quando ao festim grosseiro
Me viu sentar nas salas da impiade,
Quando, aí Deus! blasphemou
Minha bocca em palavras consagradas,
E jurou fé e prometeu verdade
A essas imagens vanas, falsas, pintadas
Que a torpe necedade
Do mundo ídolos fez d'amor...—Que amores!...

... Ellas, como a salova vende as flores
Que achou na horta ou no prado,
E as traz, em molhos feitos, ao mercado,
Marchas no viço, paliadas nas córes,
Do atar, do repartir...
Assim vendem, nos bailes e nas festas,
A preço de vaidades e mentir
De ambiciosas requistas,
O que só tem valor
Quando se dá—e que o dá amor...

Co' esse longo suspiro derradeiro,
Num longo, último olhar de piedade
O anjo me abandonou
Quando ao festim grosseiro
Me viu sentar nas salas da impiade.
VII
E u corri-me, chorei, quebrei a fronte
Na lage dura que soava em ouco,
Quando acordei de meio sonhar tam louco,
E vi enfadaçada e seca a fonte
D'esse impio templo—o do prazer... Corri-me,
Bradei, chorei, carpi-me,
E tornai a vagar só, sem destino
No deserto da vida,
Na alma apagada a luz, e o destino
Na vista amorteceida.

VIII
E fui a erguer os olhos com despeito
Para o céu, às estrelas scintilantes
Queria perguntar se esta era a vida
Que me fadavam d'antes
Quando me entrou no peito
Esta ância, este desejo, esta incendiada
Sêde fatal de amor...
Olhei... e vi o azul do firmamento
Só, sem nenhun brilhar
De estrelas ou de lua...
Mas logo se inundava num momento
De uma luz alva, doce e resplendente,
Que me entrou toda na alma. A névoa caiu
De terra, mais e mais, se encruçia
E cerrava—que a vista já não via...
Mas tam suavemente
Elevada d'aquella doce luz
A alma subia, placida subia ...

Deve subir assim
Abaçada na Cruz,
A alma do justo no bendito dia
Que ao martírio da vida lhe pôs fim...

Já não erguia os olhos com despeito
Para o céu, às estrelas scintilantes
Não perguntava já se esta era a vida
Que me fadavam d'antes.
Eu subia, subia... O brilho, a alvura
Da luz mais requintava,
E como que o meu sér compenetrava.
Estilo na imensa altura
Vi, claramente vista, a face para
Da primitiva, etérea Formosura.
Lhe que a terra só vae reflexo baixo,
Vislumbre fruixo, escasso
Que um momento, revela.
Na face virginal—e a faz um beija!—
Esse misterio da eterna Grandeza
Que desde a eternidade,
Antes de todo o sér, faz a beleza.

Disse a minha alma: «Esta é a Formosura
E o que eu sinto, Amor...»
E eram. Que fia eu pois têqui? A impura,
Falsa imagem de um ídolo traidor
Trouxe a alma rendida,
E sem remorso prostitui a vida...

O meu amor primeiro,
Único, derradeiro,
Achei-o pois: é ELLA.—Ella, um mysterio,
Um sonho—um véo cahido
Sobre um symbolo ! um mytho...
Mas é ELLA... Oh! é ella! Eterno imperio
Lhe foi, desde o principio, concedido
Em meu sér imortal! Sou, fui... escripto
Está que sou: que fui, que era já d'ella,
Desde que ha sér em mim.
Não tem começo, nunca terá fim
Este amor, que é do céu:
Vida não n'0 accendeu, morte o não gela,
Que não pôde morrer—se não nasceu!
No sempiterno Seio
Coexistiu e' meu sér:
N'este da vida turbulento enleio
Passará a gemer
Como eu gemo. Mas toda a eternidade
Será nossa, depois, co'a Divindade.

sêa...
Filha do mar, recebe-a!

1 - Enrico - Vol. 7º
XXIV

NOVA HELOIZA.

I

Junto á ribeira do Tejo
Ha um valle escusso e quento,
Que escolheu nova Heloíza.
Para novo Paracéto,
Alli um doce baféjo
De perfumes tem a brisa;
E a um longo, longo beijo
Flora e Zephyro esquecidos
Alli se ficaram detidos
Em dobrada primavera;
Alli n'ào murcham as flores...
Se hão de então murchar amores!

II

Onde a relva é mais mimosa
E a verdura mais vípoula,
De alto cume despenhado
Cae um lenço de água pura
Nas brancas orlas franjadas
De mais reluzente alvura.
Em torno da penedia
Cresce o jasmin, vive a rosa;
E a hera crespa e luxúria,
A madreselva cheirosa
Não deixam chegar do dia
Aquella estância sombria,
Senão já meio perdidos,
Os raios amortecidos...
Luz querida dos amores
Que alli vivem tão coisas flores!

III

O nome d'aquelle valle
E mysterio... não o sei:
Mandado me foi que o calle...
O seu nome callarei.
Também quero que o esqueça...
Esquecel-o é que eu não sei.
Quix a sorte — e se era avésia,
Se propicio, não direi —
Que um dia ali desciudado
Por acaso eu fosse ter.
E' um labirinto encantado:
Quem lá for, se hade perder...
Que andam ali os amores
Escondidos entre as flores.

IV
Entre as flores — tantas eram
Vi uma, duas... vi mais...
Que não sei nem qual nem quais
O coração me prendeu.
Sei bem certo que o levava
Aqui no peito, ao entrar;
Aos baques que me elle dava
Milagre foi não quebrar.
Antes quebrasse... perdi-o;
La me anda como um vadio,
Doido, doido, entre casas flores,
O louco a sonhar d’amores...

V
Lindo valle escuso e quieto
Que banhas os pés no Tejo,
E floresces ao beixo
Da suave sura d'acore,
Tu serás o paraclete,
Adonde se acende a dor
Da nova, temas Heloíza.
Tuas aguas a correr,
A suspirar a tua brisa,
Os teus bosques a gímer,
Vós todos lhe heis de dizer
Que ali no seio das flores
Não é que esquecem amores.

VI
...e com lagrimas salgadas
Elia as tuas flores regar,
Tu bem sabes, vale umbroso,
Que tás não pôde queimar.
Tristes rosas desbotadas
Bem poderá desfolhar...
E a tez ao jasmim cheiroso
Com os suspiros crescer...
Mas, por cada flor d'amor
Que assim matar sem piedade,
Verá crescêr-lhe ao redor
Mais dobra a — saudade,
Que a mate... não mata, não;
Que a queime... torna a florir.
Vegeta em toda a estação,
Sôl e chuva a faz abrir.
Oh, mal vai viver co'as flores:
Quem se quer deixar d'amores?

VII

Mas vá a bela Heloísa,
Vá para o seu Porciúncula;
E que tome por devina
Triunfar de um doce afecto...
Vá com esse crêu vêo
Que a condemná a solidão...
Vá com sua fortaleza
Desafiar a natureza
A duelho singular...
Vá... que pôde batalhar.
Pôde, vá... mas vencer, não:
Que no melhor da peleja,
Quando o contrario fraqueja,
E que cede o coração;
Verá então entre as flores
Como riem os amores!
XXV

O NATAL DE CRISTO

Verbe Incréé, source éternelle
De justice et de liberté !
Davide que guia o mundo,
Rayos vivem de vertel !
LAMARTINE, Hymn.

I

O César disse do topo do seu trono:
«Perca a liberdade!
Quero contar os homens que há na terra,
Que é minha a humanidade.»
E, cabeça a cabeça, como rezes,
As gentes são contadas.
Proconsules e reis fazem resenha
Das escravas mansas,
Para mandar a seu senhor de todos
Que, um pé na Águia romana,
Com o outro opprimo o mundo. A isto chégara
A vil progenie humana.

II

E era noite em Betlehem, cidade illustre
Em vencida Judá,
Que a domada cabeça já não cinge
Com a palma idumeia:
Dois aflitos e pobres peregrinos
Convidados vem chegando
Aos tristes muros, a cumprir do César
O imperioso bando...
Tarde chegaram; já não há poídas.
Que importa que eles verham
Da sirpe de Jessé, e o sapão regio
Em suas veias tenham?
Na geral servidão só uma avulsa
Distinção — a riqueza;
Na corrupção geral só uma avulsa
Degradação — pobreza.
Os filhos de Davíd foram coitar-se
No presepe entre o gado,
E dos animaes brutos receberam
Amparo e gasalhado.
E ali nasceu Jesus... ali é eterna,  
Immensa Majestade  
Appareceu no mundo — ali começa  
A nova liberdade.  
Cantam-na os anjos que ao céu pregáam  
Gloria a Deus nas alturas,  
E paz na terra aos homens! — Paz e glória,  
Promessas sim seguras.  
Do céu à terra n'esta noite santa,  
O que é feito de vós?  
Jesus, filho de Deus, que ali vieste  
Humana-te por nós,  
Tu que mandaste os céus dos teus anjos  
Aos humildes pastores,  
Que dormias na serra — ao pobre, ao povo,  
Primeiro que aos sábios,  
Que aos pobres e que aos reis, te revelaste—  
Oh! que é d'elas, senhor,  
Que é das tuas promessas e sagrados,  
Livro: salvador.  
Do rigor captivado não seriam  
Os homens que fizeste  
Livres e o sôiro teu, quando os cristãos,  
Livres, quando nascens,  
Livres pelo Evangelho de verdade  
Que em tua lei lhes dêste,  
Livres em fim pelo teu sangue puro  
Que por elhes verteste  
Do alto da Cruz, no Golgotha de infâmia  
Em que por nós morteste?  

IV

Vê, ó filho de Deus! quasi passados  
Dois milênios já são  
Que, esta noite em Bethlem princípio  
Tua longa paixão;  
E o edicto do Cesarinda impié  
No mundo avassalado.  
Os Cesares, seu trono — e quantos tronos!  
Têm caído prostrados...  
Embaide! - as leis iniquas, que destróem  
A Santa liberdade.
Que n’est a pia noite anunciaste
A oppressa humanidade,
Essas estão em pé. Será que o pacto,
Será que o testamento
Celebrado na Cruz tu quebrarias,
Senhor no eíbere assento?...

Não meu, Deus, não: eterna é a Palavra,
Eterno é o Verbo teu
Que, antes de a ser dos séculos, nos deste
Que o mundo recebem
Nesta noite solene e sacrosanta.
Nós, nós é que o quebramos,
Nós, sim, o novo pacto e juramento
Sacrilegos violamos;
Essas do Evangelho, nós vendemos,
Com torpe necedade,
Por appetites sordidos, a herança
D’a gloria e libertade.
Por isto os reis da terra indo nos contam
Escravos, às manadas;
Por isso, em vão, do jugo succidimos
As servidões chegadas.
Porque nós temos fé, nós temos crença,
E a Cruz abandonamos.
D’onde sómente está, só vem, só fulge
A luz que procuramos.
E os vãos sahlores, estes magos
Que a saudade cegou,
Não olham para o céu, não o vêem a estrela
Que hoje em Belém raiou.

XXVI
O REDEMPTOR
SEQUENCIA
Ave aper unica.

Tu morreste por nós na cruz da afrenta,
E o sangue derrado...
Derramaste do alto do madeiro,
Jesus, filho de Deus, Deus verdadeiro!

Aos crimes do homem não lançaste a conta.
Innocente cordeiro,
Quando foste no alto do madeiro
Lavar, com sangue, o último e o primeiro.

E n'aquella hora o mundo foi mudado:
A antiga, frouxa luz
Se apagou no Calvário ao pé da Cruz;
E agora é novo sol o que reluz.

Por desiguais direitos, afrontosos
Para o pobre que lida,
Que trabalha, que sua pela vida
Andava a terra pelos reis regida.

Vãos sabedores, ricos poderosos
A tinham submetida
Ao erro torpe que embutece a vida
E que espalha a razão na alma perdida.

Acabaram-se as leis dos reis da terra;
E esta só lei ficou.
«O rei que está na Cruz nos libertou,
E com seu sangue a todos igualou.»

AVULSA

DA VERSÃO DE CATULLO

ODE A PÂBULLO

Cedo comigo se lhe apraz, ao meu nome
Muita lumentante ceaço o Pâbullo
Se farta boa cea, e generoso.
Vinho, e mais galhos deiras bagatelas,
(Sem que alva moça apetitosi esqueça)
As trouxeres contigo: sim, meu caro,
Se as trouxeres, serás mui lauta cela:
Que o teu pobre, o teu mísero Catullo
Tem ás aranhas alugada a bolsa;
Em troca te darei pelos amores,
Ou se mais guapa, mais suave que elles,
Alguma cosa houver dar-d’a-hai contente:
Perfumes te darei, que á minha bella
Deram Graças, e Amor, Cupidos deram:
Tais, que ao provar-lhe o cheiro delicioso
Aos deuses pedirás, Pábello amigo,
Que em nariz todo inteiro te convertam.
NOTAS AO LIVRO PRIMEIRO

Nota A

Cujus scientia... não vê mais coisa nenhuma entre o céus e a terra do que as que senha a sua philosophia pag. 4.

Shakespeare faz dizer esta sentença a um dos profundos pensadores que ele pôs a falar n'aquéles seus dramas imortalis:

There are more things in heaven and earth, Horatio,

Than are dreamt of in your philosophy.

São justamente essas coisas cuja existência não senha a philosophia humana, as coisas que não contou, em seus cálculos, esta moderna scienza da Econo-

mia politica; scienza que houve estragar a civiliza-

ção e o mundo, porque nos lançou no individualis-

mo absoluto e exclusivo, consequência inevitável das
doutrinas dos utilitarismos.

Já se vê percebendo no coração da Europa, não
tardará a sentir se em toda eli amargamente, a fa-

tal verdade d'esta observação, que não é para aqui
estender, mas que era forçoso apoiar par se enten-
der o texto citado.

Nota B

Esse princípio alienão que é... tanto mais... não cuidem
que é... o aventuriero que aqui andou ha dois an-

nios

O princípio Muskau, engraçado auctor de «Tutti-

frutti» das Viagens de Seml lasto e de outras rhapso-
dicas e Alegradas, é um escritor bem conhe-
cido e geralmente estimado. Receu-se porém que
algum literato de botequim o não confundisse com esse outro apenas conheciço pela sua publicação sobre Hespanha, em que tam insultada é a memória de D Pedro IV (de Portugal). Da brochura que elle ultimamente deu à luz sobre a nossa terra, crê-se que o bom do príncipe não é senão o «editor respondável».

Nota C

De procissões, de calmas acusadas

Este fragmento foi escrito no mar em uma longa e penosa viagem de Lisboa à ilha Terceira. Em parte já tinha sido publicado no número IV do jornal literário O Chronista, que saía em Lisboa em 1837.

Nota D

Belleza e bondade (de Sapho)

Na elegante coleção insignia publicada nos fins do século passado em Paris com o título Œuvres de Sapho, vem-lhe atribuída esta espécie de epigramma, ou antes, apoteose poética. Dahi o traduzi com tal; mas procurei depois, em vão, o texto grego, tanto nos Poètes grecs vétérès, como na rara col.\n
\n
Notas de Lirícos gregos de Henrique Stephanos impressa em Paris em 1826.

O mesmo me sucedeu com a peça seguinte a esta (V do Liv. I) que tem por título O Sacrifício.

Nota E

Foi Anacreonte

Que ao seu bom amado

Eliminou-se, na tradução desta linda Ode, o nome de Bactris, a quosa no original é consagrada por Anacreonte, de mesmo modo que Virgílio dedicou a Alexa a sua segunda Egíloga.

Salva esta infelicidade, que a decência dos nossos costumes exige, em tudo o mais os presentes estudos sobre Anacreonte são traduções tant severamente literais quanto o gênio das duas linhas o permite. O mesmo digo das de Alceu, Horácio, etc.
Nota P

Não me enganou: era de Ossian a sombra,
E assim cantou........................................ pag. 29

A especie de introducçao que chega até estes versos não é de Macpherson, ou de quem quer que foi o auctor das Poesias de Ossian; fil-a eu para me exercitar n'um genero que, nos meus primeiros annos, me parecia o sublime dos sublimes – como elle já pareceu a Napoleão e a Cesarotti. O epílogo, que se contêm nos ultimos oito versos do poemeto, também é da mesma lavra.

Nota G

Coversa de Viriatho........................................ pag. 36

Na que pôde considerar-se como «a primeira parte» do que chamarei minhas Poesias menores a qual se publicou em Londres n.º, sob o título de Lyrice de João Minimo, vem já incluída esta ode ou canção a pag. 161. A melhor chronologia com que agora se ordenou, tanto aquella primeira parte como esta segunda, obrigou a colocar aquêle à Coversa de Viriatho.

Mademoiselle de Flaugergues, no seu lindo livrinho Au bord du Tage, Paris, 1841, publicou a traducao francéza que aqui se dá apê do texto, que foi o mais lineageiro cum vimento que o auctor podia receber. Veja a nota l ao Liv. II da presente collecção.

Nota H

O ano velho........................................ pag 46

Foram já impressos, por engano de data, estes versos na Lyrice de João Minimo. Veja nota antecedente (G ao l.iv. 1), e o que se diz no prologo da presente collecção.
NOTAS AO LIVRO SEGUNDO

Nota A

Lembrando-se assim
O verde pavilhão nas altas pápas
Tentou o topo da briga

A jovem Rainha de Portugal em tão de onze annos,
E a jovem Imperatriz do Brasil com poucos mais,

Nota B

Estendarde de morte azingo
São os céos da nova Cartago

Allude-se à fragata inglesa que seguia os navios brasileiros, e que, à vista do procedimento que o governo britânico tinha tido com a Rainha e com os portuguezes emigrados, com razão entendíamos todos que ia mais para a vigiar, do que para lhe fazer hora.

O mesmo sentimento, bem natural, inspirou muitos outros versos análogos n'esta peça. Até para a Rússia, que então se achava com o seu exercito sobre Constantinopla, apelávamos nós, para vêr por alli começar a destruição do oceanico poder inglés que tanto nos aterava.

Comentar todo este poema seria quasi escrever a história d'aquelle anno tam cheio—1859.
Nota C
Uma lha vecejante e pampimosa................. pag. 36

A ilha Terceira, onde, poucos dias antes, as reliquias do partido liberal tinham ganho a célebre batalha da Praia, em 13 d'Agosto desse mesmo ano de 1829.

Nota D
E quers são esses nobres defensores............. pag. 56

O batalhão de Voluntários da Rainha, que não crum soldados de profissão, foi o que ganhou a vitoria da Praia.

Nota E
Quers injurias, que affrontas.................. pag. 58

Na câmara dos Pares em 1816-27 tinham-se dito e feito as maiores injurias aos voluntários, que, por amor da liberdade e do soberano, se armavam e pelejavam pela causa comum. Pouco menos lhes tinha feito o governo. Elles desafrontaram-se como o soldado de Vizela, que, em sua infinitavel linguagem, Morre... e venga-se.

Nota F
Ciznas que a mão do algua devia aos meus......Pag. 100

Este verso cuja barbara allusão é bem obvia, sente-se da exaltação em que a guerra civil trazia os animos depois da contenda, que ninguém accusará nunca o auctor de que, em verso ou em prosa, em publico ou em particular, soltasse tais expressões, e menos ainda tivesse tais pensamentos. Nem o reclama como grande merito: é vulgar virtude a generosidade entre Portuguezes. Se não fosse meia duzia de mais almas que aqui ha por desgraça, talvez se podesse escrever sem sangue toda este historia das desavenças politicas.
Nota G

A mão inocente e bella
Que o trieste ramo colheu.......................... Pag. 66

Na antevespera da nossa partida de San Miguel com a expedição para o Porto, uma jovem senhora —que hoje deve ser anjo no céu—colheu um ramo de cipreste e o deu ao autor... no dia seguinte exigiu que ele lhe restituisse e o ramo voltou acompanhado destes versos. E quanto basta para se elles entenderem; com o mais não tem nada o leitor.

Nota H

O emprazado........................................Pag. 74

Talvez não devesse colocar-se aqui esta composição, que pertenceria melhor ao Romanceiro. Romance é ella, mas não no estilo cástico e singelo dos nossos romances antigos, como o auctor se licencia que são as suas outras composições da mesma natureza. Neste quiz-se mais imitar a escola de Schiller, e provar forças por tolos ou quasi todos os metros que a nossa lingua comporta: por isso é que o não quiz incluir no Romanceiro a par d'estes outros.

Penamacor só deixou de ser um título vago e um nome vago depois de impresso este livro; alias, ter-se-hia mudado: agora é impossível fazê-lo.

Nota I

O elyos no cabo..................................... Pag. 79

O texto de Mademoiselle de Flaugergues, que aqui se dá ao pé da tradução, apareceu, a primeira vez em um jornal francês L'Abeille, que se começou a publicar em Lisboa em 1836. Residia então aqui a autora destes lindos versos. Traduziu-os logo, e sabriam impressos, nesse mesmo anno, no Portugal Constitutional. Tan a tradução foi esmerada nem a publicação correcta. Apesar disso, Mlle de Flaugergues teve a bondade de a incluir na sua collecção, já por vezes citada, Au bord du Tage. Mas ahi aparece muito pior ainda, graças aos compositores...
francês eu não entendia o que compunham.

Agora não vejo só restaurada, vejo refeita a tradução, porque realmente o merito da beleza do original e a obsequiosa civilidade da auctora. (*)

Nota K

Não olham para o céu, não veem a estrela
Que hoje em Bethlem raiou........... pag. 104

Ponho uma só nota a este verso, a toda a ode, e serve também para a seguinte: — é em duas linhas mas vale um livro:

Onde a liberdade se não abraçar com a cruz, onde o povo não derivar os seus direitos imediatamente de Deus e do Evangelho — ah! liberdade verdadeira, não a hade nunca haver. As teorias philosophicas valem para o espírito; e o espírito é o mesmo para os povos. O coração é tudo e ao coração só a religião pode chegar.

Appareceu a primeira vez impressa esta ode na Revista Universal Lisboense de dezembro 1844.

(*) Para illustração do que se diz n'esta nota, transcrevemos n'este lugar outra nota, que é a que Mlle. de Flangeburgh, pois a tradução portuguesa do Sr. Garrett quando a publicou em Paris:

"Le poète qui nous a fait l'honneur de traduire cette petite pièce est un des hommes plus marquants qu'il y a six ans d'hil en Portugal, sont dans les lettres, soit dans la politique; le nombre de ses écrits en diverse genres est très considérable, et la tribune législatrice lui doit le plus grand éclat dont elle ait brillé en ce pays. Ain nombre de ses ouvrages poétiques est un recueil de verss qu'il a publié sous le pseudonyme singulier de Aide Moravia et c'est moi. Nous avons pris dans cet ouvrage la belle ode intitulée L'Atte de Féraud dont nous nous hasardons à donner une traduction, en prose pour plus de fidélité. Si cet essai passe sous les yeux du poète et qu'il l'accepte sans approbation, nous espérons donner la version complète du recueil.

(Nota dos Ed."

Obras Completas de Almeida Garrett
LYRICA

IV

ÚLTIMOS VERSOS

FOLHAS CAHIDAS

DOS EDITORES

Cumprir-se a promessa feita no primeiro volume d'esta collecção reunindo aqui, em segunda edição muito aumentada e correta, as FOLHAS CAHIDAS.

Apezar de estarem no prelo desde 1851, o auctor tinha descuidado na primeira edição o seu habitual escrupulo de rever e corrigir; e não teve paciencia para as augmentar com muitas peças que agora vão, e que então não estavam postas a limpo. Trabalhos mais sérios o distraíram durante os dois annos que levarão a imprimir tam poucas paginas.

Julgou-se agora melhor dividir em dois livros o que, assim augmentado, ficaria demasiado para um só.

Maio—1853.
ADVERTENCIA

Antes que venha o inverno e disperse ao vento essas folhas de poesia que por ahí cahiram, vamos escolher uma ou outra que valha a pena conservar, ainda que não seja senão para memória.

A outros versos chamei eu já as últimas recordações de minha vida poética. Enganei o público, mas de boa fé, porque me enganei primeiro a mim. Protestos de poetas que sempre estão a dizer adeus ao mundo, e morrem abraçados com o louro—á vezes imaginário, porque ninguém os coroa.

Eu pouco mais tinha de vinte anos quando publiquei certo poema, e jurei que eram os últimos versos que fazia. Que juramentos!

Se dos meus se riem, têm razão; mas saibam que eu também primeiro me ri delas. Poeta na primavera, no outono e no outono da vida, heide se-lo no inverno se lhe chegar, e heide se-lo em tudo. Mas d'antes cuidava que não, e n'isso ia o erro.

Os cantos que formam esta pequena coleção pertencem todos a uma época de vida íntima e recolhida que nada tem com as minhas outras coleções.

Essas mais ou menos mostram o poeta que canta deante do público. Das Folhas Carrancas ninguém tal dirá, ou bem pouco entende de estilos e modos de cantar.

Não sei se são bons ou maus estes versos; sei que gosto mais delas do que de nenhuns outros que fizesse. Porque? É impossível

---

Do autor na primeira edição.
dizê-lo, mas é verdade. E como nada são por
elle nem para elle, é provável que o público
sinta bem diversamente do autor. Que im-
porta?
Apeizar de sempre se dizer e escrever ha
cem mil anos o contrario, parece-me que o
melhor e mais recto juiz que pode ter um
escriptor, é elle proprio, quando o não cega
o amor proprio. Eu sei que tenho os olhos
abertos, ao menos agora.
Custa-lhe a uma pessoa, como custava ao
Tasso, e ainda sem ser Tasso, a queimar os
seus versos, que são seus filhos; mas o sen-
timento paterno não impede de ver os defei-
tos das crianças.
Em fim, eu não queimo estes. Consagrê-os
Ignoto deo. E o deus que os inspirou que os
aniquilhe se quizer: não me julgo com di-
reito de o fazer eu.
Ainda assim, no Ignoto deo não imaginem
alguma divindade meia-velada com cendal
transparente, que o devoto está morrendo
que lhe caia para que todos a vejam bem
claro. O meu deus desconhecido é realmente
aquele misterioso, occulto e não definido
sentimento d alma que a leva às aspirações
de uma felicidade ideal, o sonho de oiro do
poeta.
Imaginação que porventura se não realiza
nunca. E dahi quem sabe? A culpa é talvez
da palavra, que é abstracta de mais. Saude,
riqueza, miséria, pobreza, e ainda coisas mais
materiaes, como o frio e o calor, não são se-
não estados comparativos, approximativos.
Ao infinito não se chega, porque deixava de
ser em se chegando a elle.

Mas sei que as presentes Foihas cañadas representam o estado d'âlma do poeta nas variadas, incertas e vacilantes oscilações do espírito que, tendendo ao seu fim único, a posse do ideal, ora pensa tel-o alcançado, ora estar a ponto de chegar a elle — ora ri amargamente porque reconhece o seu engano — ora se desespera de raiva impotente por sua credulidade van.

Deixae o passar, gente do mundo, devotos do poder, da riqueza, do mando, ou da glória. Elle não entende bem d'isso, e vós não entendais nada d'elle.

Deixae-o passar, porque elle vae onde vós não ides; vae, ainda que zombeis d'elle, que o calumnieis, que o assassineis. Vae, porque é espírito, e vós sois matéria.

E vós morreis, elle não. Ou só morrerá d' elle aquillo em que se pareceu e se uniu convosco. E essa falta que é a mesma de Adão, também será punida com a morte.

Mas não triunfais, porque a morte não passa do corpo, que é tudo em vós, e nada ou quasi nada no poeta.

Janeiro—1853.
FOLHAS CAHIDAS

LIVRO PRIMEIRO

1

IGNOTO DEO

D. D. D.

Casto em ti, Deus: a fé viva
De minha alma a ti se eleva.
Eu — o que és não sei. Deriva
Meu sêr do teu: luz... e trêva,
Em que — indistinctas! — se envolve
Este espírito agitado,
De ti vem, a ti devolve.
O Nada, a que foi roubado
Pelo sôpro creador
Tudo o mal, o ha-de tragar.
Só vive de eterno ardor
O que está sempre a aspirar
Ao infinito d'onde veiu.
Belleza és tu, luz és tu,
Verdade és tu só. Não creio
Senão em ti; o olho nu
Do homem não vê na terra
Mais que a dúvida, a incerteza,
A forma que engana e erra.
Essencial a real belleza,
O prazo imor — o prazer
Que não fatiga e não gasta...
Só por ti os pôde vêr
O que inspirado se afasta,
Ignoto Deus, das roncetras,
Vulgares turbas: desgidos
Das coisas vãs e grosseiras
Sua alma, razão, sentidos,
A ti se diço, em ti visada,
E por ti vida têm. Eu, consagrado
A teu altar, me prosto e a combatida
Existência aqui pano, aqui votado
Fica este livro — confissão sincera
Dá alma que a ti vôou e em ti só espera.

II

ADEUS!

Adeus! para sempre adeus!
Vae-te, oh! vae-te, que n'esta hora
Sinto a justiça dos céus
Exangue-me a alma que chora.
Choro porque não te amei,
Choro o amor que me tivesse;
O que eu perco, bem não sei,
Mas tu... eu nada perdeste;
Que este meu coração meu
Nos secretos escamachos
Temos enxertos tão damninhos
Que o seu poder só sei eu.

Oh! vae... para sempre adeus!
Vae, que há justiça nos céus.
Sinto gerar na peçonha
Do ulcerado coração
Essa vibora medonha
Que por seu fatal condão
Hade rasgar-o ao nascer:
Hade sim, serás vingada,
E o meu castigo hâ-de ser
Como de vêr-te amada,
Remorsos de te perder.

Vae-te, oh! vae-te, longe embora,
Que sou eu capaz agora
De te amar—Ailt se eu te amasse!
Vê-se no árido pragal
D'este peito se atas accuse;
De amor o incêndio fatal!
Mais negro e feio no inferno
Não chameja o fogo eterno.
Que sim? Que antes isso? — Aí, triste!
Não sabes o que pediste.
Não te bastou suportar
O cenó-rei, impaciente
Tu ousas a Deus tentar
Pedindo-lhe o rei-serpente!
E cuidas amar-me ainda?
Enganas-te: é morta, é finda,
Dissipada é a ilusão.
Do meio azul de teus olhos
Tanta lágrima verteste,
Tanto esse orvalho celeste
Derramado o viste em vão
Nesta seara de abrolhos,
Que a fonte secou. Agora
Amarás... sim, haste amar,
Amar deves... Muito embora...
Ou mas outro haste sonhar
Os sonhos de olho escantados
Que o mundo chameu amores.
E eu réprobo... eu se o verei?
Se em meus olhos encovados
Der a luz de teus arcores...
Se com ella cegarei?
Se o nada d'essas mentiras
Me entrar pelo vão da vida...
Se, ao vêr que feliz de ilusas,
Também eu sonhar... Perdida,
Perdida será — perdida.
Oh! vae-te, vao, longe, embora!
Que te lembre sempre e agora
Que não se amei nunca... ah não;
E que pode a sangue frio,
Covarde, infame, vilão,
Gosar-te — mentir sem brío,
Sem alma, sem dó, sem pejo,
Commetendo em cada beijo
Um crime... Aí triste, não chubes,
Não chores, anjo do céu,
Que o deshonrado sou eu.
Perdoar-me tu?... Não mereço.
A inmundo como voraz
Empreza da Historia de Portugal

Essas perolas de preço
Não as deixes: é capaz
De as despezar na torpeza
De sua bruti natureza.
Irada, te hade admirar,
Despeitosa, respeitar.
Mas indulgente... Oh! o perdão
E perdão no vilão,
Que de ti hade zombar.

Vae, vae... para sempre adeus!
Para sempre aos olhos meus
Sumido seja o clarão
De tua divina estrela,
Faltam-me olhos e razão
Para a vê, para entendê-la:
Alta está no firmamento
Demais, e demais é bela
Para o baixo pensamento
Com que em mã hora a fíeis;
Folso e vil o encantamento
Com que a luz lhe fascinei.
Que volte a sua beleza
Do azul do céu é pura;
E que a mim e deixe aqui
Nas trevas em que nasci,
Trevas negras, densas, feias,
Como e negro este aleijão
D'onde me vem sangue das veias.
Este que fós coração;
Este que amar-te não sabe
Porque é só terra — e não cabo
N'ela uma ideia dos ceus... Oh! vae, vae; deixa-me, adeus!

III

QUANDO EU SONHAVA

Quando eu sonhava, era assim:
Que nos meus sonhos a via;
E era assim que me fugia,
Apenas eu despertava,
Essa imagem fugia
Que nunca pude alcançar.
Agora que estou desperto,
Agora a vejo fixar...
Para quê? — Quando era vaga,
Uma ideia, um pensamento,
Um raio de estrela incerto
No imenso firmamento,
Uma chimeria, um vão sonho,
Eu sonhava — mas vivia:
Prazer não sabia o que era,
Mas dar, não n'a conhecia...

IV

AQUELLA NOITE

Era a noite da loucura,
Da sedução, do prazer,
Que em sua mantilha escura
Costuma tanta ventura,
Tantas glórias esconder.
Os felizes... e aí! são tantos!
— Eu por tanto os contava!
Eu que o sinal de meus prantos
Do alvivo rosto lavava —
Os felizes presumpçosos
Lam nas coches ruidosos
Correndo aos salões dourados
De mil fogos alumiados,
D'onde em torrentes, sabia
A clamarosa harmonia
Que a fez ao prazer tangia.

Eu sentia esse ruido
Como o confuso bramar
De um mar ao longe movido
Que a praia vem rebeentar.
E disse commigo: — Vamos,
Os loucos d'alma despamos,
A festa heide ir também era!

E foi e a noite era bella,
Mas não vi a minha estrela.
Emprêsa da Historia de Portugal

Que eu sempre via no céu:
Cobria-a de espesso véu
Alguma nuvem a ella,
Ou era que já vendado
Me levava o negro fado
Onde a vida me perdeu?

Fui; meu rosto macerado,
A funda melancholia
Que todo o meu ser revés,
Qual o atabule levado
A egípcio fêstimo, dizia:
— Como vós fui eu também;
Porque, que a morte aqui vem?
Dizia-o, sim, meu semblante,
Que, onde eu chegava, o prazer
Cessava no mesmo instante;
E o lábio que ia a dizer
Doçuras de amor, gelava;
E o riso que ia a nascer
Na face linda, espirava.
Era eu — e a morte em mim,
Que só ella espanta assim!

Quantas mulheres tam belas
Ebradas de amor e desejos,
Quantas vi saltar-lhes os beijos
Da boca ardente e lasciva!
E eu, que ia chegar-me a ellas...
Parei logo a frente esquiva
De recatos se envolvia
E, toda pudor, tremia.

Quantas o seio anhelante,
Nun, ardente e palpitante
Andavam como entregando
A cubica mai desperta,
Gasta já e desdinhosa;
Dos que os estavam mirando
Com vaga luneta incerta
Que dizer — «Aquela é formosa,
Não se me dava de a ter.
E esta? É só baroneza,
Vale menos que a duquesa;
Não sei a qual atender.»
E a isto chamam prazer!
A grande ventura é esta?
Vale a pena vir á festa
E vale a pena viver.
Como então quiz á tristura
Do meu viver isolado!
Fique-se embora a ventura,
Que eu quero ser desgraçado.

Levantei alto a cabeça,
Senti-me crescer — o a frente
Desanuviar-se contente
Do feito negrume espesso
Que assustava aquela gente.
Logo os sorrisos cabiam
Para o meu lado também;
Já como um dos seus me viam
Que em mim não viam ninguém.
Eu, de olhos desencantados,
A elas, como as eu via!
Meus entusiasmos passados,
Oh! como eu d'elles me riá!

Frio o sarcasmo saltá
De meus labios descôrados,
E sem dó e sem pudor
A todas falei de amor...
De amor bruto, degradante
Que no seio palpitante,
Na espacia mas se ascende...
Amor lascivo que ofende,
Que faz cólar... Ellas riam,
E oh que não, não se offendiá!

Mas a orchestra bradou alta:
—Festa, festa e salta, salta!—
Os seus guizos delirantes
Sacode a louca Folia...
Adexe, recebros de amantes!
Suspirós, quem n'os ouvia?
As palavras meias ditas,
Meias nos olhos escritas,
Voaram todas perdidas,
Dispersas, rotas no ar;
Que se foram almas, vidas
Tudo se foi a walar.
Quem é esta que mais voltas
gira, gira sem cessar?
Como as roupas leves, sólitas,
Afrias levá a ondular.
Em torno a torna graciosa,
Tam flexivel, tam arosa,
Tam fina! — Agora parou,
E tranquilha se assentou.
Que rosto! Em linhas severas
Se lhe desenha o perfil;
E a cabeça, tam gentil,
Como se fora devéras.
A rainha d'essa gente,
Como a levanta insolente!
Vive Deus! que é ella... aquella,
A que eu vi na tal janela,
E que triste me sorria
Quando passando me vais
Tam pasmado a olhar para ella.
A mesma melancolia
Nos olhos tristes — de luz
Oblíqua, viva mas fria;
A mesma alta inteligencia
Que da face lhe transfixa,
A mesma alegria impacienta
Que de tudo, tudo causa;
De tudo o que foi, que é,
E na erma vida só vê
O raio da vagia esperança.

«Pois isto sim, que é mulher»
Disse eu — e aquil ha que ver.

Já vinha a palida aurora
Anunciando a manhã fria,
E eu falava e eu ouvia
O que até aquella hora
 Nunca disse, nunca ouvi...
Toda a memoria perdida
Das palavras proferidas...
Não eram d'estas sabidias,
Nem quases eram nilo n'o sei...
Sei que a vida era outra em mim,
Que era outro sér o meu sér,
Que uma alma nova me achei
Que eu bem sabia não ter.

E d'ahi! — D'ahi, a historia
Não deixou outra memória
Dessa noite de loucura,
De sedução, de prazer...
Que os segredos da ventura
Não são para se dizer.

V

O ANJO CAHIDO

Era um anjo de Deus
Que se perdera dos céus
E terra a terra voava.
A seta, que lhe acertava
Partia de arco traidor,
Porque as penas que levava
Não eram penas do amor.

O anjo cabiu férvido,
E se juntou aos pés rendido
Do tyranno caçador.
De azajmorta e sem splendor
O triste, peregrinando
Por estes valles de dôr,
Andou gemendo e chorando.

Vi-o eu, o anjo dos céus,
O abandonado de Deus,
Vi-o, n'essa tropeça
Que o mundo chama alegria,
Vi-o a taça do prazer
Pôr no labio que tremia...
E só lágrimas beber.

Ninguém, mais na terra o via,
Era eu só que o conhecia...
Eu que já não posso amar?
Quem n'ão havia de salvar?
Eu, que n'uma sepultura
Me fora vivo enterrar?
Loucura! ai, cega loucura!
Mas entre os anjos dos céus
Palpava um anjo ao seu Deus;
E remílio e resgatal-o,
D'água a infâmia salva-l-o.
Só força de amor podia,
Quem d'esse amor hade amal-o,
Se ninguém o conhecia?

Eu só — e eu morto, eu descido,
Eu fiquei o errojo atrevido
De amar um anjo sem luz.
gravei-a eu nessa cruz
Minha alma que renascia,
Que toda em suas almas puz.
E o meu sêr se dividiu.

Porque, se outra alma não tinha
Outra alma senão a minha...
Tarde, até tarde o conheci,
Porque eu o meu sêr perdi,
E elle a vida não voltou...
Mas a morte que eu morri
Também o infeliz morreu.

VI

O ALBUM

MINHA Julia, um conselho de amigo;
Deixa em branco este livro gentil;
Uma só das memórias da vida
Vale a pena guardar, entre mil.

E essa n'alma em silêncio gravada
Pelos memórios do mistério hâde ser;
Que não tem língua humana palavras,
Não tem letra que a possa escrever.

Por mais bello e variado que seja
De uma vida o tecido matriz,
Um só fio da trama bordada,
Um só fio hâde ser o fio.
Tudo o mais é ilusão, é mentira.
Brilho falso que um tempo seduz,
Que se apaga, que morre, que é nada,
Quando o sol verdadeiro refuz.

De que serve guardar monumentos
Dos enganos que a esperança forjou?
Víos reflexos de um sol que tardava
Ou vãs sombras de um sol que passou!

Crê-me, Julia: mil vezes na vida
Eu co’a minha ventura sonhei;
E uma só, d’entre tantas, o juro,
Uma só com verdade a encontrei.

Essa entrou-me pela alma tam fime,
Tâm segura por dentro a fechou,
Que o passado fugiu da memória,
Do porvir nem deseja ficou.

Toma pois, Julia bela, o conselho;
Deixa em branco este livro gentil,
Que as memorias da vida são nada,
E uma só se conserva entre mil.

VII

SAUDADES

Leva este ramo, Pepita,
De saudades portuguezas;
E flor nossa, e tam bonita
Não n’a ha n’outras de vezas.

Seu perfume não seduz,
Não tem variado matiz;
Vive à sombra, este à luz,
As glórias de amor não dir,

Mas na modesta belleza
De sua melancolia
E tam suave a tristeza,
Inspira tal sympathia!...
Empreza da Historia de Portugal

E tem um dote esta flor
Que de outra igual se não diz:
Não perdo o viço ou frescor
Quando a tiram da raiz.

Antes mais e mais floresce
Com todo o que as outras mata;
Até às vezes mais cresce
Na terra que é mais ingrata.

Só tem um cruel senão.
Que te não devo esconder:
Plantada no coração,
Toda outra flor faz morrer.

E, se o quebra e despeça,
Com as raizes molhadas,
Mais ella tem brilho e graça,
É como a flor das ruínas.

Não, Pepita, não t'a dou...
Fix mal em dar-te esta flor,
Que eu sei o que me custou
Tratê-la com tanto amor.

VIII

ESTE INFERNOS DE AMAR

Este inferno de amar — como eu amo!
Quem me pôs aqui n'alma... quem foi?
Esta chama que a gente e consome,
Que é a vida — é que a vida destroce —
Como é que se veiu a atear,
Quando — aí quando se ha de ella apagar?

Eu não sei, não me lembra: o passado,
A outra vida que d'antes vivi.
Era um sonho talvez... — foi um sonho —
Em que paz tom serena a dormir!
Oh! que docz era aquelle sonhar... —
Quem me veiu, aí de mim! despertar?

Só me lembra que um dia formoso
Eu passei... dava o sol tanta luz!
E os meus olhos, que vagos giravam.
Em seus olhos ardentes os pux.
Que fez ela? eu que fiz? —Não n’o sei;
Mas n’essa hora a viver comecei...

IX
DESTINO
Quem disse á estrela o caminho
Que ela hade seguir no céu?
A fabricar o seu ninho
Como é que a aye aprendeu?
Quem diz à planta—Floreceu?
E ao mudo verme que tece
Sua mortalha de seda
Os fios quem lhes enreda?
Ensíou alguém á abelha
Que no prado anda a zumbir
Se á flor branca ou á vermelha
O seu mel hade ir pedir?
Que eras tu meu sêr, querida,
Teus olhos a minha vida,
Teu amor todo o meu bem...
Aí! não n’o disse ninguém.

Como a abelha corre ao prado,
Com no céu gira a estrela,
Como a tudo o ente o seu lado
Por instinto se revela:
Eis no seu seio divino
Vim cumprir o meu destino...
Vim, que em ti só sei viver,
Só por ti passo morrer.

X
GOÇO E DOR
Se estou contente, querida,
Com esta imensa ternura
De que me enche o teu amor?
—Não. Aí! não; falta-me a vida,
Socorro-me a alma á ventura:
O excesso do gozo é dor.
Doe-me alma, sim; e a tristeza
Vaga, inerte e sem motivo,
No coração me poiosu.
Abserto em tua beleza,
Não sei se morro ou se vivo,
Porque a vida me parou.

É que não há ser bastante
Para este gusur sem fim.
Que me inundá o coração
Tremo d'elle, e delirante
Sinto que se exhauve em mim
Ou a vida — ou a razão.

XI
PERFUME DA ROSA

O que bebe, rosa, o perfume
Que de teu seio respira?
Um anjo, um sylpho? Ou que nume
Com esse aroma delira?

Qual é o deus que, namorado,
De seu trono te ajoelha,
E esse recitar encantado
Bebe oculto, humilde Abelha?

Ninguem? — Mentiste: essa frente
Em languidez inclinada,
Quem t'a pôz assim pendente?
Dize, rosa namerada.

E a cor de purpara viva
Como assim te desmaio?
E essa palidez lasciva
Nas folhas quem t'a pintou?

Os espinhos que tam duros
Tinhas na rama lustrosa,
Com que magos esconjurou
T'os desarmaram, ó rosa?

E porque, na bástea sentida
Tremês tanto ao pór do sol?
Porque escutas tão rendida
O canto do rouxinol?

Que eu não ouvi um suspiro
Sussurrar-te na folhagem?
Nas águas deste retiro
Não espreitei a tua imagem.

Não a vi afligida, ansiada...
—Era de prazer ou dor?
Mentiste, rosa, és amada,
E também tu masas, flor.

Mas ali se não for um nume
O que em teu seio delira,
Há de matar o perfume
Que nesse aroma respira.

XII

ROSA SEM ESPINHOS

Para todos tens carinhos,
A ninguém mostras rigor!
Que rosa és tu sem espinhos?
Al, que não te entendo, flor!

Se a borboleta vãidosa
A desem te vais beijar,
O mais que lhe fazes, rosa,
E sorrir e é corar.

E quando a sonha da abelha,
Têm modesta em seu zumbir,
Te diz: — O' rosa vermelha,
Bem me podes acudir:

Deixa do calix divino
Uma gota só beber...
Deixa, é néctar peregrino,
Mel que eu não sei fabricar...

Tu de lâmpora rendida,
De malícia compaixão,
Tu és súpplica atrevida
Sabes tu dizer que não?
Tanta lástima e carinhos,
Tanto dó, nenhum rigor!
E a rosa e não tens espinhos!
Ai! que não te o entendo flor.

XIII

ROSA PALLIDA

Rosa pálida, em meu aceno
Vem, querida, sem receio
Esconder a aflieta cór.
Ai! a minha pobre rosa!
Coitada, que é menos formosa
Porque desbota da ãmôr.

Pois sim... quando livre, ao vento,
Sóita de alma e pensamento.
Forte de tua isenção,
Tinhas na folha incendiida
O sangue, o calor e a vida.
Que fora tens no coração.

Mas não eras, não, mais bela
Coitada, coitada d'elle,
A minha rosa gentil!
Corram-n'a então desejos,
Desmaiam-n'a agora os beijos...
Vales mais mil vezes, mil.

Inveja das outras flores!
Inveja de qué, amores?
Tu, que vieste dos céus,
Comparar tua beleza
As filhas da natureza!
Rosa, não tentes a Deus.

E vergonha!... de qué, vida?
Vergonha de ter querida,
Vergonha de ser feliz!
Porquê?... porque em teu semblante
A pallida cér da amante
A minha ventura diz?
Pois quando eras tão vermelha
Não viste zangão e abelha
Em torno de ti zumbir?
Não ouvisas entre as flores
Histórias dos mi amor
Que não tinhas, repetir?
Que hão-de elles dizer agora?
Que pendente de quem chora
E o teu languido olhar?
Que a teu frac e delicada
Foi, de ser muito beijada,
Que te veia a desbotar?
Deixa-os; pallida ou corada,
Ou esmenta ou namorada,
Que brilhe no prado flor,
Que fulga no céu estrela,
Ainda é dítesa e bela
Se lhe dio só um amor.
A sé deixa-os, e no meu seio
Vem, querida, sem receio
Vem a frente recitar.
Que pallida estás, que linda!
Oh! quanto mais te amo ainda
Des que te fiz desbotar.

XIV

FLOR DE VENTURA

A flor de ventura
Que amor me entregou,
Tam bella e tam pura
Jámais a creio:

Não brota na selva
De inculto vigor,
Não cresce entre a relva
De virgem frescor;
Jardins de cultura
Não pode habitar
A flor de ventura
Que amor me quiser dar.

Semente é divina
Que veja dos céus;
Só n'alma germina
Ao sopro de Deus.

Também é imprecisa
Não há outra flor;
Uma longe de rosa
Lhe avivam a cor;

E o aroma... Ail delírio
Suave e sem fim!
E' a rosa, é o lirio,
E' a nárd, o jasmin;

E' um phantasma que apura,
Que exalta o viver;
E em doce tortura
Faz de ânchas morrer.

Ail morrer... que sorte
Bentita de amor!
Que me leve a morte
Beijando-te, flor.

XV
BELLA D'AMOR

Pois essa luz scintilante
Que brilha no teu semblante
D'onde vem o splendor?
Não sentes no peito a chamama
Que aos meus suspiros se inflama
E toda reluz de amor?
Pois a celeste fragancia
Que te sentes exhalar,
Pois, dáte uma elegância
Com que te vês adornar,
Como se balança a flor
Na primavera em verde,
Dize, dizes a natureza
Pode dar tal gentileza?
Quem t'a deu senão amor?

Vê-te a esse espelho, querida,
Ali vê-te por tua vida,
E diz-se há no céu estrela,
Diz-me se há no prado flor
Que Deus fizesse tant bella
Como te faz, meu amor.

XVI

OS CINCO SENTIDOS

São bellas — bem o sei, essas estrelas,
Mil ciros — divinas têm essas flores:
Mas eu não tenho, amor, olhos para elas:
E m to da a natureza
Não vejo outra beleza
Senão a ti — a ti!

Divina — ali sim, será a voz que afina
Saudosa — na ragemem densa, umbrosa.
Será, mas eu do rossinol que trina
Não olha a melodia,
Nem sinto outra harmonia
Senão a ti — a ti!

Respira — n'aura que entre às flores gira,
Celeste — incenso de perfume agreste.
Sei... não sinto: minha alma não aspira,
Não percebe, não toma
Senão o doce aroma
Que vem de ti — de ti!

Formosos — são os pômos saborosos,
E' um mimo — de nectar o racimo;
E eu tenho fome e sede, sequiosos,
Famintos meus desejos
Estão... mas é de beijos,
E' só de ti — de ti!
Macia — deve a relva luzalisa
Do leito — ser por certo em que me deito;
Mas quem, ao pé de ti, quem poderia
Sentir outras carícias,
Tocar n'outras delhas
Senhão em ti — em ti!

A ti! ai, a ti só os meus sentidos
Todos n'um confundidos,
Sentem, ouvem, respiram;
Em ti, por ti desfram.
Em ti a minha sorte,
A minha vida em ti;
E quando venha a morte,
Será morrer por ti.

XVII

ROSA E LIRIO

A rosa
E' formosa;
Bem sei;
Porque lhe chamam — flor
D'amor,
Não só:

A flor,
Bem de amor
É o lirio;
Tem mel no aroma, — dor
Na cor
O lirio:

Se o cheiro
E faguetro
Na rosa;
Se é de beleza — mor
Prémor
A rosa:

No lirio
O martyrio
Que é meu
Pintado vejo: — cér
E ardor,
E o meu.

A rosa
É formosa,
Bem sei...
E será de outros flor
D'amor...
Não sei.

XVIII

COQUETE DOS PRADOS

Coquette dos prados,
A rosa é uma flor.
Que inspira e não sente:
O encanto d'amor.

De purpura a vestem
Os raios do sol;
Suspiram por ella
Ais do rouxinol:

E as galas que traja
Não as agradece,
E o amor que acende
Não o reconhece.

Coquette dos prados
Rosa, linda flor,
Porquê, se não sentes,
Inspiras amor?

XIX

CASCHEL

Acabava ali a terra
Nos derradeiros rochedos;
A deserta arida serru
Por entre os negros penedos
Só deixa viver mesquinho
Triste pinheiro maninho.
E os ventos despregados
> sopravem ríos na rama,
E os céus turvos, anuviados,
O mar que incessante brama...
Tudo ali era bravura
De selvagem natureza.

Ahi, na quebra do monte,
Entre uns juncos mal-medrados,
Sêco o rio, sêca a fonte,
Eras e muitos queimados,
Ahi n'essa bruta serra,
Ahi foi um céu na terra.

Alli sós no mundo, sós,
Santo Deus! como vivemos!
Como eramos tudo nós
E de nada mais soubemos!
Como nos folgava a vida
De tudo o mais esquecida.

Que longos beijos sem fim,
Que falar dos olhos mudo!
Como ella vivia em mim,
Como eu tinha n'ella tudo,
Minha alma em sua rani,
Meu sangue em seu coração!

Os ajoes aquelles dias
Contaram na eternidade:
Que esa hora fugidias,
Seculos na intensidade,
Por millennios marca Deus
Quando as dúas que são seus.

Ahi sim, foi a tragos largos,
Longos, fundos, que a bebei
Do prazer a taca — amargos
Depois... depois os sentii
Os traves que ella deixou...
Mas como eu ninguem gossei.

Ninguem: que é preciso amar
Como eu amei — ser amado
Como em fut.; dar, e tomar
Do outro sêr a quem se há dado
Toda a razão, toda a vida
Que em nós se annulla perdições.

Aí, aí! que pesados annos
Tardos depois vieram!
Oh! que fatas desvaneus,
Ramo a ramo a desfizeram
A minha choça na serra;
Lá onde se acabava a terra!

Se o visse... não quero vê-lo
Aquelle sitio encantado;
Certo estu não conhecel o,
Tam outro estaria nudado,
Mudado como eu, como ella,
Que a vejo sem conhecel-a!

Inda alli acabala terra,
Mas já o céa não começa;
Que aquella visão da serra
Sumiu-se na trava espessa,
E deixou nua a bruxa
Dessa agreste natureza.

XX
ESTES SITIOS!

Olha bem estes sitios queridos
Vê-os bem neste olhar derradeiro...
Aí! o negro dos montes erguidos,
Aí! a verde do triste pinheiro!
Que cidades que d'elles teremos...
Que sauda! ai! amor, que sauda;
Pois não senteis, n'este é que bebemos,
No acred cheiro da agreste rúmagem,
Estuar-se alma a tragar liberdade
E a crescer de innocência e vigor!
Oh! aqui, aqui só se engrossalda
Da purça da rosa selvagem,
E contente aqui só vive Amor,
O ár queimado dás salas lhe escala
De suas azas o níveo candor,
E na ferante arrugada lhe cresta.
A inocência infantil do pudor,
E oh! deixar tais delícias como está?
E trocar este céu de ventura
Pelo inferno da escrava cidade!
Vender alma é razão é imposição,
Ir saudar a mentira em sua corte,
Ao soltar em seu trono a valade,
Ter de rir nas angustias da morte;
Chamar vida ao terror da verdade...
Ali não, não... nossa vida acabou,
Nossa vida aqui toda ficou.
Dize-lhe a mais sentimento olhar derradeiro,
Dize à sombra dos montes erguidos,
Dize-o ao verde do triste pinheiro,
Dize-o a todos os pitões queridos,
D'esta rija, ferroz soledade,
Para onde livres vivemos,
Oh! saudades que d'elle teremos,
Que saudades! ai, amor, que saudades!

XXI

NÃO TE AMO

Não te amo, querô-te: o amor vem da alma.
E eu n'alta — tenho a alma,
À alma — do trago.
Ali não te amo, não.

Não te amo, querô-te: o amor é vida.
E a vida — nem sentida
À trago, eu já cominho.
Ali não te amo, não!

Ali não te amo, não; e só te querô
De um querer bruto e fano
Que o sangue, me elevora,
Não chega ao coração.

Não te amo. Estrela; e eu não te amo, ó bella.
Quem ama a azinha estrela
Que lhe luz na nu not hora
Dai sua perdão? ó
E quero-te, e não te amo, que é forçado,
De minha feitiçada passado
Esta indígeno furor.
Mas oh! não te amo, não.

E insame sou, porque tejqueiro e tanto
Que de mim tenho contanto,
De ti medo e terror...
Mas amar... não, te amo, não.

XXII

NÃO ÉS TU

Era assim, tinha esse olhar,
A mesma graça, o mesmo âr,
Corava da mesma cór,
Aquele visão que eu vi
Quando eu sonhava de amor,
Quando em sonhos me perdi.

Toda assim; o porte altivo,
O semblante pensativo,
E uma suave tristeza
Que por toda ella descia
Como um véu que lhe envolvia,
Que lhe adogava a beleza.

Era assim; o seu falar,
Ingenuo e quasi vulgar,
Tinha o poder da razão
Que penetra, não seduz;
Não era fogo, era luz
Que mandava ao coração.

Nos olhos tinha esse lume,
No seio o mesmo perfume,
Um cheiro a rosas celestes,
Rosas brancas, puras, finas,
Vê-rosas como bonitas,
Xingelas sem ser ingrastes.

Mas não és tu... aí não és:
Toda aj Illusão se desfez,
Não és aquela que eu vi,
Não és a mesma visão,
Que essa tinha coração,
Tinha, que eu bem h'a senti.

XXIII

BELLEZA.

Vem do amor a Belleza;
Como a luz vem, da chamma,
É lei da natureza;
Queres ser bella?—ama.

Fórmas de encantar,
Na tela o pincel
As pôde pintar;
No bronze o bril
As sabe gravar;
Na estatura gentil
Fazer o círculo
Da pedra mais dura...
Mas Belleza é isso?—Não; só formosura.

Sorrindo entre dores
Ao filho que adora
Inda antes de o vêr,
Qual sorri a aurora
Chorando nas flores
Que estío por nascrer—

A mãe é a mais bella das obras de Deus.
Se ella amal—O mais puro do fogo dos céus
Lhe atenia essa chamma de luz cristalina:

E a luz divina
Que nunca tem, e
E a luz... é a Belleza
Em toda a pureza
Que Deus a creou
XXIV

ANJO ÉS

Anjo és tu, que esse poder
dámais o teue mulher,
Jamais o habe ter em mim.
Anjo és, que me domina.
Teu sêr o meu sêr sem fim;
Minha razão insolente
Ao teu capricho se inclina,
E minha alma forte, ardente,
Que nenhum juto respeita,
Cowardemente sujeita
Anda humilde a teu poder.
Anjo és tu, não és mulher.

Anjo és. Mas que anjo és tu?
Em tua frénte amnuscente,
Não vejo a crôã nevada
Das alvas rosas do céu.
Em teu seja ardente e nu
Não vejo ondear o véo
Com que o sôfrego pudor
Vela os misterios do amor.
Teus olhos têm negra a cor,
Cór de noite sem estrela;
A chamama é viva e é bela,
Mas luz não tem.—Que anjo és tu?
Em nome de quem vieste?
Paz ou guerra me trouxeste
De Jehovah ou Belzebú?

Não responde.—em teus braços
Com freneticos abraços
Me tens apertado, estreito!...
Isto que me cae no peito
Que foi?—Lagrima?—Escaldou-me...
Queima, abraça, acéfra... Dou-me,
Dou-me a ti, anjo maldito,
Que este ardor que me devora
E já fogo de prêctico,
Fogo eterno, que em meu hora
Trouxeste de lá... De donde?
Em que misterios se esconde
Teu fatal, estranho ser!
Anjo és tu ou és mulher?

XXV
VIBORA

Como a víbora gerado,
No coração se formou
Este amor amaldiçoado
Que à nascença o espediau.

Para elle nascer morri;
Em meu cadaver nutrido,
Foi a vida que eu perdi
A vida que tem vivido.
LIVRO SEGUNDO

I

BARCA BELLA

Pescador da barca bella,
Onde vais pescar com ella,
Que é tama bella,
Oh pescador?

Não vês que a última estrela
No céu nublado se vela?
Colhe a vela,
Oh pescador!

Dai o lança com cautela,
Que a seine canta bella...
Mas cautele,
Oh pescador!

Não se enrede a cedo n'elle,
Que perdido é remo e vela
So de vel-a,
Oh pescador.

Pescador da barca bella,
Inda é tempo, foge d'elle,
Foge d'elle
Oh pescador!

II

A CORÔA

Bem sei que é toda de flores
Essa corôa de amores
Que ti férte vae cingir.
Mas é coroa — é reinado;
E a peste mais arreiso
dão se pode hoje subir.

N'esses reinos populosos
Os vassalos revoltoos:
Tarde ou cedo vão a lei.
Quem hende cozer, domal-os,
Se são tantos os vassalos
E um só o pobre do rei?

Não vejo, rainha bella,
Para fugir essa estrela.
Que os reis perseguem som dó,
Mais que um meio — falso serio;
E por limites ao império
E ter um vassal só.

III

SINA

Por todas quantas estrelas
Tem o céu que possam mai.;
Pelas flores virginaes
De que se c'roam donzelas,
Selas humanas singelas
Que o primeiro amor derrama,
Por aquela eterea chama,
Que a mão de Deus accendeu.
E que na terra aflunse.
Quanta ha na terra do céu!
Por tudo quanto eu quero
Quando eu sabia querer,
E por tudo quanto eu cria
Quando me era dado creir!
Bem ladada seja a vida,
Que por estas folhas brancas
Sua historia hade escreveri
Que as dores lhe venham mancas
E com asas o paezir!

1 As fólias do album em que se escreveram estes versos.
E está sina que lhe dou,
Bruxa não m'a adivinhou,
Nem duende m'a ensinou:
Li-a eu por meu condão
Em seus olhos inocentes,
Transparentes — transparentes
Até dentro ao coração.

IV

AI HELENA!

Ai, Helena! de amante e de espôso
Mi o nome te faz suspirar,
Teu alma singela presente
Esse fogo de amor delicioso
Que primeiro nos faz palpitar...
Oh! não vás, douzelinha inocente,
Não te vás a esse cangao entregas;
Se amor que te ilude e te mente,
E amor que te hade matar?
Quando o sol ríse em montes desertos
Deixa a luz derradeira apagar,
Com as trévas da noite que espanta
Vêem os anjos do inferno encobertos
A sua vítima incanta afligar.
Doce é a voz que adorna e quebranta,
Mas a mão do traidor... faz gelar,
Treme, foge do amor que te encanta,
E amor que te hade matar.
THE ROSE—A SIGH

In this delicious, grateful flower,
Which blows but for a little hour,
Should to the sight so lovely be,
As from it's fragrance seems to me,
A sigh must then it's colour show,
For that is the softest joy I know,
And sure the rose is like a sigh,
Born just to soothe and then—to die.

A ROSA—UM SUSPIRO

Se esta flor, tão bela e pura,
Que apenas uma hora dura,
Tem pintado no marra
O que o seu perfume diz,
Por certo na linda cór
Mostra um suspiro de amor,
Dos que em chego a conhecer
E este o maior prazer,
E a rosa como um suspiro
Háde ser; hem se discorre:
Tem na vida o mesmo giro,
E um gosto que nasce e—morre.

1 By a young lady born blind.

1 Por uma menina cega de nascença.
VI

RETRATO

[NO ALBUM]

Ahi despreza o meu retrato
Que lhe eu queria aqui pôr!
Têm medo que lhe desfie
O seu livro de prêmio?
Pois saiba que por despeque
Eu sei também ser pintor:
Co'esta pena por pincel,
E a tinta do meu tinteiro,
Vou fazer o seu retrato
Aqui já de corpo inteiro.

Vamos a isto — Sentada
Na cadeira, moyem-jegê,
O cabello em chateaines,
As mangas soltas — E' o traje.

Em longas pregas negras
Caía o velludo e arraste;
De si com desdém regio
Com o pézinho o afaste...

N'essa atitude! Está bem;
Agora mais um geitinho;
A sírosa cabeça a um lado
E o lindo pé no banquinho.

Aqui estão os contêrrnos, são estes,
Nem Daguerre lho's tira melhor.
Este' o ar, esta a rôse, eu lho' juro,
E o trajar que lhe fica melhor.

Vamos agora ao difícil:
Tirar folião por folião;
Entendel-as, que é o ponto,
E dar-lhe a justa expressão

Os olhos são cór da noite,
Da noite em seu começar,
Quando inca é joven, incerta,
E o dia vem de acabar;
Têem uma luz que vai longe,  
Que faz gosto de queimar;  
E uma espécie de lume  
Que serve só de abraçar.

Na boca há um sorriso amável  
Amável é... mas queria  
Saber se é todo bondade  
Ou só meio e zombaria.

Ninguem me diz? O retrato  
Incompleto ficará,  
Que n'estas duas feições  
Todo o ser, toda a alma está.

Pois fiel como um espelho  
É tudo o que n'elle fiz;  
E o que lhe falta—que é muito,  
 Também, o espelho o não diz.

VII

LUOINDA

Ergue a frente, lirio,  
Ergue a branca frente!  
Astro do delírio  
Já surgiu no oriente.

Vês o sol ardente,  
Lá cahiu no mar;  
A frente pendente  
Ergueja respirar!

Alvo é o liiar.  
Teu alvor não cresta;  
A hora de gosar,  
De rívera, é ceta.

Longa foi a sesta,  
Longo teu dormir;  
Ergue a branca testa,  
Temps é de surgir!
Já se abre a sorrir
Tua boca linda...
Despertar, sentir
Ou sonhar é ainda?

Sonho que não finda
Será o teu sonhar,
Se a dormir, Lucinda,
Te sentes amar.

VIII

AS DUAS ROSAS

Só sá se era mais formosa
A vermelha ou branca rosa,
Ardeu soculos a guerra
Em Inglaterra.

Paz entre as duas, jámais!
Reinar ambas as riveses,
Também não; e uma ceder
Como houve ser?

Faltei eu lá na Inglaterra
Para acabar com a guerra.
Eis-as aqui bem iguaes,
Mas não riveses.

Ateias em liso estreito:
Que artista fui, com que jeito!
E oh! que irmãs são, que amores
As minhas flores!

Dirão que é cópia—bem sei:
Que todo inteiro o roubei
Meu pensamento brilhante
Do teu semblante...

Será. Mas se é tam belo
Que lhe dém esse modelo.
Do meu quadro, na verdade,
Tenho vaidade.
IX
VOZ E AROMA

A brisa vaga no prado,
Perfume nem voz não tem;
Quem canta é o ramo agitado,
O aromas da flor que vem.

A mim tênem-me essas flores
Que uma a uma eu vi marchar;
Restituir-me os verdores
aos ramos que eu vi seca.

E em torrentes de harmonia
Minha alma se exalará,
Esta alma que mudou e fria
Nem sabe se existe já.

X
SEUS OLHOS

Seus olhos—se eu sei pintar
O que os meus olhos cepou—
Não tinham luz de brilhar,
Era chama de queimar;
E o fogo que a ateou
Vivas, eterno, divino,
Como o facho do Destino.

Divino, eterno—e suave
Ao mesmo tempo: mas grave
E de tão fatal poder.
Que, um só momento que a vi,
Queimar toda alma senti—
Nem ficou mais de meu sér,
Sentiu a cinta em que ardi.

XI
A DÉLIA

Cunha tu que a rosa chora,
Que é tamanha a sua dor,
Quando, já passada a aurora,
O sol ardente de amor,
Com seus beijos a devora?
—Fecho virgínea pudor
O que ainda é belo agora
E ámanhã haver se flor;
Mas ela é rosa n'esta hora,
Rosa no aroma e na cor.

—Para ámanhã o prazer
Deixe o que ámanhã viver.
Hoje, Delia, é nossa a vida;
Amanhã... o que haver se?
A hora de amor perdida
Quem sabe se haver volver?
Não desperdices, querida,
A duvidar e a sofrer
O que é mal gasto da vida
Quando o não gasta o prazer.

XII

A JOVEN AMERICANA

Dasse é que te vi, donzella,
E o que eras tu n'esta vida
Quando não tinhas vestida
A forma de virgem bela
Que ora te vejo trajar?

Estrela foste no céu,
Serias no prado flor?
Ou, no diaphano splendor
De que Iris faz o seu vêu,
Estavas, Silvia, a bordar?

Não houve poeta ainda
Que te não visse e cantasse,
Mulher que não te invejasse,
Nem pintor que a face linda
Te não fôsse copiar.
Seculos tens. — E ahi... já sei
Quem és, quem foste e hás de ser;
Bem te eu estava a conhecer
Quando primeiro te olhei
Sem te pudere estranhar.

Com Deus e co'a Liberdade
De nossas terras fugiste
Quando perdídos nos viste,
E te foste à soledade
Do novo mundo accoiar.

Pois que era piadosa vens
E nos sentes resurgir;\nOh! não torno a fugir,
Que melhor patria não tens
Nem que mais te saiba amar.

Teu natal celebraremos
Hoje e sempre: teus amigos
Somos na lealdade antigos,
E no ardor novos seremos,
No desvello em te adorar:

Porque tu és o Ideal
Da tão belaza — do Bem;
Não és estranha a ninguem,
E de ti só foge o mal
Que te não pôde encarar.

XIII

ADEUS MãE

Adeus, mãe, adeus, querida,
Que eu já não posso co'a vida
E os anjos chamam por mim.
Adeus, mãe, adeus... Assim,
Junta os teus lábios aos meus,
E recebes o último adeus
N'este suspiro... Não chores,
Não chores: aquellas dores
Já sinto acalmar em mim.
Adeus, mãe, adeus... Assim,
Junte os teus lábios aos meus...
Um beijo—um último... Adeus!

E o corpo desanimado
No colo da mãe cabia;
E ela o corpo... so pesado,
Só mais pesado o sentia!
Não se lamenta, não chora,
E quasi a sorrir, dizia:
—Que tem este filho agora,
Que tanto pênsia? Não posso...

E uma a uma, osso por osso,
Com a mão trêmula tenta
As minúsculas descarnadas,
As faces cavas, myrradas,
A testa inda sôrnia e lenta.

Que febre, que febre!—diz;
E em tudo pensa a infeliz,
Tudo que ha mau lhe ocorreu,
Tudo—menos que moreu.

Como nos gelos do norte
O sombro traidor da morte
Engana o desfecho
Que imagina adormecer,
Assim cansado, esvávido
De tam longo padecer,
Já não ha no coração
Da mãe força de sentir;
Não tem já lume a razão
Senão só para a iludir.

Acorda, ó mãe desgraçada,
Que é tempo de despertar!
Anda ver a eça armada,
As luzes que ardem no altar.
Ouves? É a rouça toada
Dos padres a psalmear!
Vamos, que a hora é chegada,
E tempo de o amortalhar.

E os anjos cantavam:
—Alleluia!
E os santos clamavam:
—Hosannah!
Ao triste cantar da terra
Responde o cantar do céu
Todos lhe bradam:—Morreai!
E a todos o ouvido cerra.
E os sinos a tocar,
E os padres a rezar,
E ella ainda a acalentar.
Nos braços o filho morto.
Que já não tem mais conforto,
Mais socego n’este mundo
Que o jazigo humilde e fundo
Onde hâde ir a sepultar.

Levai, ó anjos de Deus,
Levai essa dor aos céus.
Com a alma do inocente
Aos pés do Júri Clemente
Ahi liquê a santa dor
Rogando a Eternas Bondade
Que esteenda a imensa piedade
A quantos peccam de amor.

XIV

AVE, MARIA!

MARIA, doce mãe dos desvallidos,
A têi clamo, e têi brado!
A têi xobem, senhora, os meus gemidos,
A têi o hynmo sagrado
Do coração de um pae vos, ó Maris,
Pela filha inocente.
Com têa debil voz que balbucia,
Piedosa mãe clemente,
Elle já sabe, cruzando as mãos tenrinhas,
Pedir ao Pae dos céus
O pão de cada dia. As preces minhas
Como ânjo ao meu Deus,
Ao meu Deus que é meu filho e tens nos braços.
Se tu, mãe de piedade,
Me não tomas por teu? Oh! rompe os laços
Da velha humanidade;
Despe de mãe todo outro pensamento
E van tenção da terra;
Outra glória, outro amor, outro contento
De minha alma deserta.
Mãe, oh! mãe, salva o filho que te implora
Pela filha querida.
De mais tenho vivido, e só agora
Sei o preço da vida,
Desta vida, tam mais gasta e prezada
Porque minha só era...
Salva-a, que a um sento amor está votada,
Nelle se regenera.

XV
OS EXILADOS

A SENHORA ROSSI-CACCIA 1

Eles tristes, das praias do desterro,
Os olhos longos e arrazados de água.
Estendem pára áqui... Cravado o ferro
Da saudade têm a alma; e é negra água.
A que lhes rala os corações aflitos,
E a maior da vida — são proscritos.

Dóis como outra não há, é a dor que os mata!
Dizer tão: «Eessa terra é minha... minha,
Que nasci n’ella, que a servá, a ingrata!
Que lhe dei... dei por ella quanto tinha,
Saúde, vida, saúde, os bens da sorte...
E ella, por galardão, me entrega a morte!»

Morte lenta e cruel — a de Ugolino! 2
Bem lhes quizeram diar...

Mas não será assim: sopro divino
De bondade e nobreza
Não o pode apagar.

1 Contando em um bille de subscrição que se dão em Lisboa em 29 de Março de 1839 a favor dos que n’este tempo estavam emigran-
dos por fugir às perseguições do Governo.

2 Foi morto à fome com os filhos.
Nos corações da gente portuguesa
Esse rancor de fé
Que em almas negras, negro e vil impéra.

Tu, genio da Harmonia,
Tu sois a voz em que triunfa a glória,
Com que suspira amor!
Belas de entusiasmo e de fervor,
Ergue-te, o Rossi, tua voz nos guia:
A tua voz divina
Hoje um ecoo imoral deixa na história.
Inda no mar d'Egina
Só a hymno de Alceu;
E atravessaram séculos
Os cantos de Tyrtée,
Mais poderosa e válida
A tua voz será;
A tua voz eteárea,
Tua voz não morrerá.

Nós no templo da patria perdurâmos
Esta croa singela
Que de myrthio e de rosas trançâmos
Para essa fronte bella:
Aquí, de voto, ficará pendente,
É um culto de saudade
Aquí, perenemente,
Lhe daremos no altar da Liberdade.

XVI
PREITO

É lei do tempo, Senhora,
Que ninguém domine agora
E todos queiram reinar.
Quanto vale n'esta hora
Um vassallo bem sujeito,
Leal de homenage e preito
E fácil de governar?

Pois o tal sou eu, Senhora:
E aqui juro e firmo agora
Que a um despótico reinar
Me rendo todo n'esta hora,
Que a liberdade sujeito...
Não a reis—outro é meu preito;
Anjos me hão de governar.

XVII

NO LUMIAR

Era um dia de Abril; a primavera
Nostrava apenas seu virginelo seio.
Entre a folhagem tenra; não venórea,
De todo, o sol o mistérioso enrola
Da nevoa terna e fina que estendera
A manhã sobre as flores; o gorjeio
Das aves ina timido e infantiil...
Era um dia de Abril,
E nós íamos lentos passeando.
De vergel em vergel, no descuidado
Socégo d' alma que se está lembrando
Das lutas do passado,
Das vagas incertezas do porvir.
E eu não cansava de admirar, de ouvir,
Porque era grande, um grande homem de vérulas
Aquelle Duque—aquêl maior ainda,
Ali no seu Lumiari, entre as sinceras
Bellezas d' esse parque, entre essas flores,
A qual mais bela e de mais longa vãnda
Emalatar de mil cores
Boque, jardim, e as relvas tam mimosas,
Tam suaves ao pé—muito ha canção
De pisar alcatifias ambiciosas,
De trapejar no perigoso estrado
Das vadadas da terra.
E o velho Duque, o velho homem d' Estado,
Ao falar d' essa guerra
Distantes e das paixões da humanidade,
Sortia malicioso
D' aquelle sorriso fino sem malícia,
Que tam seu era, que, entre desdenhoso
E benevolo, a quanto lhe sahia
Dos lábios dava um cunho de nobreza,
De razão superior.
E então como elle a amava e lhe queria
A esta pobre terra portugueza!
Velha tinha a razão, velha a experiência, joveu só esse amor.

Tem jovem, que ainda criss, ainda esperava, linda tinha a fé viva da inocência... Eu, na força da vida,
Tristemente de mim me envergonhava. —Passavam assim, e em reflexida Meditação tranquilla descuidado dos lamos sós, já sem falar, descendo por entre os velhos olmos tão copados, quando sentimos para nós crescendo rumor de vozes finas que zumbia como enxame de abelhas entre as flores, e vimos, qual Diana, entre os menores astros do céu, a forma que se erguia, sobre todas gentis, dessa estrangeira que se esperava ali. Perfeita, inteira no velho amável renasceu a vida e a graça fácil. Coidei vêr o antigo o nobre Portugal que resurgia no venerado amigo; e na formosa dama que sorria, o genio da subida; Rara e fina elegancia que a nobreza, o gosto, o amor do Bello, o instinto da Arte reune, e faz linhas em toda a parte: que affere a grandeza, pela medida so dos pensamentos, do estilo de viver, dos sentimentos, tudo o mais como foi, desprenzando.

Pensei que a saudar o velho illustre em seus ultimos dias e a despedir-se, até Deus sabe quando, de nossas prisas tristes e sombrías, Vinha esse genio... Tristes e sombrías, que o sol lhe foge, lhe esmorece o lustre, e onde tudo o que é alto vae baixando...

O triste, o que não tem já sol que o aqueça, Sóen eu talvez — que, á minha de fé, sinto o cerebro gelar-me na cabeça,
Porque no coração o fogo é extinto.
   Ello não era assim,
Ou, sabia fingir melhor do que eul
— Como o nobre corcel que envelheceu
Nas guerras, ao sentir o auro e telim
E as armas sobre o dorso descarnado,
Remoço o garbo, em juvenil mereio
   Franja de espuma o freio,
E hojora os braços da casa em que foi nado.

Nunca me hade esquecer aquelle dia!
Nem os olhos, as fálas, e a sincera
Admiração da bella alma inglesa
   Por tudo quanto vias;
O fructo, a flor, o arôma, o sol que o gera,
E está viver, vehemente natureza,
Toda de fogo e luz,
Que amá incessante, que de amar não cansa,
E continua produz
Nos fructos o prazer, na flor a esp'rança.

Alii as nações todas se juntaram,
Alii as várias linguas se falaram;
   A Europa comvidada
Veiu ao testem — não ao festim, ao pranto.
Vassallagem rendida foi prestada
Ao talento, à beleza,
A quanto a alma intende amor, respeito,
Porque é devérsas grande — que a grandeza
Os homens não a dão;
Põe-nos por sua mão
Naquelles que não seus,
   Nos que escolheu — so Deus.

Ohe! minha pobre terra, que saudades
D'aquelle dia! Como se me aperta
O coração no peito com saudades,
Coas misériaas que aqui vejo andar alerta,
A' sória, apregoando-se! Na intriga
Na traição, na calúnia é forte a liga,
E fraca em tudo o mais...

Tu, socgado
Descansas no sepulcro; e cerras, cerras
Rem os olhos, amigo venerado,
Não vejas o que vais por nossa terra.
Eu fecho os meus, para trazer mais viva
Na memória a tua imagem
E a d'essa bela inglesa que se esquiva
De nós entre a folhagem
Dos bosques de Parthenope. Cansado,
Fito n'esta miragem
Os olhos d'alma, em quanto que arrastado
Vae o tardio pé
Por este que ainda é,
Que cedo não será, bem cedo—em mal!
O velho Portugal.¹

¹ Estes versos foram inspirados pela visita de celebreia Mrs. Northen a quinta do Lumiar, onde o falecido duque de Farnella teve, para a festa, alguns peixes arquipélagos assobiados. Foi um último tempo de alguma. Mrs. Northen reside actualmente em Nápoles, a Parthenope de que fale o texto.
A UM AMIGO

Fiz ao costume antigo,
Trago ao meu jovem amigo
Versos próprios d'este dia.
E que de o vêr tam singelos,
Tam simples como eu, não ria;
Quem quer os fará mais bellos,
Ninguem tam d'alma os faria.

Que sobre a flor do seus annos
Soprem tarde os desesgianos;
Que em torno os bafeje amor,
Amor da esposa querida,
Prolongando a doce vida
Fructo que succeda a flor.

Recebe este voto, amigo,
Que eu fôi ao uso antigo
Quiz trazer-te n'este dia
Em poucos versos singelos;
Quem quer os fará mais bellos,
Ninguem tam d'alma os faria.
XIX
OS LUSIADAS
EPILOGO DE PAGGI:

I
Ceu! doce voz o Cysne lusitano
Assim as próprias feras abrandava;
Mas nem o Tejo, de seu canto ulano,
Nem as ingratas Tagides tocava:
De seu impío destrino deshumano
Nunca as íris fatas, nunca domava;
Nem achou entre os seus humanidade
Quem moveria as pedras à piedade.

II
Ingrata patria, o engenho sublimado,
Digno de um capitólio em Roma antiga,
Tu não o ergueste d esse baixo estado
Em que só por tua glória se afadiga!
O engenho que te inveja malogrado
Toda a nação de meritos amigos,
Tu na vida em misérias o deixaste,
E em leito vil é fome o assassinaste!

III
Vae! Sua glória é mais hoje a maravilha
Das gentes, porque mais o perseguiaste;
Morre o seu nome quando o seu mais brilha,
Despejam d elle a sua linguaz triste;
Iberia o adotou, França o perfiliu,
Britânia o quer; e agora eterno existe,
Que n'um e n'outro itálico idioma
Entre os seus vates o coloca Roma.

1 Paggi esteve muitos anos em Lisboa, e aqui publicou dessa edição da sua tradução dos Lusiadas, que, se não tem o valor poético de de Noronha, tem a felicidade de de Bricenhol, e todavia muito apreciável. Este epílogo foi tirado da seg. edo. de 1758, que é a mais correcta, conservando-se-lhe a própria orthographia.
XIX
LA LUSIADA
EPILogo: DI PAGGI

I
Cotal cantava il lusitano cigno
Molendo con sua voce anco le fere,
Non che l'amato patrio Taggo e'l Migno,
E le del canto suo Tagge alzere:
Che pur del suo destino equino e maligno
Non puote unqua addolcir l'ir severa;
Non trovando fra suoi humanitate
Quei chi'l scelsi avria mossi anco a pietae.

II
Potarti, ingrata patria, un spirito degno
D'un campidoglio in una Roma antica,
Non sollevar da basco stato, indegno
Di cui fin per te gloria ogni fatica?
Un spirito che t'invidia al maggior segno
Ovvi altra nazione di meriti amica,
Vedrai soffriti vivo egro e scontento
Ed in vil letto di disagio spento!

III
Ma vanne pur che, quanto iniqua, austera
Fusti con lui, tanto fra l'altre genti
Sorgerti la sua gloria ove tua hera,
Fiso a cacciare a techi nativi accenti.
Adottando la nazione libera,
La franca, usc adottar spiriti eminenti,
L'anglar ed anche le italiche sanelle.
Vorran che viva fra suoi poeti anch'elle.
IV
Tu fica-te c'os ossos deshonrados
Que te assuissam de ingrata ao céu e à terra;
Seu espírito, esse vae onde prezados
São virtude e talento, e onde imita guerra
Sinto o poder não faz aos mais honrados;
Mais de outros já que tua, já não se encerra
Num cantar do orbe sua alta fama,
Que Augusto a ampara e um Alexandre a acclama.

V
Lá onde surge de alto monte, e brilha
Sobre a escolhida gray de Deus a estrela,
E igual aquella antiga maravilha
Que os reis guiou a Deus, sobre os reis véu,
Lá onde ao merito o poder se humilha,
Beija a paix da justiça a face bella,
E de illustre carvalho á sombra amena
Descansa Romu no velar de Siene. 2

VII
Lá vais, minha obra, e desta luz cobiçada
Tu leva á patria minha esses primores;
Em fala ignota estava sepultada,
Raio de estranho sol são seus fulgores.
Vae, viverás: também com luz fartada
Deus viva Prometheu. Se mais não for,
Serás reflexo de belleza, lustre,
E de eterno splendor émula illustre. 3

2 Cidade do gran-duque de Toscana, patria do papa Alexan-
dre VII, a quem o terço dos Lusitana foi dedicado.
Produz-se a primeira vez esta tradução dos versos de Paggi
no 1º tom do vol. 11 do jornal a Sardinia, aparecendo com uma
introdução, da qual modelamos a seguir extratos alguns parágrafos:
Uma sonata ilustre e portentosa, promovida pela inspiração
pelos tradições portuguesas, com a glória de Camões, assenta-se tosto á
sobre desafontar que um estrangeiro soube, ha século e meio, es-
crever no fim dos Passos, em honra das escassas quinze de Ca-
modeia. O estrangeiro foi Carlo Antonio Paggi, que na sua tradi-
ção italianos dos Lusitana acrescentou, como Epílogo, seis formu-
lações estroficas em honra de poeta que a patria, em antes a córdo-
se tempo, voltou á humildade e à espiratência. O nome glorioso na
história contemporânea das nossas letras é o de Ilipreli Garrett,
que em bellissimos versos porguzuera trasalam a elegia melodico-
nea com que o italiano Paggi apostrophou a virtuoso, ou o em-
prego que faram, em vida de Camões, á temer sta arquiteto que os
poetastros lhe destinaram no seu livro de merce.

3 Quem gera.Ios mais esteos versos na leitra de Camões, quem
IV
Tienti pur l'ossa inanorata ancora
Che s'accusan d'ingrata anco sepulte;
Che lo spirito di lui, gia di te fuora
Non err'ara, ne fien sue pene inutile;
Vedrillo accolto ove virtu s'onora;
Gia più d'altre che tuo, fra le più culle
Genii del orbe, è maturar sua speme
Sotto un Augusto e un Alessandro insieme

V
La ve ad illuminar da eccelso monte
Astro di Dio, l'eletta greizia, sorge,
Che al par di quel che ad inchinar la fronte
Condusse il regi a Dio, i regi scorge,
A dove il merto abbatte sfiori ed onte,
La giustizia à la pace il labro porge,
E di querela Pereiria à l'ombre umana
Riposa Roma al vigilar di Siena.

VI
Ora vanne, opera, ed à le patrie muse,
Quasi terzo cristal le luci rendi
Che sotto ignoto dir sepolti e chiusi
Da sol che altrove splende or furi e prendi.
Vanne, e qual gia Prometteo anima infusa
Con le luci non sue, tu vita attendi:
Specchio del altrui bello, emulo industre
E d'eterno splendor riflesso illustre.

He retratou as cintas com mais esta senhade, foi o poeta, que
resumir no seu nome, como de um trago escocia, toda uma regredio
litteraria, o poeta que marcou no stadio das letras um repre
se ameno depois do servilismo, ou da insinuo de poesia nacional;
ou mesmo que celou Camões em versos unidos de sentimento e
de senhade insistida; aquelle que interrogou os portugueses sobre o
logar onde járam os caídos do maior grito da nossa terra foi o
poeta que em Ferreira, onde se e apalancou bem monumentos, e
a raiz das estalhias, levantou o mais claramento brado de al
quela pobre partida perdida, produzindo, neste talvez estrange
mente palpitou. Ela e a generada de uma poesia exaltadora; foi aquelle
mesmo que refletiu tambem um dos seus mais graciosos e sem dos
poemas, com esta apostrofe, tenoscos e solemos, ja tantas vezes
citada por nossacao e em rangerias:

Onde Jac, portugueses, o momento
Que da imortal cantor no círcos guarda?
Honesta pênsam tardia lhe pagaste
No sepultar-se seguir? À raça de ingratos!"
XX
O TEJO
AO SENHOR VISCONDE DE ALMEIDA GABRETT
PELO CONDE DE CAMBRANOSO

Nas margens risonhas do Tejo
Não há o som que não cante de amor;
Em suas ondas arnes o lampejo
Das estrelas, ao alvor, se espelhou.

Essa terra produz a violeta
Ao primeiro sorris da manhã,
Vago Zéphryo a flor indíscrita,
Sussurrando, lascivo beijou.

É o poeta este bosque sombrio,
Cheio ainda do canto dos bardos;
Aqui é Templo, aqui o Mêndio irmão,
E o Meandro que às cyças produz.

O poeta um cesto de magica lyra
Pela nuíce ir ao longo da prata...
Quem é este tam fero que ahí gira;
E do dia cibêlha da luz?

É Cato, — só a este não doma;
Quem a terra faz mudar a seu mando;
E Cato — a infância de Roma
Na sua frente jamais não pesou.

Como germes alva pombia ferida,
Assim Mérope, gemendo e lamentando;
Séiam trompas guerreira alarida,
E a alegria ao seu pego voltou.

Nas cunhadas de Herminio 3 novosas;
Que dos horrídos gelos s.: c'róam,

1 Alude à tragédia Cato do Sr. Garrett.
2 Alude à tragédia Minotauro do Sr. Garrett.
3 Do mesmo modo alude à l'avenue de Vincennes, publicada ultimamente nas Flores em seu cro, com a tradução francês por Mlle de Flangorgue.
Sulle sponde ride l’Idro
Dico ogni eco canzone d’amore,
In que’ flutti d’azzurro si vago
Che la stella al mattin si spezzò.

Quella terra produce la viola
Al primiero del’ alba sorriso,
Zaffretto che lene trasvolà
Susurrando quel fiore baciò.

Son loquaci le brune foreste,
Piene ancora del canto de’ bardì,
Qui v’è Tempio, qui Menalo agrestì,
E il Mendon’ che i cigni nutri.

Odo un suono di magica lira
Lungo il lido sull’ umida sera:
Chi è colui che si fero s’aggira
E disdegna la luce del di?

Egli è Cato, 1 lei solo non doma
Chi la terra fà nuda a suoi cenni;
Egli è Cato, l’infamia di Roma
Sul suo capo giammai non pesò.

Come remen le bianche colombe,
Così Merope 2 piaigne e lamenta;
Ma improvviso squillare di tromba
Alta gioia il suo cuore versò.

Su le cime d’Erminio 3 nevose,
Cui fan gli orridi ghiacci corona,

1 Idem.
2 Idem.
3 Idem.
Vê a aurora coberta de rosas
De beleza em que pompa surgiu!
Na haste debil as terras florinhos
Vião o puro rocio bebendo,
Cada goia do céu, nas hervinhos,
Rica porcos ardente luziu.

Mas o Genio do monte, que borrendo
Entre as sombras impera da noite,
Bate as azus, já fogojo fremente
No profundo do mar mergulhou.

Repentinou lá surge um guerreiro,
Torvo o cenho, a armadura de ferro...
É Viriato... a seus pés—o primeiro!
Cae as águas que o mundo adorou.

Da caverna que os ossos lhe encerra
Surde a voz... Inclinae as cabeças
Ante o lívre que impavido à terra
—Ou morrer— ou salvar a jorou...

Emmodedece a harpa.—O nome adorado
Da sua Julia 4 as Dryades cantem!
Sobre a frente ao poeta sagrado
Pisbe proprio os seus loiros poisou.

XXI

CÂNÇÃO DA DONZELLA FINLANDEZA

Ou! se o meu bem me volver,
Se quem d'antes viu, eu vejo,
Traz ela a beça a escorrer
E lobo em sangue, lha a beijo;
E a mão vou lha apertar,
Cobras lha andam a enroscar.
Ah! se o vento almeja tivera,
Lingua o ar da primavera,
Fória a sua voz bastante.

4 Allude igualmente à ode ou canção II do livro primeiro —
Flores sem formato.
Ve’ l’aurora cosparsa di rose
Quel fa pompa di rara bellez.$

I fioretti sul gracie stelo
Van bevendo la pura rugiada,
Ogni stella caduta dal cielo
Fra l’erbe, una perla si fa.

Ma lo Spirito del monte, che orrendo
Tiene impeto fra l’ombre di notte,
Bate l’ali, gia fuggendo tremendo
Nel profondo dei mari piombò.

Um guerriero repente si desta,
Torvo il ciglio, racchiudo nell’arme,
E Viriato... un vessillo calpesta
Che tremante la terra mirò.

Dal tempo che l’ossa ne serra
Una voce si parte — t’inchina
A colui che la libera terra
O far salvo o perire giurò...

Tace l’arpa... Di Giulia’ ripeta
Ogni Draiade il nome soave...[...]
Su la fronte del sacro poeta
Febo inteso l’alato posò.

XXI

EYTÓN RUNO SUOMALAISEN

Jos mun tutturi tulisi,
Ennen räätyi näköjä,
Sille: suuta suhittoja,
Jos olis suu saven weokesi;
Sillen kutta kärppäraisi.
Jos ollut känne känne-päällä
Oolko tuuti miekellissä,
Aha wainen kielillesillä:
Sanan toimi, sanan weisi,

4 Idem.
Novas levára e trouxera
Entre um e outro amante,
Desprézo finos guia-tesados,
Deixo ao cura os seus assados;
Só quero amar, ser constante
A quem o verão me deu
E o inverno afiez a ser meu.  

XXI

CARMEN FENICAŒ PUELLÆ

Já se meus veniret,
Visis ante si veniret;
Ilírum lapsi cruore
Os libenter oscularent;
Sí ter ampliaret auquís,
At manum manu tenerem.
Sí qua, mendíset austro,
Sí qua linguæ veris auras;
Ferret aura, ferret auster,
Et referret usque verba,
Nuntians jamam amantis.
Nil moror dupes optimas,
Presbiter nihil quond assat,
Dum mihi meum reservem:
Quem mihi subeget aetas,
Bruna quem dedit domandu.  

A. Hímeræ.
Præfationum Varia.
Obras Completas de Almeida Garrett

Sanan liian liikuttaisi,
Kahden kaunihin välillä.
Emmen heitikä herkkä-rumatt,
Paistit pappilin unohdun,
Ennenkään heitikä herittäisi,
Kesän kevyetetyylini,
Tulwen tuiwuteltsani.

XXI

NAYAION FENNICON

Ως ξείδος ο προφητής μας,
Τιν πόθεν φανείν έδομι,
Πάντα λαμα κρίδιτ, διʼ ἐνοχής
Λυριστικοῦ τα χείλη.
Εν γεγονό αυτὲς διʼ χάσα
Τοις εἰς τὸ παιστεῖν ἀληθος.
Ει τοις εἰς τὸ μετέχειν
Ει τοις οί άκονται ἄριστοι,
Ει συγγραφεῖν ποίησιν τὴν,
Τοις εἰς θὰ γίνων ἐκώστοι.
Ποιον λέγως κρίδιτιν,
Πλὴρο λυριστικὸν ὑπὸ μελετήν,
Οποῖα καθὼς οἱ χορεύονοι
Μάλλον, οὐ καθὼς ἁθυσίως,
Τοποθετεῖν εἰς δομῆς διάλεκτος,
Εν κρίνει κατακράτησα.

J. Sampaio
Professor Língua Graciosa.

Por este modo se ter a portuguesa e creio ser a primeira que
aparece nas línguas do sul, longe com ella as versões tôdas, possi-
veis e literárias, que me chegaram à mão. Muito aproveitára ao es-
tudo das lînguas literárias da Europa se os nossos literatos se
dessem com o mesmo empenho ao estudo das ruas e, segun do
Norte, com que alli se dão ao das nossas quaçarás e colmes.
Oh! wenn mein Gelliebster kommen würde,
Der früher geschehen, wenn er erschienen wäre:
Sogleich würdest ich einen Kuss auf seinen Mund drücken,
Auch wenn er ihr Mund mit Wolfshaut bekleidet wäre.
Seine Hand würde ich zärtlich auch kurz berühren.
Wenn auch eine Schlange sich um seine Finger schlingen würde.
Ach! wenn der Wind Verstand hätte.
Der flüchtige Lenzwind, wenn er einer Sprache mächtig war.
Denn Wort würde er hinterlassen.
Ein Wort würde er zurückbringen.
Mit Nachrichten würde er schnell alles wissen.
Zwischen zwei Liebenden.

Lieber verschmähe ich die kostbarsten Systeme,
Vergegne lieber den Braten aus dem Priesters Tisch.

Als ob ich meiner friedlichen Herrschaft verlasse,
Denn, welchen ich im Sommer mir ergeben möchte.
Denn, welchen ich in Winter (an mich) befiehle.

1 Eigentlich mein Bekannter.
2 Ganz wörtlich: ihn, den Mund, ein Mund, d. h. die Linien, einen Mund.
3 Ganz wörtlich: würden sich der Mund in Wolfshaut, d. h. wäre er mit Wolfshaut bekleidet.
4 Wörtlich: ich würde ihm einen leichten Handschlag geben.
5 Ganz wörtlich wäre der Wind als Verstand beschlungen.
6 Oder: wäre als sprachmächtig.
7 Eigentlich: hören.
8 Ganz wörtlich: ein Welt zur Gänze, würde er (der Wind) die Macht in Bewegung bringen (wobei machten, d. h. würde er wieder schweifen bringen, etc. dieser Vers ist wie eine Säule, ein Gels, und Säule, nur ein Parallelismus zu dem nächsten vorangehenden. Solche Stücke man nicht sehen in der zymischen Roman-Dichtung.
9 Liebesleib, Herrschaft.
10 Ganz wörtlich: des Pfarrhumes Braten (Phr.) Ich liebe vergebung.
11 Oder: mit unendlich, d. h. machte dass er sich an mich schloss.
12 Oder: bedeutete, d. h. nach meinem Sinnen leichte.
Obras Completas de Almada Garrett

INGLÉZA.

Oh! if my beloved would come,
The first before seen, if he would appear;
Instantly I should press a kiss on his mouth, 8
Even though in (the mouth) were stained with the blood of a wolf. 9
His hand I should at the same time warmly (cordially) seize; 1
Even though a stroke wound round his finger. 1
Oh! if the wind had understanding, 1
The fresh reply's of the spring, if they were capable of speech:
A word they would bring longer. 1
A word they would return, 1
With intelligence they would quickly hasten. 1
Between two lovers—
I should sooner give up the mostest dishes, 1
Forget rather the roast-meat on the priest's table. 1
Than I forsake my dear beloved.
Him, whom in the summer I made attached to me, 18
Him, whom in the winter I captivated. 19

8 Or: intimate; properly: well-known.
9 Literally: so I should instantly offer my mouth, that is to say, kiss him.
10 Quite literally: even though his mouth were in the blood of a wolf; that is to say: if it were bespotted with the blood of a wolf.
11 Above literally: I should give him a light squeezing of the hand.
12 Quite literally: if the wind were as if possessing understanding.
13 Properly: foibles.
14 Literally: a word which were sufficient, they (the winds, the reply's) would not stop; that is to say: they would alternatively bring between, etc. This verse forms, as it appears, in sense and thought, a parenthesis, with the preceding verse. Both are not seldom met with in the Hebrew rude poetry.
15 Very near the gentlemen's (the lord's) meat.
16 Quite literally: forget rather the roast meats of the priest's house.
17 Or: attracted to me; that is to say: caused him to become attached to me.
18 Or, indeed, that is to say: made him submit to my will.
LATINA

O, si illae familiaris mens ventret,
Antea visus mihi apparet !
Statim ei os persilgerem, ¹
Etiam si esset lupi cruore maculatum. ²
Moveo eum sedum ³ praemerem.
Etiam si anguis crinitas cingerebatur ;
O esse venas esset ment praeditus ;
Si fllus ⁴ vere ulterre ⁵ lingues esset potens ;
Verbis sacro ferri, verum referret ;
Nullam vicinam mutis ageret ⁶
Inter duas amicitias —
Sejiciam postes foris ignitas expellere,
Quem carmis auro de inoma presbyteri ; ⁷  
O obliviscar,
Quo non in corde sibiorem docuerit ;
Quem aestate mihi dedissem reddidi, ⁸
Quem hine sunt manusrectici. ⁹

¹ Em mea suspicaris.
² Prope rite: etiam si in lapi crumce os esset, i. e. etiam si lapi crumma in aera eger eas.
³ Prope facile.
⁴ Prope rite: etiam si anguis in extremo muno (esset).
⁵ Sile: O, si venturi esset intelectus.
⁶ Sile: aura.
⁷ Recrueva.
⁸  Sic: verbum adducere, verbum reportare.
⁹ Prope: verbum plus quam sufficient in motum ageret (moveat).
¹⁰  Sic: Prope: de villa presbyteri, i. e. atque in villa presbyteri uter esse. Carmina aisse extret praebetam incensae apud pisida.
¹¹ Sic: quem aestate iia tractavi, ut se mihi dedierit.
¹² Sic: quem hine iia tractavi, ut mihi obediret.
IV
FRANCEZA
Ab! et mon bien-aimé! vaudrait venir,
Celui que je voyais làbas, voulût-il repartir?
A l'instant je penserais un baiser sur sa bouche,
Si même elle était lâchée de sang du loup.
Je saisais ardently sa main;
Quand même un serpent flût roux autour de ses doigts.
Où si le vent avait de la raison,
La fraîche haleine du printemps, si elle avait une langue:
Elle irritait chercher un mot, un mot elle le rapporterait;
Vite elle se hâteurit avec des nouvelles
Entre deux amants.
Plutôt je me passerait des mots les plus délicats,
J'entacherais plutôt le râle sur la table du postier,
Que je m'abandonne à la chari de mon cœur,
Celui qu'en été je m'attachai,
Celui que j'achèlerai pendant l'hiver.

**Properment dit, mon bien-aimé.**
*Littéralement: je lui tendrais à l'instant sa bouche, c'est-à- dire, je lui barjotterai.*
**Tout-d'abord litér. : fût même sa bouche d'un sang d'un loup, c-l-d-d il-fad'elle souillée de sang de l'ap.
Plus litér. : je lui donnerais un léger mors pour de bein.
* Tout-d'abord litér. : si le vent avait pensant de la raison.*
**Vous litétis. : en net, que soufflerie déjà, elle se met en mouvement, c-l-d-d il-e la portait alternativement entre, etc. (Le sera ne forme, comme il le prit, qu'un parallélisme de l'esprit et de la pensée avec le vers précédent qu'en trouve souvent dans la poésy je rumique flautio.)
A peu-près mouvoirier des Mousiques.
**Tout-d'abord litér. : sousbiteries plutôt les rôle du postbère.*
**On s'attirat vers moi, c-l-d-d il-f, qu'i s'attacha à moi.*
**On : approchrans, c-l-d-d il que je fia gitér à sa volonté.**
LETRA IV
NOTAS

Nota A
Coquetté dos prados.................................... pag. 157

A palavra coquetté não é portuguesa. Mas não há
remédio senão aceitá-la e dar-lhe a carta de natu-
ralização desde que a coisa se aforrou tanto entre
nós.

Nota B
Vor e árvores............................................. pag. 152

Parece-me, e quero confessar-o, que estes versos
são uma reminiscência de Lamière.

Nota C
No Lumiar.................................................. pag. 159

Tinha prometido estes versos sobre a visita de
Mrs Northam ao Lumiar, há três para quatro anos,
ao nosso comum amigo S. de L. Perdão-me se ele se
também tarde cumprir a minha promessa.— Dezembro,
1851.

Nota D
O Tejo......................................................... pag. 163

O Sr. Conde de Camburzane, secretário da Loga-
cção de Sardenha em Lisboa, foi ao sul pouco co-
hecido da nossa sociedade, nem o seria com vanta-
gem, porque danzar e jogar, jogar e danzar, de ve-
rão e de inverno, nossa ocupação exclusiva e úni-
ca, não podia ser a de um homem de forte pensar e
de volveu sentir.
Manda-lhe aqui estas saudades um dos poucos
portugueses que tiveram a fortuna de o conhecer.

Nota E
Deixo ao cura os seus anúncios........................ pag. 173

Este pequeno poema foi-me enviado de Stockol-
mo pelo ilustre literato o Sr. Butterquist, com as
tradições poéticas e literárias que publicou juntamente com o texto, e que me serviram para fazer a tradução portuguesa que com tanta insistência me pediram. Veio tudo acompanhado da seguinte explicação em francês, que — como se pocho textualmente também para melhor esclarecimento do assunto:

DEMI'QUES DIVERSES DE CETTE RÉCITA FINOSE 1

Ce petit poème, que l'on peut appeler une rémi-
niscence de l'état d'innocence primitive des peuples
et des langues, fut composé il y a peut-être quel-
qu' siècles, par une jeune paysanne finnoise. Comme
le chant l'indique, elle paraît avoir eu un amant au-
qu' elle avait donné son cœur et son premier amour,
mais qui, plus tard, pour une cause quelconque, l'aban-
donna, malgré les promesses de mariage qu'il avait
jurées à sa fiancée. Une circonstance pareille le n'a ja-
mais été et ne sera jamais rien d'extraordinaire;
c'est, nonobstant, le thème de ce chant si simple.
Simple, il est vrai; mais il ne manque pas pour cela
d'originalité, ni même de poésie, pareil en cela, du
reste, à tous les vieux et sublimes chants nationaux
du Nord. Le pourrait même à cet égard soutenir sans
exagération que celui qui nous occupe est l'un des
plus beaux produits de la poésie populaire. On trou-
ver, par exemple, une pensée plus sublime que celle
de la seconde strophe, où cette Sôpho, quoique n'étar
tant pourtant pas de ses échos, donne sous l'inspirati-
on du moment, l'esprit aux brûlants sentiments de
son cœur: «Oh! si le vent était doux de raison, et la
frathe haleine du printemps, si elle savait une lan
gue: ils porteraient alors un mot d’amour et le rap-
porterait entre deux amants. Mais que l’on n’ou-
blie pas non plus que c’est l’amour, chez cette poè-
te toute d'inspiration naturelle, née et grandie dans
un pays de forêts couvertes de roches et de glaciers,
qui lui a mis sur les lèvres ces paroles d’une si dou-
ce poésie. Quant à la 3ème ou dernière strophe, il ne
semble aussi nécessaire d’y fixer l’attention plus spéc

1 Ranz est un mot finno qui signifie Chanson. Les plus anciennes
charactères des peuples germaniques et scandinaves, qu’ils empo-
raient surtout dans le style lointaine, porte-t-à, comme l’ont fait, le
mot de Sanser de nos temps, pour désigner ce genre d’écriture.
cialie du lecteur. On pourrait, par aventure, regarder comme une espèce d'exception les expressions suivantes: "Peut-être je me prêterais des moûts le plus délicats, j'abriterais plutôt le récit sur la table du pasteur, que je n'abandonne le chéri de mon cœur." Pour celui qui ne connaît pas les particularités caractéristiques des pays scandinaves, et Peur appréciation des choses d'une image ou un objet concret parait au rôti sur la table du pasteur, pourrait paraître quelque chose d'étonnant en poésie: mais cette pensée qui cette image ne présente par contre rien d'étonnant, lorsque l'on est initié à la vie nationale de la Finlande. et surtout, si l'on sait quelle profonde vénération les paysans finnois avaient jadis pour leur prêtre, pour leur instituteur religieux: mais outre cette sainte vénération, que touchait presque à une adoration mystique, ils donnaient à ses biens matériels une valeur et leur montraient un respect non moins grand. La jeune fille, inspirée par le dieu de l'amour, n'aurait donc voulu pour les frisandises les plus recherchées au monde, pas même pour les méts les plus délicats que la table du pasteur pût offrir, se dépar- tir de l'objet aimé. Cette strophe renferme aussi, en conséquence, une pensée tout aussi raisonnable que belle. — Et quoique ce petit morceau lyrique soit un modèle de style simple et naturel, il me se fait, en vient de le voir, pas moins remarquer par un sentiment ardent, par sa force et surtout par des images hardies comme des poètes plus exercés et plus instruits en cherchant en vain.

J'ose dans tous les cas espérer qu'on ne m'impute raisonnablement pas à blâme, d'avoir, comme base de mon entreprise, choisi de préférence ce simple chant antique, au lieu de prendre un morceau moderne d'une autre tendance. Un original de caractère religieux, n'aurait, par exemple, inimitablement pas convenu; d'autant plus que comme il s'agit ici d'obtenir le plus grand nombre possible de traductions, non seulement en langues écrites mais encore en idiomes provinciaux, le morceau que j'ai choisi me paraît plus que tout autre propre à conduire à ce résultat.

S'il est vrai que maintenaient au but même de mon travail, je crois pouvoir déclarer à cet sujet, qu'à tous égards, une collection polyglotte semblable doit in-
dubitablement être fort intéressante pour les personnes possédant des connaissances philologiques plus ou moins grandes, et surtout pour celles qui s'occupent de linguistique comparée. Un résultat pareil dépend naturellement de la fidélité, de l'exactitude qui sera apportée à chaque traduction. L'on ne doit, en conséquence, pas considérer cette entreprise comme une affaire de curiosité, ni comme un simple amusement, mais comme un travail utile, autant que possible, pour l'histoire générale des langues.

Sous le point de vue de la réunion d'un si grand nombre de traductions, tant en dialectes qu'en langues écrites mortes et vivantes, elles seront rangées en ordre systématique basé sur leurs origines et leurs affinités. Le nombre d'idiomes dont cette carte philologique se composera, dépendra naturellement de la quantité de traductions que j'obtiendrai. Cependant, me fondant sur la bienveillance dont j'ai déjà été l'objet pendant le cours de quelques années, j'ose espérer que la collection se composera d'environ 200 ou 300 idiomes, dont je possède déjà un nombre assez considérable. Ce ouvrage sera encore augmenté de quelques appendices de musique, et d'une introduction philologico-historique. Ensuite, les traductions seront soumises que possible imprimées avec les caractères particuliers à chaque langue.

Enfin, que l'on me permette d'ajouter au sujet de cette Runa finnoise, qu'avant moi déjà, diverses personnes l'ont remarquée avec intérêt; je dois nommer entre autres le Conseiller d'État suedois E. Mr. A. F. de Sjöholm, l'auteur de "Études sur la Suède, la Finlande et la Norvège"; suivi d'une description en langue française, et portant le titre de "Voyage pittoresque au Cap Nord". La Runa que j'ai choisie se trouve dans cet ouvrage, tant en original, qu'en traduction française en prose. L'auteur y annonce qu'il le fut communiquée par Pr. Mich. Franzén (alors professeur à l'Académie d'Uppsala) comme un des meilleurs échantillons de la poésie runique finnoise, et l'un des plus propres à montrer à quel degré degré la nation finnoise possède l'inspiration poétique. Mais la langue finnoise est aussi sous le point de vue grammatical singulièrement flexible, elle est surtout
fort mélodieuse, ce qui lui donne une certaine ressemblance avec le Grec antique.

A peu près vers le même temps que l'ouvrage de Mr. de Skjoldbrand, apparut en anglais, d'un certain Joseph Arceh, une description de Voyage en Suède, en Finlande et en Laponie, dans laquelle se trouve aussi la même Runa, en traduction anglaise, faite toutefois assez librement. Cette description de Voyage, fort intéressante a été traduite en français et en allemand. Mais ces deux auteurs ne sont pas les seuls; le célèbre poète allemand Goethe a fait aussi de ce chant une traduction imprimée dans ses: Poetische und Prosaische Werke.

QUELQUES INDICATIONS PARTICULIÈRES POUR LES TRADUCTEURS DE CE CHANT

1. MM. les traducteurs voudront bien suivre, aussi fidèlement que possible, l'une des trois traductions verbales ci-dessous. 2. Quant aux idiommes dans lesquels il serait difficile et peut-être même impossible de faire des traductions en vers, l'on devra, dans un tel cas, se contenter de les faire en prose, plutôt que de ne pas faire du tout. Je désire toutefois que ces traductions soient en vers libres (non rimés), comme les trois traductions verbales. 3. Si le traducteur voulait communiquer quelques explications grammaticales sous forme de notes, elles seraient reçues avec la plus grande reconnaissance. 4. De même, si quelqu'un voulait se charger, en cas que ce fût possible, de procurer de la musique à l'une des traductions, ce serait aussi une chose que je désirerais volontiers. 5. MM. les traducteurs sont priés d'écrire les leurs traductions, aussi distinctement que possible, pour éviter les fautes typographiques qui pourraient s'y glisser. 6. L'on ne doit pas oublier de traduire le titre: Chant d'une jeune paysanne finnoise. 7. Chaque traducteur voudra bien signer sa traduction.

G. G. ZETTERQUIST.
| INDICE |
|-----------------|-----|
| Lyríca III—Advertência | 1   |
| Flores sem fructo | 3   |
| Livro Primeiro: |
| I Hymno à poesia | 9   |
| II A Julio | 11  |
| III O mar | 13  |
| IV Belleza e bondade | 19  |
| V O sacrifício | 20  |
| VI A lyra | 30  |
| VII Gosto da vida | 21  |
| VIII A força da mulher | 22  |
| IX A rosa | 23  |
| X A pombinha | 25  |
| XI O genio de Pindaro | 25  |
| XII Glycera | 26  |
| XIII O hyunverno | 26  |
| XIV A espada do poeta | 27  |
| XV Osear | 28  |
| XVI A Domingos Sequeira | 34  |
| XVII A cauverna de Viriato | 36  |
| XVIII O Anno Veinho | 49  |
| XIX A tempestade | 46  |
| XX Tronco despido | 48  |
| XXI Solidão | 48  |
| Livro seguinte: |
| I A victoria na Praia | 52  |
| II O juramento | 63  |
| III No álbum d'um amigo | 63  |
| IV Não creio n'este rigor | 63  |
| V O rampo de Cypresta | 66  |
| VI Flor singela | 67  |
| VII Ramo secco | 67  |
| VIII Nanca mais | 69  |

Lyríca II
| IX | A minha rosa                                      | 74 |
| X  | Suspirio d' alma                                   | 75 |
| XI | O Emprazado                                      | 76 |
| XII| A estrela                                         | 77 |
| XIII| L'Alcyon au Cap.                                 | 78 |
| XIV| O Alcyon no Cavo                                 | 79 |
| XV | O pharol e o baixel                              | 84 |
| XV | Sentença d'amor                                  | 85 |
| XVI| Giralda                                          | 86 |
| XVII| Já não sou poeta                                 | 87 |
| XVIII| Livro da vida                                    | 87 |
| XIX| As minhas azas                                   | 87 |
| XX | Kynelethiôn                                      | 89 |
| XXI| Olhos negros                                     | 90 |
| XXII| A uma viuva                                       | 91 |
| XXIII| Ella                                            | 91 |
| XXIV| Nova Heloíza                                      | 97 |
| XXV| O Natal de Cristo                                | 103 |
| XXVI| O Redemptor                                      | 104 |
|    | Avulsas (Ode a fábulas)                           | 104 |
|    | Notas                                            | 105 |

### Lírica IV — Últimos versos: Folhas caídas

<p>| | |</p>
<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th></th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td><strong>Dias Editores</strong> ........................................... 113</td>
</tr>
<tr>
<td>Advertência .............................................. 114</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

### Livro Primeiro:

<p>| | |</p>
<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th></th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>I</td>
<td>Ignoto Deo .................................................. 117</td>
</tr>
<tr>
<td>II</td>
<td>Adeus .................................................................. 118</td>
</tr>
<tr>
<td>III</td>
<td>Quando a nossa .............................................. 130</td>
</tr>
<tr>
<td>IV</td>
<td>Aquella noite ................................................ 131</td>
</tr>
<tr>
<td>V</td>
<td>O anjo caído .................................................. 125</td>
</tr>
<tr>
<td>VI</td>
<td>O album .......................................................... 128</td>
</tr>
<tr>
<td>VII</td>
<td>Saudades .......................................................... 127</td>
</tr>
<tr>
<td>VIII</td>
<td>Este inferno de amor ...................................... 128</td>
</tr>
<tr>
<td>IX</td>
<td>Destino .......................................................... 129</td>
</tr>
<tr>
<td>X</td>
<td>Gosto o dor ...................................................... 129</td>
</tr>
<tr>
<td>XI</td>
<td>Perfume da rosa ............................................... 176</td>
</tr>
<tr>
<td>XII</td>
<td>Rosa sem espíritos ........................................... 131</td>
</tr>
<tr>
<td>XIII</td>
<td>Rosa palpita ................................................... 132</td>
</tr>
<tr>
<td>XIV</td>
<td>Flor de venusta ............................................... 133</td>
</tr>
<tr>
<td>XV</td>
<td>Bella d' amor .................................................. 134</td>
</tr>
<tr>
<td>XVI</td>
<td>Os cinco sentidos ............................................ 135</td>
</tr>
<tr>
<td>XVII</td>
<td>Rosa e linha ................................................... 136</td>
</tr>
<tr>
<td>XVIII</td>
<td>Coquete dos prados ......................................... 137</td>
</tr>
<tr>
<td>XIX</td>
<td>Cascaes ............................................................ 137</td>
</tr>
<tr>
<td>XX</td>
<td>Estes sitiços! ................................................... 139</td>
</tr>
<tr>
<td>Livro</td>
<td>Capítulo</td>
</tr>
<tr>
<td>-------</td>
<td>----------</td>
</tr>
<tr>
<td>XXI</td>
<td>Não te amo</td>
</tr>
<tr>
<td>XXII</td>
<td>Não és tua</td>
</tr>
<tr>
<td>XXIII</td>
<td>Beleza</td>
</tr>
<tr>
<td>XXIV</td>
<td>Anjo és</td>
</tr>
<tr>
<td>XXV</td>
<td>Vibora</td>
</tr>
</tbody>
</table>

**Livro Segundo:**

<table>
<thead>
<tr>
<th>Capítulo</th>
<th>Índice</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>I</td>
<td>Barca bella</td>
</tr>
<tr>
<td>II</td>
<td>A coroa</td>
</tr>
<tr>
<td>III</td>
<td>Sina</td>
</tr>
<tr>
<td>IV</td>
<td>Ai Helena</td>
</tr>
<tr>
<td>V</td>
<td>The rose - A sigh</td>
</tr>
<tr>
<td>VI</td>
<td>A rosa - Um suspiro</td>
</tr>
<tr>
<td>VII</td>
<td>Retrato</td>
</tr>
<tr>
<td>VII</td>
<td>Lucinda</td>
</tr>
<tr>
<td>VIII</td>
<td>As duas rosas</td>
</tr>
<tr>
<td>IX</td>
<td>Voz e aroma</td>
</tr>
<tr>
<td>X</td>
<td>Seus olhos</td>
</tr>
<tr>
<td>XI</td>
<td>A Delia</td>
</tr>
<tr>
<td>XII</td>
<td>A jovem americana</td>
</tr>
<tr>
<td>XIII</td>
<td>Adeus mãe</td>
</tr>
<tr>
<td>XIV</td>
<td>Ave, Maria</td>
</tr>
<tr>
<td>XV</td>
<td>Os exilados</td>
</tr>
<tr>
<td>XVI</td>
<td>Pronto</td>
</tr>
<tr>
<td>XVII</td>
<td>No Luminar</td>
</tr>
<tr>
<td>XVIII</td>
<td>A um amigo</td>
</tr>
<tr>
<td>XIX</td>
<td>Os Lusíadas</td>
</tr>
<tr>
<td>XX</td>
<td>O Tejo</td>
</tr>
<tr>
<td>XXI</td>
<td>Canção da donzella Finlandesa</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Traduções literais</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Notas</td>
</tr>
</tbody>
</table>